## Em Busca do Jesus Histórico

**segunda-feira, 24 de maio de 2010**
### Hillel, Shammai, Gamaliel

Nos primórdios da era cristã havia duas escolas principais de interpretação legal, fundadas respectivamente por Shammai e Hillel. À escola de Shammai tradicionalmente é atribuída uma interpretação mais rígida do que à escola de Hillel – não apenas na aplicação das leis individuais, mas também na postura, em relação à lei como um todo. Os discípulos de Shammai consideravam a quebra da lei (por ação ou omissão) uma quebra da lei como tal, enquanto os discípulos de Hillel ensinavam que o julgamento divino estava relacionado à preponderância do bem ou do mal, na vida inteira da pessoa.

Uma das afirmações mais bem conhecidas de Hillel é sua resposta a um homem que lhe pediu para resumir toda a lei no menor número possível de palavras. Hillel disse: “Aquilo que para você é detestável, não o faça aos outros, isso é toda a lei, todo o resto é comentário”. Essa citação da regra de ouro negativa como resumo da lei podia ser interpretada de maneiras que muitos fariseus teriam considerado perigosas. Mesmo se não foi essa a intenção de Hillel, pode ter encorajado alguém a argumentar, ao defrontar-se com um mandamento específico da lei, que este era obrigatório apenas até o ponto de evitar o sofrimento do próximo ou promovia o seu bem. Isso, segundo a opinião prevalente entre os rabinos, introduzia um critério subjetivo ilícito; era muito melhor que as pessoas, ao serem confrontadas com um mandamento da lei, obedecessem a ela simplesmente porque era um mandamento do Santo: não há porque perguntar por quê.

Que tipo de fariseu era Paulo? A pergunta não é fácil de responder. De acordo com Atos 22.3, ele foi instruído na escola de Gamaliel, e a tradição posterior faz de Gamaliel o sucessor de Hillel e líder da sua escola, e às vezes até seu filho ou neto. Mas as tradições mais antigas que refletem algumas recordações diretas do homem e seu ensino não estabelecem nenhum vínculo entre ele e a escola de Hillel. Em vez disso, falam de pessoas que pertenciam à escola de Gamaliel, como se ele tivesse fundado a sua própria.

Há certa dificuldade em distinguir as tradições sobre esse Gamaliel daquelas sobre um professor posterior com o mesmo nome (Gamaliel II, c. 100 d.C.), mas as tradições que pressupõe que o templo ainda estava de pé, certamente se referem ao Gamaliel anterior. Dizia-se que, “quando Rabban Gamaliel mais velho morreu, a glória da Tora cessou, e pureza e separação morreram” – o que quase equivale a dizer que ele foi o último dos verdadeiros fariseus, já que “separação” (heb. p’rîsût) vem da mesma raiz de “fariseus” e pode até ser traduzido por “farisaísmo”. Ente as regulamentações que lhe são atribuídas, está uma que liberaliza a lei do novo casamento após o divórcio.

Tanto nas tradições rabínicas como no Novo Testamento Gamaliel aparece como membro do Sinédrio. Lucas relata que, no estágio inicial da igreja em Jerusalém, os apóstolos foram acusados perante esse tribunal de desobedecer a sua orientação anterior de não ensinar publicamente no nome de Jesus. Quando alguns membros do tribunal queriam tomar medidas extremas contra eles, “um fariseu, chamado Gamaliel, mestre da lei, acatado por todo o povo” (At 5.34), lembrou seus colegas de outros movimentos no passado recente que pareciam ser perigosos por um tempo curto, mas logo entraram em colapso. E ele acrescentou (v. 38s):
**"Agora, vos digo: dai de mão a estes homens, deixai-os; porque, se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus".**

Isso certamente é doutrina típica dos fariseus. As pessoas podem desobedecer a Deus, mas sua vontade triunfará mesmo assim. A vontade do ser humano não é cerceada, mas o que ele quer é superado por Deus, quando realiza os seus propósitos. Nas palavras de um rabino posterior, o fabricante de sandálias Yohanan, “todo ajuntamento em prol do céu será confirmado, mas o que não é em prol do céu no fim não será confirmado”. Que Gamaliel seguiu a linha atribuída a ele por Lucas é o que devíamos esperar.

No entanto, se essa era a linha de Gamaliel, certamente não era a de Paulo. Na maioria das questões, por exemplo, na esperança da ressurreição e nos métodos de exegese bíblica, Paulo provavelmente foi um aluno apto e um seguidor fiel do seu professor. Até se chegou a pensar que um aluno de Gamaliel do qual não se diz o nome, mas que apresentou "descaramento em questões de estudo" e tentou refutar seu professor, era ninguém menos que Paulo. Se esse é o caso (o que é bastante incerto), então a tradição reflete a desaprovação com o posterior abandono do caminho rabínico por Paulo; não preserva uma recordação da conduta de Paulo, enquanto esteve aos pés de Gamaliel. Em um aspecto, porém, Paulo desviou-se do exemplo do seu mestre: ele repudiou o a idéia de que uma política de contemporização era a mais adequada em relação aos discípulos de Jesus. Em sua cabeça, esse novo movimento constituía uma ameaça mais mortal a tudo o que ele aprendera a valorizar do que Gamaliel parecia capaz de entender. Além disso, o temperamento de Paulo parece ter sido bem diferente do de Gamaliel: em contraste com a paciência e tolerância de estadista de Gamaliel, Paulo era caracterizado, em suas próprias palavras, por uma superabundância de zelo – que, realmente, ele nunca perdeu de todo.

Como o objeto do seu zelo eram as tradições dos ancestrais – a antiga lei de Israel e sua interpretação como era ensinada na escola de Gamaliel – não devemos ficar surpresos de saber que ele estava insatisfeito com a idéia dos seguidores de Hillel de que um mera preponderância do bem sobre o mal, na vida de alguém, era suficiente para lhe conseguir um veredito favorável, no dia do julgamento. Nesse ponto, pelo menos, ele parece ter se inclinado mais para a posição dos seguidores de Shammai de que a lei tinha de ser obedecida em sua totalidade. Que essa era a postura de Paulo está implícito mais tarde, quando ele diz aos seus convertidos na Galácia, que estavam sendo pressionados a adotar certas exigências legais do judaísmo, que eles não podiam pensar que, se escolhessem essa maneira de ser aceitos por Deus, podiam escolher os que quisessem entre os mandamentos divinos: **"Testifico a todo homem que se deixa circuncidar, que está obrigado a guardar toda a lei" (Gl 5.3).** Essa atitude em relação à lei determinou a atitude hostil de Paulo em relação aos seguidores de Jesus e seu ensino.
Jesus Histórico às 19:03

**arta-feira, 15 de julho de 2009**

**Jesus e Hillel**
"Todo aquele que comete pecado é escravo do pecado; ora o servo não fica para sempre em casa, o Filho fica para sempre; se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres."

Hillel foi um Fariseu que atingiu grande notoriedade,acabou por morrer um pouco depois de Jesus ter nascido, por isso muitos fariseus acabam por comparar este com Jesus, no entanto o Autor mostra-nos que Cristo está acima de qualquer homem.

Boa Leitura!

A infinita elevação de Cristo acima dos homens do seu País e tempo, e o seu mortal conflito com os Fariseus e Escribas são tão evidentes que parece irrelevante e absurdo criar um paralelo entre Ele e Hillel ou qualquer outro Rabino. E no entanto, tem sido feito por alguns modernos Rabinos Judaicos, como Geiger, Gratz, Friedlander, que corajosamente afirmam, sem sombra de uma prova histórica, que Jesus era um fariseu, um discípulo de Hillel, e devendo a ele os seus mais altos princípios morais. Por este elogio tentam desapreciar a sua originalidade. *Abraham Geiger (d. 1874) diz na sua Das Judenthum und seine Geschichte (Breslau, 2d ed. 1865, vol. I. p. 117): "Jesus war ein Jude, ein pharisäischer Jude mit galiläischer Färbung, ein Mann der die Hofnungen der Zeit theilte und diese Hoffnungen in sich erfüllt glaubte. Einen neuen Gedanken sprach er keineswegs aus [!], auch brach er nicht etwa die Schranken der Nationalität .... Er hob nicht im Entferntesten etwas vom Judenthum auf; er war ein Pharisäer, der auch in den Wegen Hillels ging." This view is repeated by Rabbi Dr. M. H. Friedlander, in his Geschichtsbilder aus der Zeit der Tanaite n und Amoräer. Ein Beitrag zur Geschichte des Talmuds (Brünn, 1879, p. 32): "Jesus, oder Jeschu, war der Sohn eines Zimmermeisters, Namens Josef, aus Nazareth. Seine Mutter hiess Mirjam oder Maria. Selbst der als conservativer Katholik [sic!] wie als bedeutender Gelehrter bekannte Ewald nennt ihn 'Jesus den Sohn Josef',.... Wenn auch Jesus' Gelehrsamkeit nicht riesig war, da die Galiläer auf keiner hohen Stufe der Cultur standen, so zeichnete er sich doch durch Seelenadel, Gemüthlichkeit und Herzensgü te vortheilhaft aus. Hillel I. scheint sein Vorbild und Musterbild gewesen zu sein; denn der hillelianische Grundsatz: 'Was dir nicht recht ist, füge, deinen Nebenmenschen nicht zu,' war das Grundprincip seiner Lehren."* Renan faz uma similar afirmação, na sua Vie de Jésus (Chap. III. p. 35), mas com consideráveis qualificações: "*Par sa pauvreté humblement supportée, par la douceur de son caractère, par l'opposition qu'il faisait aux hypocrites et aux prêtres, Hillel fut le vrai maître de Jésus, s'il est permis de parler de maître, quand il s'agit d'une si haute originalité.*" Esta comparação foi efectivamente disposta por prestigiados estudiosos como o Dr. Delitzsch, no seu valioso opúsculo

Jesus und Hillel *(Erlangen, 3d revised ed. 1879, 40 pp.); Ewald, V. 12–48 (Die Schule Hillel's und deren Geqner); Keim I. 268 – 272; Schürer, p. 456; and Farrar, Life of Christ, II. 453 – 460.* Todos esses escritores chegaram à mesma conclusão da perfeita independência e originalidade de Jesus. No obstante, é interessante analisar os factos do caso.
Hillel e Shammai são os mais distintos entre os Rabinos Judaicos. Eram dois contemporâneos fundadores de duas escolas rivais de Teologia Judaica (como São Tomás de Aquino e Duns Scotus são duas escolas de Teologia Escolástica). É estranho que Josefo não os menciona, só se os menciona com os nomes helenizados de Sameas e Pollion. Mas esses nomes concordam melhor com Shemaja e Abtalion, dois célebres Fariseus e Mestres de Hillel e Shammai, aliás ele designa Sameas como discípulo de Pollion (ver Ewald, V. 22-26; Schurer, p. 455). A tradição talmúdica obscureceu as suas histórias e embelezou-a com muitas fábulas.
Hillel I. ou o Grande foi um descendente da família real de David, e nascido na Babilónia. Ele exilou-se em Jerusalém com grande pobreza, e morreu cerca do A. D. 10. Dele se diz ter dito que vivera 120 anos, como Moisés, 40 anos sem aprender, 40 anos como estudante e 40 anos como Mestre. Ele é o avô do Sábio Gamaliel em cuja família a residência do sinédrio era hereditária por várias gerações. Pelo seu zelo ardente por sabedoria, e sua pura, amável e gentil personagem, ele atingiu grande notoriedade. Ele disse ter entendido todas as línguas, mesmo as línguas desconhecidas de montanhas, montes, vales, árvores, animais selvagens e domésticos, e demónios. Ele era chamado "o gentil, o sagrado, o erudito de Erza." Havia um provérbio: "O Homem deveria ser sempre manso como Hillel, e não exaltado como Shammai." Ele difere do Rabino Shammai por uma interpretação mais suave da lei, mas em alguns pontos, como a grande pergunta se estava certo ou errado comer um ovo num dia de Sábado, aí teve uma visão mais rígida. Uma linha do Talmude é chamada Beza, o Ovo, depois desta famosa disputa. Que distância deste que disse: "O Sábado foi feito para o Homem, e não o Homem para o Sábado: então o Filho do Homem é Senhor mesmo do Sábado."
Muitos sábios provérbios, embora parcialmente obscuros e de interpretação duvidosa, são atribuídos a Hillel em linha com Pirke Aboth (que é consagrado na Mishna e enumerado, no Cap. 1, os pilares da tradição Judaica de Moisés até à destruição de Jerusalém). A seguir estão os melhores:
"Ser discípulo de Aarão, que ama a Paz e constrói a Paz; Amar os Homens, e insere-lhes a lei."
"Aquele que abusa de um bom nome (ou, é ambicioso em engrandecer o seu nome) destrói-o."
"Quem não aumentar o seu conhecimento diminui-o."
"Não te separes da congregação, e não tenhas confiança em ti mesmo até aos dias da tua morte."
"Se eu não me importo com minha alma, quem se importará por mim? Se só me importo com minha alma, o que é que sou? Se não agora, quando?"
"Não julgues o teu próximo até estares na mesma condição dele."
"Diga não, Eu hei-de arrepender quando tiver tempo-livre, com receio que esse tempo-livre nunca seja seu."
"O Homem de paixão nunca será um professor."
"No lugar onde não há homens, sê um Homem."
Mas o seu altivo Farisaísmo é claramente visto nesta declaração: "Nenhum homem ignorante facilmente evita o pecado; nenhuma pessoa comum é piedosa." Os inimigos de Cristo no Sinédrio disseram o mesmo (Jo 7:49): "Mas essa multidão que não conhece a Lei, é gente maldita!" Alguns de seus ensinamentos são de duvidosa moralidade, por exemplo, a sua decisão que, na perspectiva de uma vaga expressão em Dt. 24:1, um homem pode expulsar a sua mulher "mesmo que ela cozinha o seu jantar mal." Esta é porém, suavizada por Rabinos modernos, de modo a significar: "se ela trazer descrédito sobre a sua casa"
AP à(s) 10:15

**Jesus plagiou "Hillel e Shamay" os fariseus?**

Sobre Hillel o Talmude Sukot 28a. nos dá algumas informações: judeu da tribo de Benjamim que viveu entre os anos de 60a.e.c. à 9 e.c., era um Rabbi amável com seus discípulos e com estranhos também, tinha 80 discípulos dispostos em pares(2 em 2) que difundiam seus ensinamentos, o que nos chama a atenção é o fato de Jesus também possuir discípulos dispostos em pares de 2 em 2, apenas com uma diferença, Jesus tinha 70 discípulos(Lucas10:1)...

As citações de Jesus e de Hillel - Semelhanças

Passarei agora a mostrar as principais citações de Jesus que são muito parecidas quando não idênticas com as citações do Rabbi Hillel que chegou a ser contemporâneo de Jesus, quanto este era menino.

Jesus: "Bendizei aos que vos maldizem e orai pelos que vos caluniam"(Lucas6:28)
Hillel: "Se alguém busca em te fazer o mal, farás bem em orar por ele"(Talmud Bavil Shabat 158c)

Jesus: "Porque eu vos digo: até que o céu e a terra passem, nenhum yod ou til jamais passará da

Torah, até que tudo se cumpra"(Mateus5:18)
Hillel: "Nenhuma letra da Torah jamais será abolida"(Talmud Shemot Raba 6.1

Jesus: "Bem-aventurados os misericordiosos porque alcançarão misericórdia"(Mateus5:7)
Hillel: "Aquele que é misericordioso para com os outros receberá misericórdia do Céu"(Talmud Bavil Shabat 158b)

Jesus: "Porque vês o cisco no olho de teu irmão, e não reparas a trave que está no teu próprio olho"(Mateus7:3)
Hillel: "Eles falam: 'Remova o cisco de teu olho', e ele retrucará: 'Remova a trave que está em seu próprio olho"(Talmud Bavil Baba Bathra 15b)

Jesus: "O Shabat foi feito por causa do homem e não o homem por causa do Shabat"(Marcos2:27)
Hillel: "O Shabat foi feito em prol do homem e não o homem por causa do Shabat"(Talmud Bavil Yoma 85b)

Jesus: "Tudo, quanto pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós a eles, porque esta é a Torah e os Profetas"(Mateus7:12)
Hillel: "Não faça aos outros o que não deseja que façam a você, esta é toda a Torah, o restante é comentário, vai e pratica isto"(Talmud Bavil Shabat 31a)

Yeshua: "Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança fora de ti....."(Mateus5:29)
Hillel: "Se o teu olho direito de ofende, arranca-o e corta fora.....(Talmud Bavil Nidah 13b)

Jesus: "Não julgueis para não serdes julgado, pois, com a medida com que julgares, sereis julgado também, e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também"(Mateus7:1e2)
Hillel: "A mesma medida com que um homem mede, eles usarão para medi-lo em retorno"(Talmud Sotah 8b - middah keneged middah)

Jesus: "Qualquer, porém, que fizer ropeçar a um destes meus pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado nas profundezas do mar"(Mateus18:6)
Hillel: "Com tamanha pedra amarada ao pescoço, como poderá ele ocupar-se de estudar a Torah"(Talmud Bavil Kidushin 29b)

Jesus: "Estava nu e me vestistes, enfermo e me visitastes, preso e foste ver-me"(Mateus25:36)
Hillel: "Adonai Eterno é descrito vestindo os nus(Adão e Eva - Gên.3:21), visitando os doentes(Abraão - Gên.18:1), confortando os enlutados(Isaak - Gên.24:63) e sepultando os motos(Moisés - Deut.34:5e6)"(Talmud Sotah 14a)

Esta próxima citação de Jesus é muito semelhante a de um outro Rabbi chamado Shammai que foi também contemporâneo de Hillel e que aliás eram opositores um do outro, Jesus concorda com Shammai no caso do divórcio.

Jesus: "Eu porém, vos digo: Qualquer que repudiar sua mulher, exceto no caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera....."Mateus5:32)
Shammai: "Vocês só deverão dar carta de divórcio se vossas mulheres cometerem adultério....."(Talmud Bavil em Mishinah Gittin 9:10)

Nisto vemos que Jesus conhecia muito bem o Talmud ensinado em seu tempo, e os judeus acusam-o de plagiar os rabinos do passado, afinal, isto é muito comum até hoje, um rabino usar ensinamentos de outro rabino famoso, mas a diferença entre um Rabino e Jesus é que OS RABINOS SÃO OBRIGADOS A DAREM CREDITO AOS ANTERIORES...

"Os rabinos costumam dizer: “Jesus, o Nazareno, não ensinou coisas novas; todos os belos provérbios que ele usava não provinham dele. Todas as palavras de moral que ensinava não eram dele. Ele bebeu toda sua inovação dos ensinos rabínicos.” Opiniões como esta são as difundidas nos meios judaicos...

“Nas próximas linhas, serão comparadas as proclamações do “Nazareno” e as proclamações de diferentes rabinos, com seus respectivos nomes, bem como a época que viveram. Com isso, discutiremos quem poderia ter recebido de quem seus respectivos ensinamentos.

1. Rabi Gamaliel Barabi, disse: “todo aquele que se compadece pelas pessoas, haverá compaixão sobre ele desde os Céus; e todo aquele que não se compadece pelas pessoas, não virá sobre ele a compaixão desde os Céus.” (Talmude babilônico, Shabat 151a).

Jesus, o Nazareno, disse: “Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.” (Mt 5;7).

Estes dois ditos são semelhantes, sendo um longo e o outro curto. Quem foi o primeiro a ensinar ao mundo a importância da misericórdia e a sua grandeza? Foi Jesus, o Nazareno, que viveu quase duzentos anos antes de Rabi Gamaliel Barabi? Ou foi o Rabino que apenas REPETIA OS ENSINAMENTOS DA TRADIÇÃO PASSADOS PARA ELE EM NOME DE SEUS RABINOS ANTERIORES?

2. Disse o Rabi Abahu: “Um homem deve sempre tentar ser [parte do grupo] dos perseguidos, e não [ser parte do grupo] dos perseguidores, já que não existe nenhuma dentre as aves mais perseguidos do que pombas e pombos, e ainda Escritura os [privilegiou] serem preparados sobre o altar1. (Talmude Babilônico, Bavá Qamá 93a).

Disse Jesus o Nazareno: “Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.” (Mt 5:10). Jesus precedeu a Abahu em 300 anos; por isso não há como argumentar que ele extraiu suas palavras de Rabi Abahu... MAS AMBOS BEBERAM NA MESMA FONTE: A TRADIÇÃO FARISAICA...

3. Resh Lakish disse: “Todo [aquele que] estende a mão contra seu companheiro se chama iníquo”2.

Jesus disse: “Eu, porém, vos digo que todo aquele que se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo;” (Mt 5:22).

Entre estes dois princípios há uma similaridade interna e não exterior. Há entre eles uma relação sinalizando que os dois procederam de uma única origem. Qual é a origem? A TRADIÇÃO FARISAICA já que Resh Lakish não nascera a não ser quase 180 anos depois de Jesus...

4. Disse Rabi Yossi, em [nome de] Rabi Yehudá: “Será, pois, teu sim justiça e o teu não justiça!”, Abaiê disse: “que não fale uma coisa no coração e outra pela boca” (Baba Metsiá 49a).

Jesus, o Nazareno, disse: “Seja, pois, teu falar sim sim e não não” (Mt 5:37). Rabi Yossi e Abaiê ensinaram sua doutrina 250 anos depois de Jesus ATRIBUINDO-A A TRADIÇÃO DOS SÁBIOS FARISEUS...

5. Raba disse: “Todo [aquele] que perdoa as suas retaliações, são perdoados todos os seus pecados” (Derech Eretz Zutá 8).

Jesus, o Nazareno, disse: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará a vós;” (Mt 6:14) – quase 300 anos antes de Raba que ensinou em NOME DE SEUS MESTRES ANTERIORES.

6. Ensinava Rabi Shimeon bar Eliezer: “Vistes dentre teus dias animais e aves que possuem criadores e eis que se alimentam estes seres e não vivem em sofrimento, e não foram criados a não ser para nós os usemos? E eu, que fui criado para se utilizar da criação, não terei minhas necessidades, pois, saciadas e não serei livrado de aflições”? (Talmude Babilônico, Kidushin 82a).

Jesus, o Nazareno, ensinou: “Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em
celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não valeis vós muito mais do que elas?” (Mt 6:26). Jesus ensinou este princípio 200 anos antes do Rabi Shimeon bar Eliezer QUEM ATRIBUIU SEU ENSINAMENTO A TRADIÇÃO FARISAICA DA ESCOLA DE HILLEL.

7. Rabi Eliezer disse em nome de seus MESTRES ANTERIORES: “Todo aquele que tem uma fatia de pão no seu cesto e diz: que comerei amanhã?
Este é o que possui um ato digno dos pequenos de fé” (Talmude Babilônico, Sotá 48b).

Jesus, o Nazareno, cem anos antes do grande Rabi Eliezer, tinha dito: “Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que havemos de comer? ou: Que havemos de beber? ou: Com que nos havemos de vestir? [...] Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã; porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.” (Mt 6:31;34).

8. Rabi Meir tinha dito: “Na medida em que um homem mede lhe medirão.” (Sanhedrin 2b).

Jesus, o Nazareno, dizia: “Porque com o juízo com que julgais, sereis julgados; e com a medida com que medis vos medirão a vós.” (Mt 7:2). Rabi Meir viveu e exerceu quase que 130 anos depois de

Jesus mas deixou registrado de onde adquiriu tal ensinamento: A ESCOLA FARISAICA...

9. Palavras do Rabi Yochanan, filho de Nafcha: “Diz-lhe: lança o argueiro de entre os teus olhos; diz-lhe: Lança a trave de entre os teus olhos” (Talmude Babilônico, Baba Batra 15b).

As palavras de Jesus, o Nazareno, 180 anos antes do Rabi Yochanan: “E por que vês o argueiro no olho do teu irmão, e não reparas na trave que está no teu olho?” (Mt 7:3).

10. Ensinou Elisha ben Abuyá: “um homem que tem boas obras e ensina muito a Torá, a quem ele se assemelha? Ao homem que constrói pedras em baixo e depois tijolos; e, vindo muitas águas e irem de encontro a elas, não as mudam de lugar. E um homem que não tem boas obras e estuda a Torá, a quem ele se assemelha? A um homem que construiu inicialmente [com] tijolos e depois [pôs] as pedras; e, vindo então muitas águas correntes, de repente as despedaça [as pedras e os tijolos]” (Pirkêi de-Rabi Natan 24;1-2). O PIRKEY AVOT DIZ CLARAMENTE QUE SEUS ENSINAMENTOS PROVEEM DA TRADIÇÃO DA LEI ORAL DOS FARISEUS RECEBIDA NO MONTE SINAI E PASSADA DE GERAÇÃO A GERAÇÃO...

Jesus, o Nazareno, ensinou, quase 200 anos antes de Ben-Abuyá SEM ATRIBUIR SEUS ENSINAMENTOS AOS SÁBIOS ANTERIORES: “E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda” (Mt 7;26-27).

11. Disse o Rabi Shimeon ben Gamaliel: “não é o estudo o fundamental, mas a prática” (Talmude Babilônico, Avôt 1;7).

100 anos antes deste disse Jesus: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no Reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mt 7;21).

12. Rabi Tarfon disse EM NOME DE SEUS MESTRES DA ESCOLA DE HILLEL: “hoje [o dia está] curto e muita é a obra, e os que trabalham são preguiçosos e o galardão é muito e o dono da casa está necessitado”.

Jesus, o Nazareno, 100 anos antes de Rabi Tarfon, disse: “Então, disse aos seus discípulos: A seara é realmente grande, mas poucos são os obreiros” (Mt 9;37).

13. Rabi Shmuel haKatan, disse aos seus discípulos: “da forma como ensinei [diligentemente] ante vós de graça, do mesmo modo ensinareis [diligentemente] de graça”.

200 anos antes dele, disse Jesus, o Nazareno, aos seus discípulos: “de graça o recebestes, de graça o daí” (Mt 10;8b).

14. Ensinava Rabi Yirmeyah EM NOME DA TRADIÇÃO: “todo aquele que humilha a si próprio por causa das palavras da Torá neste mundo, será engrandecido no mundo vindouro; e todo [aquele que] se coloca como um servo, por causa das palavras da Torá, neste mundo, será feito livre no mundo vindouro” (Talmude Babilônico, Bavá Metziá, 85b).

Ensinou Jesus, o Nazareno, 200 anos antes daquele: “Porque o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado” (Mt 23;12).

15. Yochanan, em [nome de] Rabi Yosef pôs [em questão]: “o Shabat foi entregue em vossas mãos, e nãos vós entregues a ele [ao Shabat]” (Talmude Babilônico, Yomá, 85b).

Jesus, o Nazareno, ensinou: “O Shabat foi feito por causa do homem, e não o homem, por causa do Shabat” (Mc 2;27).

16. Disse Rav Sheshet: “todo [aquele que] olhar para o menor dedo de uma mulher, é como se olhasse para a vergonha [dela]” (Talmude Babilônico, Shabat, 64b).

Disse Jesus, o Nazareno: “qualquer que atentar numa mulher, para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela” (Mt 5;28).”

Isso nos mostra duas coisas fundamentais:

Primeiro que Jesus conhecia A TRADIÇÃO e também extraiu o melhor dos sábios Rabinos de sua época.

Então quem tomou de quem?
“Existe uma chave para a liberdade: Pense! Se quiseres ser um cordeiro, seja feita a tua vontade. Não reclames, entretanto, quando fores servido em nosso grande Sabbath!” Um “bem velho” dito pagão, do século XX

Como você deve saber um dos primeiros a reconhecer as semelhanças dos ensinos de Jesus de Nazaré e das escolas rabínicas foi o Rabbi Jacob Emden (Seder Olam Tabbah Vezuta (1757)). Desde então alguns estudiosos tem dado mais importância a estudar o contexto da religião judaica para elaborar um retrato mais preciso do Jesus histórico.

Acredito que usar a palavras "plagiar" é muito forte. Apesar das semelhanças, Jesus aparentemente era independente de qualquer "casa" ou escola de pensamentos. Um livro interessante que trata este assunto é "Studies in Pharisaism and the Gospels", por I. Abrahams.

Neste livro o autor aponta o contexto das escolas, e coloca Jesus de Nazaré como uma figura independente, pois além de se identificar diversas semelhanças entre os pensamentos de Hillel e Shammai, Jesus também carrega fortes elementos de Essênios, do movimento apocalíptico e profético.
*clay-m escreveu:*Nisto vemos que Jesus conhecia muito bem o Talmud ensinado em seu tempo, e os judeus acusam-o de plagiar os rabinos do passado, afinal, isto é muito comum até hoje, um rabino usar ensinamentos de outro rabino famoso, mas a diferença entre um Rabino e Jesus é que OS RABINOS SÃO OBRIGADOS A DAREM CREDITO AOS ANTERIORES...

"Os rabinos costumam dizer: “Jesus, o Nazareno, não ensinou coisas novas; todos os belos provérbios que ele usava não provinham dele. Todas as palavras de moral que ensinava não eram dele. Ele bebeu toda sua inovação dos ensinos rabínicos.” Opiniões como esta são as difundidas nos meios judaicos...

Quanto a esta questão de Jesus não fazer referências, temos que levar em conta o contexto da época em que ele viveu. Primeiramente, a obrigação de um Rabbi fazer referência a um ensinamento de outro surgiu na época Amoraim (220 EC) em que já havia um compêndio grande e precedentes no estudo da exegese bíblica. Foram os Amoraim que estabeleceram, portanto, esta “ortodoxia” quanto ao uso de referências.

Na época de Hillel, ele mesmo pouco se preocupava em fazer referências a citações de Rabbis que o precederam. Sua referência maior era a própria Torah ou a Tanach. A audiência de Jesus era de pessoas pouco instruídas e marginalizadas, portanto, tampouco Jesus deve ter se preocupado de seguir uma formalidade (que nem existia em sua época). Provavelmente, Jesus estava mais preocupado em levar a Torah mais próxima do judeu comum e também de gentios, do que exaltar seu conhecimento “acadêmico” sobre a tradição judaica frente aos seus ouvintes. Por isso ele não deve ter se preocupado em fazer referências a comentários rabínicos, pois em essência ele deve ter percebido que a “fonte” principal era a Torah e os profetas.

Concluíndo, a forma com que Jesus passou sua mensagem e a audiência que se abrangeu poderia ser considerada uma “escola” à parte da escola de Hillel e Shammai, tanto que no período pré-talmúdico a vertente dos judeus “cristãos” foram adquirindo grande proeminência, talvez rivalizando com as classse de saduceus e escolas farisaicas existentes.
Só após a revolução de Bar Kobka, no 2º século EC é que finalmente o Judaismo Farisaico se separa totalmente das outras vertentes e se torna preponderante entre os descendentes dos israelitas.

Olá amigo, não concordo contigo que foram os Amoraim quem começaram a fazer referencias aos Rabinos Anteriores, pois não é isso que vemos na Mishná(*), Hille e Shamay ensinavam EM NOME DE SHMAIA E AVITALIÓN ( que eram prosélitos ) quem receberam de Yehuda e Shimon em seus tribunais...O judaísmo é constituído pela memória de gerações, em que os mais velhos têm a obrigação de transmitir os conhecimentos para os mais novos. Tal fato, por si só, demonstra a importância que se atribui no judaísmo à questão do ensino e da educação . Encontramos na própria Bíblia, em Deuteronômio[1] e no Livro de Ester dentre outros a importância de atribuir o ensino recebido ao seu àquele que lhe transmitiu em nome de outro...

"É possível encontrar no tratado de Pirkei Avot. – “A Ética dos Pais”, uma das mais completas sínteses dos princípios essenciais da prática judaica com base na Torá, a qual cito a seguir:

“A Torá é superior ao sacerdócio e à realeza, pois a realeza requer trinta qualidades, o sacerdócio vinte e quatro, mas a Torá requer quarenta e oito coisas. E elas são: estudo, atenção pelo ouvido, repetição em voz alta, inteligência do coração, respeito, temor, humildade, alegria, pureza, convívio

com Sábios, aproximação dos companheiros, debate com os discípulos, bom senso, conhecimento da Escritura, conhecimento da tradição... paciência, bom coração, confiança nos Sábios, resignação no sofrimento, conhecer o seu lugar, contentar-se com a sua porção, medir suas palavras, não exigir créditos para si, ser amado, amar o Todo-Presente, amar o seu próximo, amar a retidão, prezar as críticas, afastar-se das honrarias, não inflar o coração por causa do desconhecimento, não se deleitar em dar ordens, ajudar o próximo a carregar o seu jugo: julgá-lo com indulgência, pô-lo no caminho da paz; estudar com método, perguntar conforme o assunto e responder conforme a regra, ouvir e aumentar o conhecimento, aprender para ensinar, aprender para praticar, estimular a sabedoria do mestre, raciocinar sobre o que ouvir e dizer coisas em nome de quem as disse. Sabe-se que todo aquele que diz uma coisa, citando o nome de quem a disse, traz a redenção ao mundo, pois foi dito: **“E disse Ester ao rei em nome de Mordekhai”** Livro de Ester, 2:22.

**"Ouviste que se disse"** ( Mateus 5 ) ao dizer isso, para mim fica evidente que Jesus algumas vezes citou das fontes anteriores. Não eram as melhores "fontes" mas isso é muito comum na Literatura Judaica e se chama UMA BERAITA... Um "Beraita" é uma tradição que não foi incluída naquelas que eram as mais aceitas e recopiladas mas que vinham a tona por um discípulo que ouviu de seu mestre e que aprendeu do Mestre dele... Não podia tornar-se "Lei" para todos apenas para aquele discípulo que ouviu de seu mestre. Não estou de acordo que Jesus fundou uma nova escola e como judeu com duas formações religiosas posso até te garantir sem ter medo de errar que ele não ensinou nada que não seja aprendido em uma Yeshiva, exceto: **"Tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles"(Mt7,12) e "Eu vos dou um novo mandamento que vos ameis uns aos outros assim como eu vos amei"(João 13,34,35)** ...

Gostaria de comentar os dois: O primeiro parecia estranho e inexato para "os fariseus" porque primeiro contrariava a ensino de Hillel o Ancião e a contabilidade das leis da Torá... Os Sábios contaram os mandamentos e chegaram dentre algumas conclusões que as Leis somavam 613, 284 positivas ( faça isso e aquilo ), e 365 negativas ( Não faça isso ou aquilo ), então chegaram a conclusão de que a maioria representava o todo, foi por isso que Hillel afirmou que a Torá estava resumida em **"Não faças aos outros aquilo que não gostarias que te fizessem a ti. Essa é toda a Torá, o resto é a comentário; agora ide e aprendei."**

Quanto ao segundo ensinamento fica claro para mim que quando Jesus diz "EU VOS DOU UM NOVO MANDAMENTO", fazia alusão a um mandamento Rabínico dado por ele que era Visto como Rabi por seus seguidores. No Judaísmo existem dois tipos de mandamentos, o primeiro chamado "Min de Rabanan" e "Min de Oraita", Um mandamento Rabínico e um mandamento da Lei Escrito, o primeiro pode ser dado apenas quando não contradiz o segundo pois o segundo é um mandamento escrito na Lei de Moisés. Esse mandamento não tem origem nas escrituras e além de Jesus que o impôs aos seus discípulos como sinal de identificação de sua fé nele, os Rabinos não imporiam uma coisa como essa ao povo de Israel, pois os Rabinos anteriores afirmaram que todo sangue é vermelho....

(*) "Moisés recebeu a Lei do Sinai e transmitiu-a a Josué, e Josué - aos anciães, e os anciães - aos profetas, e os profetas transmitiram-na aos homens da Grande Assembléia"
[1]“E as intimarás a teus filhos”.(6:7); “Moisés nos deu também a lei por herança da congregação de Jacó” (33:4)
“Existe uma chave para a liberdade: Pense! Se quiseres ser um cordeiro, seja feita a tua vontade. Não reclames, entretanto, quando fores servido em nosso grande Sabbath!” Um “bem velho” dito pagão, do século XX

This would possibly have to be compared with Philo's remark that the teaching in the Alexandrian Synagogues was by way of allegory (*διὰ συμβόλων* II. 630). More acceptable is A. Wünsche's explanation of the claim that Jesus spoke *ὡς ἐξουσίαν ἔχων* (*Neue Beiträge zur Erläuterung der Evangelien*, Göttingen, 1878, p. 110). The phrase recalls the Rabbinic idiom of speaking "from the mouth of power" (מפי הגבורה), connoting the possession of direct divine inspiration. The Pharisaic teachers certainly laid no general claim to the dignity. But the remark "he taught as one having authority" is usually explained by referring to the Rabbinical method as unfolded in the Talmud—with all its scholastic adhesion to precedents, and its technical and complicated casuistry. But this reference is not quite relevant.

For the Talmudical method was the result of long development after the age of Jesus, and the question is: to what extent can we reasonably assert that the method was already prevalent before the destruction of the Temple and the failure of the Bar Cochba War of Independence (135 A.D.) drove the Rabbis into their characteristic scholasticism? There was, moreover, all along a *popular* exegesis besides the *scholastic*, a form of homily specially intended for the edification and instruction of the simple and unlearned; and it would thus be improper to contrast the simplicity and directness of Jesus with the sophistication and precedent citations of the Rabbis even if the latter features were earlier than we have evidence of. Hillel, the greatest of the predecessors of Jesus, taught almost without reference to precedent; he only once cites an earlier authority. Hillel's most characteristic utterances are as free as are those of Jesus from the bonds of scholastic tradition. He, too, exemplifies the prophetic independence of conventions. Naturally, the appeal to and reliance on precedents presupposes an accumulation of precedents to appeal to and rely on. Such a mass of previous rule and doctrine would only be built up gradually. (See T. J. Pesaḥim 39 a, where Hillel cites his teachers. In the Babylonian Talmud Pesaḥ. 66 the citation, however, is omitted. Cf. Bacher *Tradition und Tradenten in den Schulen Palästinas und Babyloniens*, Leipzig, 1914, p. 55.) It was mainly the Amoraim of the third century onwards that made the appeal to precedent, and naturally as the precedents accumulated so appeal to them would increase, as in the modern English legal experience with regard to the citation of illustrative "cases." The earlier Jewish teaching certainly goes to the Scriptures, but so does Jesus; and this earlier teaching (like that of Jesus) uses the Scriptures as a general

Studies in Pharisaism and the Gospels - Página 14:

**Re: Jesus plagiou "Hillel e Shamay" os fariseus?**

por **clay-m** em 09 Dez 2014 18:07

Bom, você não me ofendeu em nada e eu nem sou tão crente assim 

Percebo que existem algumas equivocações mas ainda não determinei se proveem do Livro que citaste que me parece muito influenciado pelas interpretações reformistas da religião judaica( que não deixam de ser validas e importantes) ou se proveem do teu entendimento "cristão" das fontes hebraicas. Quero esclarecer duas informações básicas, primeiro que o Talmud não é um livro posterior a Jesus mas SIM SUA RECOPILAÇÃO, as Mishnaiot que deram origem aos comentários da Gemará antecedem a Jesus. Segundo, que a Jurisprudência de dar "Honra aos estudiosos da Torá" é uma lei de "Oraita", quando se trata de uma lei de "Oraita" apenas os Tanaim podem estabelecer Jurisprudência, os Amoraim discutem a Jurisprudência não estabeleceram "o método Talmúdico" como o livro que leste parece indicar...

O discípulo NÃO É MAIOR do que o seu Amo disse Jesus, Talvez a partir disso entendas melhor. No

Judaísmo isso é Lei! 

A Torá deu a honra maior não a o Rei ou a um Sacerdote mas AQUELE QUE ESTUDA A LEI DIVINA. Hillel não citava seus mestres porque ele só teve dois além de seu pai, e como não conheces a Lei referente aos Mestres da Torá e ao Pai, o que leste no livro aceitaste sem questionar. O Pai de Hillel se chamava Gamliel pela Lei Judaica é o pai quem tem que ensinar a LEI DIVINA AO FILHO, os Tanaim estabeleceram eram rigorozissímos com isso. A torá manda LITERALMENTE SE LEVANTAR DIANTE DA VELHICE E RESPEITAR AOS ANCIÃOS - Levitico 19.31. As leis estabelecidas por Esdras ensinadas pelos Tanaim e comentadas pelos Amoraim que foram recopiladas no Talmud são validas até hoje. Elas Rezam:

**1- Es una obligación respetar a los sabios de la Torá, incluso que no sea el propio maestro, así se declara: “Delante de la vejez te levantarás y respetarás a los ancianos” (VaYikrá 19:32)**
**2 - Está absolutamente prohibido llamar a su maestro por su nombre e incluso que no esté delante de él. E incluso llamar a otros cuyos nombres sean los mismos de su maestro – del mismo modo como acostumbra con respecto a su padre (*)**
**(*) Del modo que acostumbra con su padre, así debe acostumbrar con su maestro. En el Libro “Aruj”, entrada “Ab”, se comenta en nombre de los gueonitas que Rabbá solía llamar a su discípulo “Abayé”, a pesar que su nombre verdadero era “Najmaní”, ya que el nombre del padre de Rabbá también era “Najmaní”; por lo tanto no lo llamaba por su nombre sino le decía “Abba” y de allí devino en “Abayé”. Si con el nombre del padre es así, cuanto más con el nombre de su maestro (Cf. HaGrá, Yoré Deá 240, inciso 7)**

**3 - Un hombre muy anciano a pesar que no sea un sabio, es obligatorio levantarse delante de él. E incluso un sabio que sea joven debe pararse delante de un anciano; aunque no es necesario que se pare por completo, sino sólo para mostrar un cierto respeto. Incluso a un anciano no judío se le muestra un cierto respeto y si es necesario se lo apoya, así como se declara: “Delante de la vejez te has de levantar…” (VaYikrá 19:32). Simplemente el versículo incluye a todo tipo de vejez. […]Es un grave pecado despreciar a los sabios u odiarlos. No fue destruida Yerushalayim sino hasta que comenzaron a denigrar a los sabios, como se declara: “Ellos ofendían a los ángeles de Dios y despreciaban sus palabras, burlándose de sus profetas” (Dibrey HaYamim B 36:16).**

Acho que entendes agora o que eu estou tentando te dizer: HILLEL NÃO CITOU OS SÁBIOS ANTERIORES A ELE POR UM MOTIVO MUITO CLARO, ELE VEIO DA ÉPOCA EM QUE OS ERUDITOS DA TORÁ ERAM ESCASSOS, ELE TEVE APENAS DOIS MESTRES E SEU PAI. A LEI PROIBIA-O DE CITA-LOS POR NOME. ELE QUANDO FAZIA REFERENCIA A ELES chamava-os de MEUS MESTRES …. Os Amoraim eram diferentes, citavam muito aos mestres anteriores inclusive por nome, porque NÃO ERAM SEUS MESTRES REALMENTE, antes eram os mestres de seus mestres, MAS A JURISPRUDÊNCIA É A MESMA ATÉ HOJE.

Parece que saímos um pouco do tema e para não perder a Discussão poderás notar que, até a relação entre Jesus e seus discípulos eram pautadas pelas leis dos Fariseus, o que sempre me chamava atenção quando eu lia o Novo Testamento é que não existe uma unica critica de Jesus aos Grandes Mestres do Judaísmo de sua Época pessoalmente, ele sempre se referem "aos fariseus" de modo geral...
“Existe uma chave para a liberdade: Pense! Se quiseres ser um cordeiro, seja feita a tua vontade. Não reclames, entretanto, quando fores servido em nosso grande Sabbath!” Um “bem velho” dito pagão, do século XX

Forista

PARTE V - HILEL E YESHUA

21/08/2013 11:24

No primeiro século, existiam duas grandes escolas farisaicas: uma fundada pelo rabino Hilel (60 A.C a 10 D.C) e a outra instituída pelo rabino Shamai (50 A.C a 30 D.C).

Estes rabinos criaram escolas conhecidas por seus nomes (Beit Hilel e Beit Shamai), envolvendo-se em inúmeras divergências acerca da aplicação da Torá. Expõe o Talmud 316 controvérsias doutrinárias entre ambas as escolas, sendo que em 261 ocasiões a Beit Hilel propunha regras mais flexíveis do que a Beit Shamai. Enquanto esta era mais rígida e conservadora na aplicação da Lei, aquela se demonstrava mais liberal, já que Hilel estabeleceu um padrão mais indulgente e misericordioso, sem desviar-se da Torá.

Houve tantas disputas doutrinárias entre as duas escolas, acerca da interpretação e aplicação da Torá, que surgiu o seguinte provérbio: *"Uma Lei (Torá) se tornou em duas leis"* (Sanhedrin 88b e Sotá 47b). Com efeito, somente existe 1 (uma) Torá, porém, interpretações totalmente discrepantes fizeram com que surgissem, na prática, duas leis.

A dissonância interpretativa das escolas tem como característica primacial a tendência restritiva dos shamaítas e a moderação dos hileítas, fruto do perfil psicológico de seus fundadores. Os discípulos de Hilel, seguindo a linha de seu Mestre, eram tranquilos, amantes da paz e dos homens, acomodando-se as interpretações às circunstâncias de seu tempo, promovendo o ensino da Torá para aproximar o homem do ETERNO e de seu próximo. Por outro lado, os discípulos de Shamai, tal como o criador da escola, eram severos e inflexíveis, objetivando tornar as regras mais rígidas, o que terminou por colocá-las como um "jugo pesado". Na visão dos discípulos de Shamai, nenhuma regra era suficientemente rígida, ou seja, almejavam que os comandos religiosos se tornassem cada vez mais duros, austeros.

A interpretação mais rígida da Beit Shamai se relaciona, na maioria das vezes, à criação de normas rabínicas que estabelecem proibições e restrições à conduta humana, visando evitar a transgressão da Torá[1]. O foco é a instituição de leis rabínicas (na maioria proibitivas) para prevenir a transgressão da Torá. Em sentido diverso, a Beit Hilel não se preocupava tanto com a criação de restrições de conduta, pois pensava que excessivas leis rabínicas proibitivas poderiam comprometer outros valores importantes da Torá. Dizendo de outro modo, a decretação de uma infinidade de leis rabínicas

proibitórias termina por cercear a própria liberdade humana e a capacidade de convivência no seio social.

As diferentes cosmovisões da Beit Shamai e da Beit Hilel são fotografadas na passagem de Yerushalmi Chagiga 2:1 (com paralelos em Bavli Chagiga 12a). No texto, a Beit Shamai diz que os Céus foram criados em primeiro lugar, e depois a Terra; enquanto a Beit Hilel sustenta que a Terra foi criada em primeiro lugar e, em seguida, os Céus. Para Shamai, o foco principal é o Céu e isto nos obriga a nos remover da Terra, ou seja, enfatiza-se o cumprimento dos mandamentos a todo custo, ainda que seja necessário o isolamento social e o fim de uma vida agradável e prazerosa na Terra. Diversamente, o foco de Hilel é a Terra: devemos nos concentrar em viver de acordo com as nossas responsabilidades para envolvermos o mundo, e não sermos envolvidos por ele, isto é, a guarda dos mandamentos não deve nos isolar da sociedade, apesar de não sermos tragados pelo mundanismo.

No Talmud (Tratado de Shabat), narra-se que um nobre pagão ouviu falar acerca das magníficas roupas que vestiam o Kohen HaGadol (Sumo Sacerdote). Foi até Shamai e lhe disse: “Tenho uma grande fortuna e sou muito respeitado entre as pessoas. Converter-me-ei ao judaísmo com a esperança de ser algum dia Kohen HaGadol e poder levar os seus ornamentos”. Ouvindo isto, Shamai o despediu severamente. Então, o pagão, sem desanimar-se, foi até o rabino Hilel, externando-lhe o desejo. Hilel lhe explicou educadamente que ninguém, exceto a família de Aharon (Aarão), pode usar aquelas vestimentas. O pagão compreendeu a lição e renunciou suas ambições, mas se converteu ao judaísmo e foi um bom israelita, fazendo parte do reino de sacerdotes, que é o povo de Yisra’el, conforme Shemot/Êxodo 19:6. Então, disse o ex-pagão: “A rudeza de Shamai me rechaçou, mas a doce maneira de Hilel me recolheu e me fez chegar a isto”.

Em outro caso, dois homens fizeram secretamente uma aposta para testar a paciência de Hilel. Se um deles conseguisse tirar a calma do rabino, seria o vencedor. Então, um dos apostadores, na véspera de shabat, começou a fazer inúmeras perguntas impertinentes a Hilel, provocando-o para que ele perdesse a calma. Porém, apesar de toda a sua fama e seus diversos afazeres, Hilel manteve-se paciente e calmo, fazendo com que o homem perdesse a aposta (m.Shabat 31a).

Tais histórias denotam a amabilidade de Hilel e a severidade de Shamai, fato notório entre os rabinos, cosoante o registro do Talmud Bavli:

> “Nossos rabinos ensinaram: Um homem deve ser sempre amável como Hilel, e não impaciente como Shamai.” (m.Shabat 30b).

Eram guiados os hileítas pelo mesmo perfil do fundador da escola, qual seja, mantinham relações com os homens de modo tranquilo, gentil e em tom conciliador, externando amor ao próximo, ainda que em meio às tempestades políticas da época, causadas pela dominação romana, que muito explorava o povo. Em direção oposta, os shamaítas eram intensamente patrióticos e não cediam à dominação estrangeira, sendo que a austeridade religiosa do grupo promovia o ódio aos romanos pagãos.

Em "*Gesch des Judenthums und Seiner Sekten",* Isaak Markus Jost afirma que foi gerado um sentimento amargo entre as duas escolas, e até mesmo no culto público seus membros não mais se uniam sob o mesmo teto.

Já que a região de Yehudá (Judeia) estava cercada de nações aliadas dos romanos, os shamaítas, inflamados pelos zelotes, criaram regras proibindo toda a comunicação entre judeus e gentios, inclusive houve a vedação de os judeus comprar qualquer artigo de comida ou bebida de seus vizinhos pagãos. Não obstante, os hileítas, calmos e moderados, não concordaram com tais proibições. As controvérsias entre as escolas gerou um episódio consignado no Talmud, conforme atesta a Jewish Encyclopedia:

> "Eleazar ben Ananias convidou os discípulos de ambas as escolas a se reunirem em sua casa. Homens armados estavam estacionados na porta, e instruídos a permitir a cada um para entrar, mas ninguém para sair. Durante as discussões que foram conduzidas sob estas circunstâncias, dizem que **muitos hileítas foram mortos ali** e, em seguida, o restante adotou as proposições restritivas dos shamaítas, conhecidas no Talmud como 'Os Dezoito Artigos'. Por conta da violência, que ocorreu por ocasião destes decretos, e por causa do radicalismo dos próprios decretos, o dia em que os shamaítas triunfaram sobre os hileítas foi posteriormente considerado como um dia de azar (Tosef., Shab. i, 16 e seguintes .;. Shab 13a, 17a; .. Yer Shab i 3c)".

Na época de Yeshua, Josefo estima que havia um pouco mais de 6 mil p'rushim (Ob.Cit., pg. 787), mas não indica quantos eram da Beit Hilel e quantos da Beit Shamai. O Talmud fornece uma preciosa dica no sentido de que havia pouquíssimos membros na Beit Hilel:

> "Hilel, o ancião, possuía oitenta discípulos, trinta deles eram dignos de que a Shechiná[2] repousasse sobre eles, como Moshé (Moisés), nosso Mestre; trinta deles eram dignos de que o sol se detivesse como ocorreu com Yehoshua (Josué), filho de Nun; e vinte deles eram medianos." (Suká 28a).

Conforme o texto acima, a Beit Hilel contava tão somente com 80 membros fariseus. Ora, se havia um pouco mais de 6.000 fariseus, consoante a estimativa de Josefo, chega-se à conclusão de que os shamaítas eram quase 6.000, enquanto os hileítas, apenas 80.  Por mais que estes números não sejam precisos, percebe-se com clareza solar que existia grande prevalência numérica da Beit Shamai.

Demonstrar-se-á, aqui e agora, que a doutrina de Yeshua se identificava com a farisaica Beit Hilel.

O maior ponto de contato entre Yeshua e Hilel reside nas profundas lições sobre o amor. Lecionou Hilel:

ואהבת לרעך כמוך זה כלל גדול בתורה

> **E amarás o próximo como a ti, este é o maior pilar da Torá**.

Para Hilel, que já ensinava antes do nascimento de Yeshua, a Torá deve ser interpretada tendo como fundamento maior o amor ao próximo. Existe a Torá para levar o ser humano a amar o ETERNO e o próximo.

Yeshua seguiu a mesma lógica:

> “Um dos mestres da Torá se aproximou e ouviu o debate. Notando que Yeshua lhe dera uma boa resposta, perguntou-lhe: ‘Qual é a mitsvá [mandamento] mais importante?’.
>
> Yeshua respondeu: A mais importante é:
>
> ‘Ouve, ó Yisra’el, YHWH, nosso Elohim, YHWH é um, e você deve amar YHWH, seu Elohim, de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e com toda a força’.
>
> A segunda é esta:
>
> ‘Ame o próximo como a si mesmo’.
>
> Não existe mitsvá (mandamento) maior que estas.” (Yochanan Marcus/Marcos 12:28-31).

Se devemos amar o próximo, quem é o próximo?

Entendiam os essênios de Qumran que somente os membros de seu grupo religioso, chamado de Yachad (unidade), eram considerados como próximo. Assim, faziam uma interpretação restritiva da mitsvá (mandamento) exposta em Vayikrá/Levítico 19:18, não havendo necessariamente o dever de amar pessoas que não fossem membros de sua comunidade (vide Documento de Damasco 9, 2 e Manual de Disciplina IX, 21-26). Por sua vez, a Beit Shamai também achava que não tinha o dever de amar os gentios.

Diversamente, Hilel pensava que todos os seres humanos devem ser considerados como "o próximo":

> "Hilel dizia: procurai ser como os discípulos de Aharon [Aarão], amai a paz, procurai a paz, **amai as pessoas** e aproximai-as da Torá." (Avot 1:12).

Na mesma direção trilhou Yeshua:

> "Vocês ouviram o que foi dito aos nossos pais: 'Ame seu próximo – e odeie seu inimigo'. Mas eu lhes digo: amem seus inimigos; orem por quem os persegue!
>
> Então, vocês se tornarão filhos do Pai celestial. Porque ele faz seu sol brilhar, da mesma forma, sobre pessoas boas e sobre pessoas más e envia chuva, igualmente, para justos e injustos.
>
> Que recompensa obterão se amarem só quem ama vocês? Por que a teriam, se até os coletores de impostos agem assim? E se vocês forem amáveis só com seus amigos, o que há de extraordinário? Até os gentios fazem isso!" (Matityahu/Mateus 5:43-47).

No texto citado, Yeshua ressaltou que seus discípulos deveriam amar a todas as pessoas, inclusive seus inimigos. Importante analisar esta declaração: "Vocês ouviram o que foi dito aos nossos pais: 'Ame seu próximo – e odeie seu inimigo'". Ora, a Torá prescreveu que os israelitas deveriam amar o próximo (Vayikrá/Levítico 19:18), porém, em nenhum momento a Torá assevera "odeie seu inimigo"!!! A Comunidade essênia de Qumran e a Beit Shamai que seguiam a regra humana (e não bíblica) de "odiar seu inimigo". Então, na passagem em exame, Yeshua corrigiu o erro dos grupos citados, posicionando-se favoravelmente aos ensinos de Hilel sobre o amor.

Na parábola do Bom Samaritano, ensina o Mashiach que “o próximo” do homem que caiu nas mãos dos assaltantes foi “aquele que demonstrou misericórdia para com ele” (Lucas 10:29-37), ou seja, o conceito de “próximo” de Yeshua aproxima-se do mesmo estilo farisaico de Hilel. Se não bastasse, na parábola *sub examine*, ressalta o Mashiach que o samaritano foi mais fiel no cumprimento da Torá do que os próprios israelitas, jogando por terra o equivocado conceito de que os “judeus são superiores”. Citado em Atos 22:3, Gamli’el (Gamaliel), Professor de Sha’ul (Paulo) e neto de Hilel, expressou opinião semelhante à de Yeshua acerca dos samaritanos:

> “... os samaritanos eram mais zelosos na observância dos mandamentos [da Torá] do que os próprios judeus.” (*Talmud Bavli, m.Chulin* 4a).

Yeshua era “manso e humilde de coração” (Mt 11:29), e disse:

> “E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado.” (Matityahu/Mateus 23:12).

Rashi assevera que Hilel era muito manso e ensinava:

> “Minha humilhação é a minha elevação; e minha elevação é a minha humilhação.” (Vayikrá Rabá 1:5).

Yeshua pensava sempre no próximo. Hilel nos legou semelhante lição:

> “E se estou apenas por mim, o que sou eu?” (Avot 1:14).

No Talmud Bavli, m.Menachot 42a, há a opinião dos rabinos de que existe um tamanho mínimo[3] para a tsitsit[4], porém, não existe a fixação de um tamanho máximo, podendo as tsitsiot serem tão longas quanto o desejado. Sabe-se que a Beit Shamai fazia cada tsitsit com quatro fios de lã branca e quatro fios azuis, enquanto a Beit Hilel usava tsitsit mais fina, com dois fios de cada cor (m.Menachot 41b). Estes dados nos dão o indício de que a Beit Shamai alargava suas tsitsiot em longos tamanhos, já a Beit Hilel tinha discrição em usá-los. Este foi o motivo da crítica de Yeshua dirigida, provavelmente, à Beit Shamai, que constituía a grande maioria dos fariseus:

> “Tudo o que fazem **[os fariseus] é para serem vistos pelos outros**. Eles fazem tefilin [“filactérios”] bem largos e **tsitsiot** [‘franjas’] **compridas**.” (Matityahu/Mateus 23:5).

Hilel e diversos rabinos nunca interpretaram literalmente a expressão “olho por olho”, entendimento sufragado por Yeshua (Mt 5:38-42). Porém, muitos rabinos na época de Yeshua a tomavam no sentido de revidar o mal com o mesmo mal, tal como o rabino Eliezer (Bava Kama 84a). Esta interpretação incorreta parece ter sido seguida pelos fariseus da Beit Shamai, e não pelos hileítas, já que os primeiros compunham a grande maioria de fariseus no tempo do Mashiach.

Enquanto vários setores do Judaísmo se apartavam totalmente dos gentios, inclusive a Escola de Shamai, Hilel desejava aproximar todos os seres humanos da Torá, sem distinção (Avot 1:12). A Beit Shamai propagava que a Torá deve ser ensinada apenas para aquele que é sábio, humilde e de boa família; diversamente, a Beit Hilel decidiu ensinar a Torá a todos os homens (Avot de Rabi Natan, capítulo 2). Aliás, isto fica claro no magistério de Hilel:

> “Quanto mais Torá, mais vida.” (Avot 2:7).

O pensamento do rabino Hilel sobre os gentios concorda plenamente com a docência do rabino Yeshua e seu caráter missionário:

> “Portanto ide, fazei discípulos de **todas** as nações...” (Matityahu/Mateus 28:19).

Outro relevante ponto de contato entre Hilel e Yeshua situa-se na denominada “**Regra de Ouro**”. Conta o Talmud uma história em que Hilel resumiu a Torá em um único comando, consistente em não fazer aos outros aquilo que não gostaria que os outros lhe fizessem:

> “... aconteceu que certo pagão veio até Shamai e lhe disse: ‘Faça-me um prosélito, com a condição de que você me ensine toda a Torá enquanto eu ficar [sustentando o meu corpo] com um só pé’. Então ele [Shamai] repeliu-o com um tijolo de construção que estava em sua mão. Quando ele [o pagão] foi até Hilel [propondo o mesmo desafio], ele [Hilel] lhe disse: ‘Não faça aos outros o que você não gostaria que fizessem a você: esta é toda a Torá, enquanto o resto é comentário; vá e aprenda isto’.” (m.Shabat 31a).

Ora, já que Hilel sempre enfatizava o amor ao próximo, no caso acima exposto, o preclaro Rabino ensinou *como* expressar o amor em termos práticos. Se o conceito de amor é abstrato e relativo de acordo com os conceitos pagãos, tal como na filosofia grega, para o Judaísmo o amor é algo concreto, que se expressa no cotidiano por meio de uma simples regra: abster-se de fazer ao próximo o que não seria desejável que o outro lhe fizesse. "Esta é toda a Torá, enquanto o resto é comentário", ou seja, todo o estudo deve se nortear pela citada "regra de ouro". A Torá desprovida do amor seria, na visão de Hilel, como um sino sem badalo.

Narram os evangelhos um episódio em que os p'rushim quiseram saber qual seria a "regra de ouro" de Yeshua, isto é, qual seria o mandamento que resumiria toda a Torá. Nos moldes de Hilel, Yeshua ressaltou o amor, citando o **Shemá**, a oração mais famosa do Judaísmo:

> "E os **p'rushim**, ouvindo que ele fizera emudecer os saduceus, reuniram-se no mesmo lugar.
>
> E um deles, **Mestre da Torá**, **interrogou-o para o experimentar**, dizendo: Mestre, qual é a grande mitsvá (mandamento) da Torá?
>
> E Yeshua lhe disse: Amarás YHWH, teu Elohim, com todo o teu coração, com toda a tua alma, e com toda a tua força [Devarim/Deuteronômio 6:5]. Esta é a primeira e a grande mitsvá (mandamento).
>
> E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo [Vayikrá/Levítico 19:18).
>
> **Desses dois mandamentos dependem toda a Torá e os profetas**." (Matityahu 22:34-40; veja também Yochanan Marcus/Marcos: 12:28-34 e Lucas 10:25-27).

Notem o paralelo das histórias de Hilel e Yeshua. O primeiro foi testado por um pagão, o segundo, por um parush (fariseu) Mestre da Torá. A "regra de ouro" de Hilel ("não faça aos outros o que você não gostaria que fizessem a você") tem por fundamento o amor ao próximo; Yeshua estipula uma "regra de ouro" igualmente alicerçada no amor. Hilel quis ensinar que o amor ao próximo é o mais importante da Torá, e "o resto é comentário"; Yeshua proclamou que a Torá e os profetas apontam para o amor a YHWH e ao próximo. Hilel venceu o desafio proposto pelo pagão. Yeshua também obteve vitória na citada disputa com os fariseus. O pagão foi conquistado pela lúcida explicação de Hilel; os p'rushim

concordaram plenamente com Yeshua, porque ninguém mais ousou interrogá-lo (Mt 22:46), e o Mashiach elogiou o parush (fariseu) dizendo que ele não estava longe do Reino de Elohim (Yochanan Marcus/Marcos 12:32-34).

Comparemos, mais uma vez, os ensinos de Hilel e Yeshua:

> **Hilel:** ‘‘Não faça aos outros o que você não gostaria que fizessem a você: esta é toda a Torá, enquanto o resto é comentário; vá e aprenda isto’.” (Shabat 31a).
>
> **Yeshua**: “Portanto, tudo o que vocês querem que os homens lhes façam, façam também a eles, porque esta é a Torá e os Profetas.” (Matityahu/Mateus 7:12; vide ainda Lucas 6:31).

A ideia dos dois rabinos é a mesma, dotadas de idêntica essência, e ambas denotam a correta expressão do amor ao próximo. A única diferença é que o fariseu Hilel leciona um comando negativo (“Não faça”), enquanto Yeshua exige uma prestação positiva (“Faça”).

Outro quesito de semelhança reside no fato de que Hilel e Yeshua priorizavam o “**chesed**” em suas interpretações da Torá, palavra hebraica que significa “graça” (ou “misericórdia”). Para ambos os rabinos, chesed (“graça”) servia como vetor interpretativo das Escrituras. Em sentido diverso, a Beit Shamai se baseava na guevurá (“severidade”). Por tal motivo, o Talmud relata que em 261 disputas a Beit Hilel apresentou regras mais suaves do que a Beit Shamai.

Comparando-se os textos de Yochanan Marcus/Marcos 12:28-33 e Matityahu/Mateus 22:32-40, no episódio em que Yeshua resume a Torá em amar a YHWH e amar ao próximo, dois mandamentos previstos expressamente em Devarim/Deuteronômio 6:5 e Vayikrá/Levítico 19:18, detecta-se que o Mestre da Torá que dialogou com Yeshua era um parush (fariseu) (Mt 22:34-35). E tal parush concordou com Yeshua:

> “**O mestre da Torá** [que era parush, conforme Mt 22:34-35] **lhe disse**:
>
> ‘Muito bem respondido, rabino. **Você falou a verdade quando disse que Elohim é um, que não existe outro além dele e que amá-lo de todo o coração, de todo o entendimento e com toda a força, e amar o próximo como a si mesmo, é mais importante que todas as ofertas queimadas de sacrifícios**’.” (Yochanan Marcus/Marcos 12: 32-33).

O parush não só concordou integralmente com o que Yeshua falou, como também acrescentou a ideia de que amar ao próximo "é mais importante que todas as ofertas queimadas de sacrifícios". E de onde o parush extraiu este pensamento? De Hilel, que já antes de Yeshua enfatizava a prevalência do amor sobre as ofertas queimadas. Hilel se valia do conceito de Hoshea (Oséias):

> "Pois desejo **chesed** [graça ou misericórdia], não sacrifícios, o conhecimento de Elohim mais que ofertas queimadas." (Hoshea/Oséias 6:6).

Assim, o parush que conversou com Yeshua provavelmente era da Beit Hilel, pois associou o "amar ao próximo" (Lv 19:18) com o chesed (graça ou misericórdia) de Hoshea/Oséias 6:6. Para o parush de Hilel, a chesed tem mais peso do que as ofertas queimadas.

Quando Yeshua foi acusado injustamente de descumprir o mandamento de guardar o shabat (sábado), citou o mesmo texto de Hoshea/Oséias:

> "Mas, se vós soubésseis o que significa: '**Chesed quero, e não sacrifício**', não condenaríeis os inocentes." (Mt 12:7 = Os 6:6).

Aqui, Yeshua trabalha com a mesma técnica da Beit Hilel ao ressaltar: 1) que o chesed tem mais peso do que os sacrifícios; 2) os sacrifícios têm mais peso do que o shabat[5]; 3) logo, o chesed prevalece sobre o shabat. Que bela técnica de interpretação judaica!!! E mais: esta técnica hermenêutica é conhecida como *Kal Vachomer* (Leve e Pesado). E quem a formulou? Hilel.

Tomando o rumo de Hilel, existem inúmeras passagens em que Yeshua destaca o chesed (graça ou misericórdia):

> "Entretanto, vocês deveriam aprender o que isto significa: 'Prefiro **chesed** a sacrifícios de animais'. Pois eu não vim chamar 'justos', mas pecadores!" (Matityahu/Mateus 9:13).

> "Você não deveria ter **chesed** do seu companheiro como eu tive **chessed** de você ?" (Matityahu/Mateus 18:33).

> "Então Yeshua, **movido de íntima compaixão**, tocou-lhes nos olhos, e logo viram; e eles o seguiram". (Matityahu/Mateus 20:34).

> “E, Yeshua, saindo, viu uma grande multidão, **e possuído de íntima compaixão** para com ela, **curou os seus enfermos**.” (Matityahu/Mateus 14:14).

Em Matityahu/Mateus 12:9-14, os p’rushim (fariseus), procurando um motivo para acusar Yeshua, perguntam-lhe se era permitido curar no shabat (sábado). Yeshua respondeu que é lícito fazer o bem no shabat e curou o homem com a mão atrofiada, deixando furiosos aqueles fariseus. Estes fariseus eram da Beit Shamai, porquanto esta entendia que não era permitido orar pelos enfermos no shabat, divergindo dos membros da Beit Hilel que efetuavam orações pedindo curas no dia sagrado (Tosefta Shabat 17). Novamente a halachá de Yeshua se equipara à de Hilel.

Há outro aspecto assaz relevante em que há uma coincidência entre Yeshua e Hilel: os dois rabinos ensinavam que o homem não é salvo por suas próprias obras, mas sim pela misericórdia e graça do ETERNO. Enquanto determinados p’rushim (fariseus) legalistas achavam que seriam salvos por suas obras, confiando na justiça própria, Hilel e Yeshua lecionaram que a salvação depende da misericórdia e graça de YHWH, pois todo homem é pecador, inexistindo um ser humano sequer que possa se justificar por meio de suas ações pessoais. O legalista se autodeclara justo; o temente ao ETERNO se autodeclara pecador.

Este conceito fica bem claro no magistério de Yeshua:

> “Também, **a alguns que confiavam na própria justiça e desprezavam os demais**, contou [Yeshua] esta parábola:
>
> Dois homens subiram ao Beit HaMikdash [Templo] para orar; um, parush [fariseu], e o outro, coletor de impostos.
>
> O parush [fariseu], estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Elohim, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este coletor de impostos.
>
> Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo.
>
> O coletor de impostos, porém, estando em pé, de longe, nem ainda queria levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: **Ó Elohim, tem misericórdia [graça] de mim, pecador!**

> **Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque qualquer que a si mesmo se exalta será humilhado, e qualquer que a si mesmo se humilha será exaltado**.” (Lucas 18:9-14).

Na parábola de Yeshua, o coletor de impostos foi justificado (considerado justo) porque se humilhou perante o ETERNO, clamando pela misericórdia. Não invocou o coletor de impostos suas obras, mas confessou seus pecados. A Beit Hilel também sustentava a doutrina de que é pela graça/misericórdia que o homem é salvo, e não pelo mérito de obras:

> “Talvez Tu tenhas grande prazer em nossas boas obras?
>
> Mérito e boas obras não temos; aja para conosco em graça.” (*Tehillim Rabá*, 119:123).

Curial consignar que a salvação pela graça não exclui o dever de o homem se esforçar para obedecer aos mandamentos do ETERNO, pois quem o ama o obedece:

> “Se vocês me amam, guardarão meus mandamentos.” (Yochanan/João 14:15).
>
> “Nem todo aquele que diz: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no Reino do Céu, mas apenas quem faz o que meu Pai Celestial deseja.
>
> (...).
>
> Então eu [Yeshua] lhes direi na cara: ‘Nunca os conheci! Afastem-se de mim, vocês que transgridem a Torá’.” (Matityahu/Mateus 5:21 e 23).

Ensinava a Beit Hilel que alguém, ainda que não seja totalmente justo, poderia alcançar a graça/misericórdia de Elohim, pensamento que entrava em conflito com a doutrina de Shamai, ao dizer que quem não fosse completamente justo iria para o fogo da condenação (Tosefta Sanhedrin 13:3). Isto nos indica que Hilel enfatizava a graça (misericórdia), e Shamai, a severidade do juízo. Sha’ul (Paulo) era hileíta, pois foi aluno do neto de Hilel (Gamli’el/Gamaliel)[6], trazendo para a B’rit Chadashá um conceito de graça que denota o grande amor e compaixão do ETERNO pelos seres humanos:

> “Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Elohim.” (Efessayah/Efésios 2:8).
>
> “Sendo justificados gratuitamente pela sua graça, pela redenção que há no Mashiach Yeshua.” (Ruhomayah/Romanos 3:24).

É tipicamente hileíta a concepção de graça de Sha’ul.

Em síntese, o ensino farisaico de Hilel se aproxima de Yeshua, porque ambos: 1) ressaltaram o mandamento do amor em relação a todos os homens, judeus e gentios; 2) ensinaram a “regra de ouro”; 3) interpretaram as Escrituras com fundamento no chesed (graça, misericórdia); 4) destacaram que a salvação vem pela graça, e não pelo mérito humano.

Não obstante a similitude de pensamento, nem sempre as lições da Beit Hilel são compatíveis com os ensinamentos de Yeshua, razão pela qual o Judaísmo do Mashiach é singular. *Verbi gratia*, a Beit Hilel achava que um homem poderia se divorciar de sua esposa “por qualquer motivo”, ainda que fosse pelo simples fato de ela “estragar um prato de comida” (Talmud Bavli, m.Gitin, 90a). Já a Beit Shamai argumentava que a carta de divórcio somente caberia caso o homem encontrasse alguma falta grave na conduta de sua mulher. Este debate acerca do divórcio é um dos raríssimos casos em que a preleção de Yeshua se distancia da Beit Hilel e se aproxima da Beit Shamai. Asseverou o Mashiach que o divórcio somente é admissível na hipótese de imoralidade sexual da esposa (Matityahu/Mateus 19:9), o que configura falta grave, como instruiu Shamai.

Apesar do caráter altruísta de Hilel, parece que seus discípulos, na época de Yeshua, estavam se distanciando do amor que lhes foi ensinado, pois divorciar-se apenas pelo motivo de a esposa estragar a comida denota dureza de coração. Daí, as críticas de Yeshua lançadas majoritariamente à Beit Shamai não isentam, em certos casos, a Beit Hilel.

Para finalizar esta seção, traz-se uma curiosidade. É possível (não se tem certeza) que o filho de Hilel tenha abençoado o menino Yeshua.

Em Lucas 2:25-35, narra-se que havia em Yerushalayim um homem chamado Shim’on (Simeão), um justo piedoso, que esperava ansiosamente pela consolação de Yisra’el, e a Ruach HaKodesh (espírito de santidade ou “Espírito Santo”) estava sobre ele. Shim’on (Simeão) tomou o menino Yeshua nos braços e proferiu uma b’rachá (benção).

Quem era este Shim’on? Já que Hilel teve um filho chamado Shim’on, alguns pesquisadores dizem que o Shim’on que abençoou Yeshua era filho de Hilel. Por sua vez, Shim’on foi pai de Gamli’el (Gamaliel), professor do rabino Sha’ul (Paulo). Então, verifiquem como os destinos se entrelaçam em sequência:

1) Hilel, antes do nascimento de Yeshua, ensinou o amor ao próximo, a paz entre os homens, a graça e a misericórdia;

2) Hilel foi pai de Shim’on, e este abençoou o menino Yeshua (Lucas 2:25-35);

3) Yeshua ensinou o Judaísmo em moldes semelhantes a Hilel;

4) Gamli’el (Gamaliel), filho de Shim’on e neto de Hilel, foi o mestre educador de Sha’ul (Paulo), conforme Ma’assei Sh’lichim/Atos 22:3.

Sobre o tema, cita-se a esmerada pena do rabino James Trimm:

> “Este Shim’on (Simeão) foi quase certamente Shim’on, filho de Hilel, que mais tarde iria suceder seu pai como Nasi [Presidente] do farisaico Sinédrio. Seu filho Gamaliel se tornaria o professor de Paulo (Atos 22:3) e faria assumir uma postura tolerante para com a seita dos Nazarenos (Atos 5:34), possivelmente influenciado pela benção anterior de seu pai sobre Yeshua”. (*Hebraic Roots Commentary*, Institute for Nazarene Jewish Studies, página 32).

**Continua...**

---

[1] Um exemplo se refere ao contato com os gentios. Apesar de a Torá não proibir que o judeu mantenha relações sociais com o gentio, a Beit Shamai prescrevia que o israelita deveria se apartar dos gentios para não se contaminar com sua idolatria e demais práticas pecaminosas. Assim, a proibição de vínculos com gentios, na visão da Escola de Shamai, era uma lei rabínica com o escopo de se evitar a transgressão da Torá propriamente dita.

[2] A presença do ETERNO.

[3] Convertendo-se a medida da época para os dias atuais, o tamanho mínimo girava em torno de 8 cm.

[4] Em português, as tsitsiot (singular: tsitsit) são traduzidos como “franjas”. Estas fazem parte da indumentária do judeu, consoante a ordem da Torá (Bemidbar/Números 15:37-41).

[5] Os sacrifícios prevalecem sobre o shabat, visto que a abstenção de trabalho no shabat não é fator impeditivo para o oferecimento de sacrifícios e o consequente trabalho dos sacerdotes.

[6] Atos 22:3.

Parte I - Introdução

Escreveu William Manson:

> “Acostumamo-nos de tal forma, e com razão, a fazer de Jesus objeto de religião, que acabamos por esquecer que, em nossos registros mais antigos, ele é apresentado não como objeto de religião, mas como homem religioso.” (*The Teaching of Jesus*, 1935, página 101).

A advertência do preclaro estudioso é importante porque ressalta que Yeshua era um homem religioso. Então, qual era a religião de Yeshua? Era Yeshua cristão?

Em estudos anteriores, demonstrou-se que Yeshua não veio criar uma nova religião. Logo, Yeshua nunca foi cristão. A uma, porque o Cristianismo surgiu em momento bem posterior à sua morte. A duas, porque nas Escrituras não há um texto sequer em que Yeshua recomenda a criação de uma nova religião. A três, porque a B’rit Chadashá é de clareza solar ao apontar quais eram as práticas religiosas de Yeshua e de seus talmidim.

Enquanto homem, Yeshua viveu plenamente o Judaísmo e pautou toda a sua vida por meio da prática desta religião. Insta frisar: Yeshua não era cristão, mas sim um judeu zeloso da Torá e o maior rabino que o Judaísmo conheceu.

À luz das bessorot (boas novas ou “evangelhos”) não há dúvidas de que Yeshua foi um mestre do Judaísmo, razão pela qual era chamado de *rabi:*

> “E Yeshua, voltando-se e vendo que eles o seguiam, disse-lhes: Que buscais? E eles disseram: **Rabi**, onde moras?” (Yochanan/João 1:3)

> “Natan’el respondeu, e disse-lhe: **Rabi**, tu és o Filho de Elohim; tu és o Rei de Yisra’el.” (Yochanan/João 1:49).

> “E, respondendo Yehudá, o que o traía, disse: Porventura sou eu, **Rabi**? Ele disse: Tu o disseste.” (Matityahu/Mateus 26:25).

Eis o conceito de “rabi”, conforme a lição da Jewish Encyclopedia:

> “Termo hebraico usado como título para aqueles que são distinguidos para o ensino, que são autoridades, **professores da Torá**, e apontados como chefes espirituais da comunidade. É derivado do substantivo br, que em hebraico bíblico significa ‘grande’.” (vocábulo “Rabbi”, Jewish Encyclopedia).

Então, se chamavam Yeshua de *rabi*, significa que era Professor da Torá, ou seja, rabino.

Yeshua viveu como rabino, porque:

1) ensinava a Torá (Matityahu/Mateus 5:17-19);

2) venceu a tentação no deserto citando três vezes a Torá (Matityahu/Mateus 4:1-10; compare com Devarim/Deuteronômio 8:3; 6:16 e 6:13);

3) disse que nunca conheceu aqueles que transgridem a Torá (“praticantes da iniquidade”) (Matityahu/Mateus 7:23);

4) pregou a teshuvá (retorno à Torá do ETERNO, “arrependimento”) (Matityahu/Mateus 4:17);

5) dirigia-se à sinagoga nos shabatot (sábados) para o estudo da Torá e dos Profetas (Lucas 4:16);

6) disse ao jovem rico que este deveria obedecer às mitsvot (mandamentos) da Torá para alcançar a vida eterna (Matityahu/Mateus 19:16-17);

7) lecionou os grandes princípios da Torá no “Sermão da Montanha” (Matityahu/Mateus 5 a 7);

8) citou o “Shemá” como a mitsvá (mandamento) mais importante, ao lado da mitsvá de amar o próximo como a si mesmo (Yochanan Marcus/Marcos 12:28-31; Devarim/Deuteronômio 6:4-5 e Vayikrá/Levítico 19:18);

9) vestia-se como judeu zeloso, usando tsitsiot (Matityahu/Mateus 9:20 e Bemidbar/Números 15:37-41);

10) como autêntico israelita, além de ser circuncidado no coração, também foi circuncidado na carne (Lucas 2:21);

Partindo-se da premissa irrefutável de que Yeshua era um rabino, qual seria a seita ou as seitas do Judaísmo que compunham a base de seus ensinamentos?

No primeiro século, existiam três grandes grupos dentro do Judaísmo: 1) os p'rushim (fariseus); 2) os ts'dukim (saduceus) e 3) os isiyim (essênios). Apesar de diversos outros setores do Judaísmo se fazerem presentes, os três citados formavam os principais blocos da religião judaica. O pensamento do rabino Yeshua possui fortíssimas bases nas doutrinas dos p'rushim (fariseus) e dos isiyim (essênios). Nesta série de artigos, estudar-se-ão apenas as raízes farisaicas do pensamento de Yeshua, deixando-se para outro momento a análise dos aspectos essênios de suas doutrinas.

Cristãos desavisados poderão se surpreender com este estudo, porque estão acostumados a pensar incorretamente que Yeshua era "inimigo dos fariseus". Em verdade, os ensinos do Mashiach são compatíveis com as concepções farisaicas e o entrelaçamento entre ambos é tão profundo que alguns estudiosos afirmam categoricamente que "Yeshua foi fariseu".

Particularmente, pensamos que as doutrinas de Yeshua possuem tanto elo com o farisaísmo quanto com o essenismo, além de diversos elementos particulares, de modo que o Judaísmo por ele ensinado é singular. Por tal motivo e até em função da omissão dos evangelhos quanto ao tema, preferimos não rotular Yeshua como fariseu ou como essênio.

Contudo, há conexões entre o magistério de Yeshua e o dos fariseus. Tal afirmativa parece insana aos indoutos cristãos, que desconhecem o significado da palavra parush (fariseu), bem como a crença desta facção do Judaísmo. No âmbito do Cristianismo, acostumou-se a achar que o vocábulo "fariseu" tem um sentido pejorativo, e é esta falsa ideia que está entranhada na mente das pessoas, como se observa no Dicionário Houaiss:

> "**Fariseu.** Adjetivo e substantivo masculino.
>
> 1. relativo a ou membro de grupo religioso judaico, surgido no século II A.C., que vivia na estrita observância das escrituras religiosas e da tradição oral; o grupo foi acusado de formalista e hipócrita pelos Evangelhos;
>
> 2. que ou aquele que segue de maneira formalista uma religião;
>
> 2.1. que ou aquele que, por observar fielmente um dogma ou rito, se acredita dono da verdade e da perfeição, achando-se no direito de julgar e condenar a conduta de outrem a pretexto de dar ajuda;

3. que ou aquele que ostenta piedade e virtude sem tê-las;

4. Derivação: sentido figurado. Que ou quem é orgulhoso e hipócrita.”

O Dicionário Houaiss tece um quadro negativo acerca dos fariseus, expressando a mentalidade popular de que “os fariseus foram religiosos hipócritas”. Não obstante, tal pensamento está totalmente equivocado, quando se analisa o significado histórico da palavra à luz do pensamento semita do primeiro século.

Na época de Yeshua, os p’rushim (fariseus) eram respeitados e tidos em alta conta pela população de Yehudá (Judeia), ou seja, o parush (fariseu) era visto como homem piedoso, temente a Elohim e zeloso observador da Torá. Cita-se, por oportuno, o testemunho do historiador Flávio Josefo, que viveu nos tempos de Yeshua:

> “Assim, **cidades inteiras dão testemunhos valiosos de sua virtude [do grupo dos fariseus], de sua maneira de viver e de seus discursos**”. (*História dos Hebreus*, CPAD, 8ª edição, Página 830).
>
> “Quanto às duas primeiras seitas de que falamos, **os fariseus são tidos como os mais perfeitos conhecedores de nossas leis e de nossas cerimônias**.
>
> (...).
>
> **Enquanto os fariseus são sociáveis e vivem em amizade uns com os outros**, os saduceus são naturalmente rudes e vivem mesmo grosseiramente entre si, como se fossem estrangeiros.” (Ob. Cit. Página 1134).

Por conseguinte, segundo o depoimento de Josefo, percebe-se que os p’rushim (fariseus) eram homens virtuosos e cumpridores da Torá, razão pela qual gozavam de prestígio perante a população. Entretanto, houve distorções e erros no farisaísmo que foram criticados por Yeshua, e isto não pode ser usado como argumento de que “todos os fariseus foram perversos”. Tal generalização é absurda. Seria o mesmo que chamar *todos* os brasileiros de idólatras pelo fato de grande parte da população do Brasil pertencer a religiões pagãs.

Haverá a exposição, nesta série de artigos, da afinidade existente entre as lições de Yeshua e a doutrina dos fariseus, fato que foi constatado por inúmeros historiadores, inclusive o aquilatado Professor Geza Vermes, da Oxford University, ao tratar da mensagem de Yeshua:

> “Seja como for, poucos contestariam que a sua mensagem foi essencialmente judia ou que, no tocante a determinados tópicos controversos – por exemplo, sobre a ressurreição dos mortos -, **ele [Yeshua] exprimia a opinião dos fariseus**.” (*Jesus e o Mundo do Judaísmo*, Loyola, 1996, página 15).

PARTE III - OS P’RUSHIM E YESHUA: SEMELHANÇAS

Certos pesquisadores apontam um texto em que há indícios (e não prova concreta) no sentido de que Yeshua era parush (fariseu), consoante a narrativa do evangelho de Yochanan (João). No capítulo primeiro, vários p’rushim (fariseus) travam diálogo com Yochanan HaMat’bil (João, o Imersor/“João Batista”) e este afirma que o Mashiach estava “entre os p’rushim”, levando alguns estudiosos a crer que Yeshua fosse membro deste grupo. Confira a passagem:

> “E os que tinham sido enviados eram **p’rushim [fariseus].**
>
> E perguntaram-lhe, e disseram-lhe: Por que realiza a imersão de pessoas, pois, se tu não és o Mashiach [Messias], nem Eliyahu [Elias], nem ‘o profeta’?
>
> Yochanan [João] respondeu-lhes, dizendo: Eu realizo a imersão com água; mas **no meio de vocês** está um a quem vocês não conhecem.
>
> Este é aquele que vem após mim, que é antes de mim, do qual eu não sou digno de desatar a correia da sandália.
>
> Estas coisas aconteceram em Beit-Anyah [Betânia], do outro lado do Yarden [Jordão], onde Yochanan [João] estava realizando imersões.
>
> No dia seguinte Yochanan [João] viu a Yeshua, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Elohim, que tira o pecado do mundo.
>
> Este é aquele do qual eu disse: Após mim vem um homem que é antes de mim, porque foi primeiro do que eu.” (Yochanan/João 1:24-30).

Note bem: Yochanan diz que o Mashiach estava *“no meio de vocês”* (v.26). Pergunta-se: no meio de quem? A resposta situa-se no verso 24: no meio dos p’rushim (fariseus). Logo, depreende-se com toda certeza que Yeshua vivia no meio dos p’rushim, e isto pode levar a três interpretações distintas:

1) Yeshua vivia entre os p'rushim porque Yeshua era parush (fariseu);

2) Yeshua não era parush, mas vivia entre os p'rushim porque sentia afinidade com este grupo do Judaísmo;

3) Yeshua não era fariseu, mas convivia com eles, ainda que discordasse das práticas religiosas destes.

Tanto na primeira hipótese quanto na segunda, fica evidente que o Judaísmo ensinado por Yeshua possui bases no movimento farisaico. Este é o motivo de alguns especialistas alegarem que Yeshua fosse fariseu, ou pelo menos que compartilhasse de suas doutrinas essenciais. Sobre o texto de João 1:24-30, supracitado, comentou o rabino James Trimm:

> "**Yeshua parece ser referido aqui como um fariseu!**" (*Yeshua the Pharisee?*, artigo publicado pela "The Worldwide Nazarene Assembly of Elohim").

Particularmente, achamos impossível rotular, com absoluta certeza, a facção de Yeshua, tendo em vista que seus ensinos são uma mescla de farisaísmo e essenismo, além de ingredientes que tornam a doutrina do Mashiach ímpar. Além do mais, se Yeshua realmente fosse fariseu, este dado seria tão importante que constaria da narrativa dos evangelhos, que ficaram silentes quanto ao tema. Acresce lembrar que a semichá (ordenação rabínica/"autoridade") de Yeshua era desconhecida (Mt 21:23-27) e o Messias não estudou com os fariseus (Jo 7:14-15).

Eis o que Yochanan (João) escreveu acerca da origem dos seus ensinos de Yeshua:

> "Os moradores de Yehudá [Judeia] ficaram surpresos: 'Como este homem sabe tanto sem ter estudado?', eles perguntaram. Então Yeshua lhes deu uma resposta: 'Meu ensino não é meu; procede de quem me enviou'." (Yochanan/João 7:15-16).

Assim, apesar de a compreensão de Yeshua sobre a Torá ser celestial, até pelo fato de Ele ser a Torá Viva, é relevante estudar as raízes do Judaísmo de Yeshua, objetivando-se a melhor compreensão de suas palavras e do contexto histórico-religioso em que foram proferidas.

Vejamos algumas semelhanças entre os ensinos de Yeshua e a doutrina dos p'rushim.

Flávio Josefo, em sua obra, afirma que em sua juventude ingressou em todos os grupos do Judaísmo para conhecê-los e descobrir com qual se identificava e, ao final, tornou-se parush (fariseu). Eis como o historiador fariseu descreve seu grupo:

> "Quanto às duas primeiras seitas de que falamos, os **fariseus** são tidos como **os mais perfeitos conhecedores de nossas leis** e de **nossas cerimônias**. **O principal artigo de sua crença é tudo atribuir a Deus e ao destino; entretanto, na maior parte das coisas, depende de nós fazer o bem ou o mal**, embora o destino possa ajudar-nos muito. Eles dizem também que as **almas são imortais**; que as **dos justos passam depois desta vida a outro corpo e que as dos maus sofrem tormentos que duram para sempre**. (...). Enquanto **os fariseus são sociáveis e vivem em amizade** uns com os outros, os saduceus são naturalmente rudes e vivem mesmo grosseiramente entre si, como se fossem estrangeiros". (Ob. Cit. Página 1134).

Do texto referido, extraem-se algumas características dos p'rushim:

1) são mestres da Torá ("profundos conhecedores de nossas leis");

2) praticam as cerimônias judaicas, ou seja, seguem as tradições dos antepassados;

3) afirmam que Elohim controla o destino (soberania do ETERNO);

4) pensam que o ser humano possui o livre arbítrio para escolher o bem ou o mal ("depende de nós fazer o bem ou o mal");

5) creem na imortalidade da alma;

6) creem na ressurreição dos mortos ("as almas dos justos passam depois desta vida para outro corpo");

7) sustentam que os ímpios serão castigados eternamente ("os maus sofrem tormentos que duram para sempre");

8) "os fariseus são sociáveis e vivem em amizade".

Todas estas 8 (oito) características estão presentes nos ensinamentos de Yeshua, conforme se passa a expor.

Os p’rushim eram mestres da Torá, verdadeiros rabinos (*Josefo*, ob.cit., pg. 1134). Yeshua também é reconhecido como tal, já que era chamado de rabi, ou seja, rabino (Yochanan/João 1:3; 1:49; Matityahu/Mateus 26:25, dentre outros).

Ensinavam os p’rushim (fariseus) nas sinagogas. O mesmo fazia Yeshua:

> “E percorria Yeshua toda a Galil [Galileia], ensinando nas suas sinagogas, e pregando as boas novas do Reino, e curando todas as enfermidades e moléstias entre o povo.” (Matityahu/Mateus 4:23).

Guardavam os p’rushim as tradições judaicas que foram transmitidas oralmente por seus antepassados *(Josefo, ob.cit, pg. 1134)*.

De acordo com a Mishná, Moshé (Moisés) recebeu a Torá no monte Sinai, acompanhada de ensinamentos e interpretações. A Torá foi escrita por Moshé em seus cinco livros, enquanto os ensinamentos e interpretações não foram redigidos, mas transmitidos oralmente a Yehoshua[1] (Josué), constituindo-se, então, tradições que foram passadas de geração a geração. É o que prescreve a Mishná:

> “Moshé [Moisés] recebeu a Torá no Sinai, transmitiu-a a Yehoshua[2] (Josué), este aos anciãos, os anciãos aos profetas, os profetas a transmitiram aos homens da Grande Assembleia.” (Avot 1:1).

Assim, os p’rushim aceitavam tanto a Torá quanto as tradições e os costumes que foram transmitidos oralmente. De modo diverso, os ts’dukim (saduceus) reconheciam apenas a Torá escrita, descartando as tradições:

> “Contentar-me-ei agora em dizer que os fariseus, que receberam essas constituições pela tradição de seus antepassados, as ensinaram ao povo. Os saduceus, porém, as rejeitavam, porque elas não estão compreendidas entre as leis dadas por Moisés, que estes afirmam serem as únicas que são obrigados a observar. Isso fez surgir entre eles uma grande divergência, que deu origem a diversos partidos. As pessoas de classe mais elevada abraçaram o dos saduceus, e o povo alinhou-se com os fariseus.” (*Josefo*,ob.cit., página 606).

Yeshua, tal como os fariseus, também observava as tradições, desde que estas fossem compatíveis com as Escrituras. Em Yochanan/João 7:37-38, há a narrativa de que no último dia da festa de sukot, conhecido como Hoshaná Rabá, Yeshua disse: “Se alguém tem sede, venha a mim e beba! Quem deposita a confiança em mim, como dizem as Escrituras, rios de água viva fluirão de seu interior”. Yeshua se valeu da ocasião em que havia a cerimônia de libação de água do BeitHamikdash (Templo), conforme a prescrição da Lei Oral (Sukot 4:9). Assim, o Mashiach disse que o ritual previsto na Lei Oral era um símbolo profético de si mesmo.

Todos os quatro evangelhos descrevem que Yeshua celebrou com seus discípulos a festa de Pessach (Páscoa), antes de sua morte. O seder de Pessach realizado por Yeshua seguiu o ritual descrito pela Lei Oral.

Eis algumas tradições reconhecidas por Yeshua: dar o dízimo de ervas (Matityahu/Mateus 23:23); proferir uma b’rachá (benção) em relação aos alimentos (Yochanan Marcus/Marcos 6:41 e 8:7); proferir uma b’rachá sobre o vinho e cantar o Halel (“louvor”, extraído dos Salmos) no seder de Pessach (Páscoa) (Yochanan Marcus/Marcos 14:22-23 e 26).

Vale citar a opinião de especialistas no sentido de que Yeshua cumpriu tanto a Torá escrita quanto as tradições judaicas:

> “Yeshua cumpriu a Torá e tradições judaicas do período do Segundo Templo.” (Rabino Shmuel Saffrai, *The Torah Observance of Yeshua*).
>
> “Yeshua representa o ponto de desenvolvimento contínuo e ininterrupto da Bíblia hebraica, ligado a ela através de um suplemento interpretativo que é característico da grande criação literária dos rabinos: a Torá Oral. Como Yehezkel Kaufmann o coloca: ‘A atitude de Yeshua para a Torá é a mesma atitude que se encontra entre os mestres da halachá e da hagadá que seguiram a tradição farisaica.” (*Judaism and the Christian Predicament*, B.Z. Bokser, Alfred Knopf, York, 1967. pp 208-209).
>
> “Talvez, o mais importante era o seu relacionamento [referindo-se a Yeshua] com a Torá e as tradições, o que alguns o têm descrito como ‘totalmente ortodoxo’ (...).
>
> Essa relação [de Yeshua] com as tradições e práticas do seu dia levou David Flusser a escrever na Enciclopédia Judaica: (Vol. 10, p 14): os Evangelhos fornecem provas suficientes no sentido de que Yeshua não se opôs a qualquer prescrição da [Torá] escrita ou Lei Oral de Moisés.” (*Jesus through Jewish*

> *Eyes:A Rabbi examines the life and teachings of Jesus*, artigo do Rabino John Fischer, Ph.D. Th.D).
>
> "Yeshua parece seguir a halachá dos Sábios, apesar do fato de que essas tradições não estão explicitamente na Torá Escrita." (*Why Nehemia Gordon is Wrong About Matthew 23:3?*, artigo do rabino Tim Hegg).

Se Yeshua tivesse violado as legítimas tradições orais de seus antepassados, com certeza isto seria usado para acusá-lo. Basta ler todos os evangelhos para se constar que em nenhum momento os opositores de Yeshua tiveram êxito em lhe formular uma acusação que tivesse procedência. Quando esteve preso perante o Sanhedrin (Sinédrio), tiveram que apresentar testemunhas falsas para tentar incriminá-lo e, mesmo assim, não conseguiram achar nenhuma culpa que o incriminasse (Matityahu/Mateus 26:59-60). Yeshua não foi condenado por ter violado a Torá ou a tradição oral, mas sim por ter se declarado o Mashiach, o Filho de Elohim (Yochanan Marcus/Marcos 14:61-62).

Conveniente destacar: Yeshua não era refratário às tradições, mas as tradições que ele observava não eram necessariamente iguais às dos fariseus. Com efeito, há tradições que deturpam as Escrituras, sendo lógico que o Mashiach as rejeitasse.

Por outro lado, existem tradições legítimas e benéficas como, por exemplo, a de orar pelo menos três vezes ao dia, nos períodos da manhã, tarde e noite. Caso Yeshua houvesse criticado as tradições legítimas, Sha'ul (Paulo) seguiria o mesmo caminho. Entretanto, a B'rit Chadashá (Aliança Renovada, "Novo Testamento") aponta Sha'ul defendendo certas tradições:

> "Três dias depois, Sha'ul [Paulo] convocou uma reunião com os líderes judeus locais. Quando estes se reuniram, ele lhes disse: 'Irmãos, **embora eu não tenha feito <u>nada</u> contra o nosso povo <u>nem contra as tradições de nossos pais</u>**, fui feito prisioneiro em Yerushalayim [Jerusalém] e entregue aos romanos'." (Ma'assei Sh'lichim/Atos 28:17).
>
> "Portanto, irmãos, permaneçam firmes; **apeguem-se às <u>tradições</u> que lhes foram ensinadas por nós**..." (Tessalonissayah Beit/2ª Tessalonicenses 2:15).

Epifânio de Salamina, no século IV, escreveu que os nazarenos guardavam os costumes judaicos consagrados na tradição:

> "**Os nazarenos** não diferem essencialmente dos outros [referindo-se aos judeus ortodoxos], pois **praticam os mesmos costumes e as mesmas doutrinas prescritas pela Lei judaica [a Torá]**, com a diferença que eles [os nazarenos] creem no Messias [Yeshua ou Jesus]." (*En Contra de las Herejías, Panarion* 29, 7).

Especialista em História do Cristianismo no primeiro século, Marcel Simon também escreveu que os nazarenos observavam os costumes judaicos:

> "Eles [referindo-se aos nazarenos] **se caracterizam essencialmente por seu forte apego aos costumes judaicos**." (*Judeo-cristianismo*, pg. 47-48).

Ao estudar o pensamento de Yeshua acerca da Lei Oral, concluiu o rabino nazareno James Trimm:

> "Yeshua parece ter também aceitado as 'tradições de nossos pais', que foram passadas oralmente." (*Nazarenes and the Oral Law*, publicado em Nazarene Space).

Assim, temos que tanto Yeshua quanto Sha'ul, que era parush (Atos 23:6), apoiavam as tradições, excetuando-se, obviamente, aquelas que contrariam as Escrituras. Com efeito, o Mashiach criticou determinadas tradições:

> "Portanto, mediante a tradição perpetuada por vocês, anula-se a Palavra de Elohim!" (Yochanan Marcus/ Marcos 7:13).

> "Eles [os fariseus] amarram cargas pesadas nos ombros das pessoas..." (Matityahu/Mateus 23:4).

De fato, existem no Talmud muitas leis rabínicas que são contrárias aos ensinamentos do Mashiach e, em decorrência, não devem ser observadas.

Por conseguinte, as leis consignadas no Talmud devem ser analisadas à luz das Escrituras. Algumas delas serão compatíveis com a Bíblia, quer seja com suas regras explícitas, quer seja com suas regras implícitas, quer seja com os princípios (escritos ou não-escritos) extraídos da Palavra do ETERNO. Por

outro lado, há muitas tradições e normas registradas no Talmud que devem ser rejeitadas, porquanto antagônicas com as normas bíblicas, explícitas ou implícitas.

Em síntese, ao seguir tanto a Torá escrita quanto às tradições orais que se harmonizam com as Escrituras, Yeshua situou-se ao lado da doutrina dos p'rushim (fariseus), e não dos ts'dukim (saduceus).

Os p'rushim ensinam que Elohim controla o destino de todos (*Josefo*, ob.cit., pg.1134). Em oposição, os ts'dukim (saduceus) "negam absolutamente o destino e creem que, como Deus é incapaz de fazer o mal, Ele não se incomoda com o que os homens fazem" (*Josefo*, ob.cit., pg.1134). Diante desta divergência, Yeshua se posiciona do lado dos p'rushim (fariseus), ao lecionar que Elohim está no controle de tudo o que se passa no mundo:

> "Não são os pardais vendidos por quase nada, cinco por dois assários? E nenhum deles foi esquecido por Elohim. Todos os cabelos de sua cabeça estão contados! Não tenham medo; vocês valem mais que muitos pardais!" (Lucas 12:6-7).
>
> "Por isso vos digo: Não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o mantimento, e o corpo mais do que o vestuário?
>
> "Olhai para as aves do céu, que nem semeiam, nem segam, nem ajuntam em celeiros; e vosso Pai celestial as alimenta. Não tendes vós muito mais valor do que elas?
>
> E qual de vós poderá, com todos os seus cuidados, acrescentar um côvado à sua estatura?
>
> E, quanto ao vestuário, por que andais solícitos? Olhai para os lírios do campo, como eles crescem; não trabalham nem fiam;
>
> E eu vos digo que nem mesmo Sholomoh [Salomão], em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.
>
> Pois, se Elohim assim veste a erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?

> Não andeis, pois, inquietos, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos vestiremos?
>
> (Porque todas estas coisas os gentios procuram). De certo vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas;
>
> Mas, buscai primeiro o Reino de Elohim, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.
>
> Não vos inquieteis, pois, pelo dia amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal.” (Matityahu/Mateus 6:25-34).

Apesar de Elohim estar no controle de todas as coisas, ensinavam os p’rushim (fariseus) que “depende de nós fazer o bem ou o mal” (*Josefo*, ob.cit., pg. 1134), ou seja, enfatizavam o livre arbítrio do ser humano. Em sendo o judaísmo rabínico sucessor do movimento farisaico, vale citar o pensamento de Moshé Ben Maimon (conhecido como Maimônides), que possui viés nitidamente parush:

> “A liberdade de escolha foi dada a cada homem: se ele decide tomar o caminho das boas obras e da justiça, tal habilidade já está em seu poder; e se ele decide tomar o caminho da maldade, a habilidade para tal também já está em seu poder.
>
> Este conceito é o princípio fundamental e um pilar para a Torá e seus mandamentos. Se D’us decretasse que uma pessoa seria boa ou ímpia antes de sua existência, ou se existisse alguma coisa pré-determinada nos céus que influenciasse a pessoa a tomar um certo caminho na vida, como D’us poderia nos dar mandamentos através dos profetas tais como “façam isso” e “não façam aquilo”? Que lugar a Torá teria em nossas vidas? E por qual critério de justiça D’us puniria o ímpio e recompensaria o justo?” (*Mishnê Torá, Teshuvá* 5:1-3).

De igual modo, Yeshua enfatizava a liberdade de escolha do homem em optar por qual caminho a seguir. O Salmista falou que existem dois caminhos, devendo o homem decidir por trilhar o caminho do justo ou o do ímpio (Tehilim/Salmos 1, na íntegra). Yeshua também usa a mesma figura de linguagem (“o caminho”):

> “Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso **o caminho** que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela. E porque estreita é a

> porta, e apertado, **o caminho que leva à vida**, e poucos há que a encontrem." (Matityahu/Mateus 7:13-14).

E qual é o caminho que leva à vida? É a Torá!!!

> "**Felizes** são aqueles cujo **caminho da vida** é irrepreensível, que **vivem pela Torá de YHWH**." (Tehilim/Salmos 119:1).

Infere-se das lições do Mashiach que este acreditava que o homem tinha a liberdade de escolher qual o caminho a seguir, ou seja, o Mashiach ensinou o conceito farisaico de livre arbítrio. A predestinação ensinada pelos calvinistas é totalmente contrária às Escrituras.

À luz do Judaísmo farisaico, defendido por Yeshua, o ETERNO está no controle de tudo o que se passa no mundo, quer seja dos homens quer seja dos animais. Não obstante, esta soberania de YHWH não exclui o livre arbítrio humano. É o que consta da Mishná:

> "**Tudo está previsto, e o homem tem o seu livre arbítrio**." (Avot 3:19).

Mister citar o comentário de Irving M. Bunin acerca do referido texto de Avot:

> "Na realidade, Rabi Akiva toca num dos problemas mais espinhosos da teologia judaica: a onisciência ou o conhecimento prévio do Todo-Poderoso versus livre-arbítrio do ser humano. Quando dizemos que Ele sabe tudo, queremos dizer não somente o passado e o presente, mas também o futuro – antes que ele ocorra. Para muitos, isto conflita com o livre-arbítrio humano. Se o Todo-Poderoso já sabia ontem que eu iria pecar, então que outra escolha eu poderia ter? Minha ação não está predestinada? Na nossa Mishná, Rabi Akiva afirma que ambos os princípios ocorrem.
>
> O judaísmo, diz ele, aceita tanto a onisciência Divina quanto o livre-arbítrio humano. Como diz o Documento Sagrado: 'Eu coloquei diante de ti a vida e a morte, a benção e a maldição; portanto, escolhe a vida' [Devarim/Deuteronômio 30:19]. O Eterno já sabe qual será sua escolha e, no entanto, por mais paradoxal que isto possa parecer, você tem plena liberdade de opção." (*Ética do Sinai*, 2009, página 185).

Yeshua, seguindo a linha farisaica, destacou o livre arbítrio do homem para escolher o bem ou o mal em inúmeras passagens. Fez a distinção, por exemplo, entre a árvore que dá o bom fruto e a que dá o mau fruto (Matityahu/Mateus 12:33-37). Na parábola do semeador, a semente em terra boa representa a pessoa que ouviu e optou por obedecer aos mandamentos (Matityahu/Mateus 13:1-23). Em sentido idêntico, ressalta-se a distinção entre os obedientes e os desobedientes nas parábolas do trigo e do joio, do tesouro escondido, da pérola, e da rede que apanha peixes bons e peixes ruins (Matityahu/Mateus 13:24-30 e 36-50). Sobre o livre arbítrio, confira-se ainda, por exemplo, Matityahu/Mateus 1:17; 7:24-27; Yochanan/João 3:16-19; 11:25; 14:21 e 23.

Criam os p'rushim (fariseus) na imortalidade da alma, enquanto os ts'dukim (saduceus) lecionavam que as almas morrem com os corpos (*Josefo*, ob.cit. pg. 831 e 1134).

Pelo fato de crerem apenas na Torá, desprezando as tradições orais, os ts'dukim (saduceus) diziam que as almas sucumbem juntamente com o corpo. De fato, vários textos bíblicos dão margem ao entendimento de que com a morte física também há a morte da alma, ficando o espírito do homem "dormindo", em estado inconsciente:

> "**David dormiu** com seus pais e foi sepultado na Cidade de David." (Melachim Álef/1º Reis 2: 10)
>
> "**Os mortos não louvam** YHWH, nem os que descem ao silêncio." (Tehilim/Salmos 115: 17).
>
> "**Porque na morte não há lembrança de ti; no sheol quem te louvará**?" (Tehilim/Salmos 6: 6; Sl 6:5 nas versões cristãs).
>
> "Escondes o teu rosto, e ficam perturbados; **se lhes tiras a respiração, morrem e voltam ao próprio pó**." (Tehilim/Salmos 104: 29).
>
> "**Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os mortos não sabem coisa nenhuma**, nem tampouco eles têm jamais recompensa, mas a sua memória ficou entregue ao esquecimento. Até o seu amor, o seu ódio e a sua inveja já pereceram e já não têm parte alguma neste século, em coisa alguma do que se faz debaixo do sol. (...)
>
> Tudo quanto te vier à mão para fazer, faze-o conforme as tuas forças, porque **no sheol, para onde tu vais, não há obra, nem indústria, nem ciência, nem sabedoria alguma**". (Kohelet/Eclesiastes 9: 5, 6, 10).

Não obstante a interpretação dos ts'dukim (saduceus) no sentido de que a alma é perecível, criam os p'rushim (fariseus) na imortalidade da alma, consoante a interpretação das Escrituras e as tradições orais:

> "Eles [os fariseus] julgam que as almas são imortais, julgadas em um outro mundo e recompensadas ou castigadas segundo foram neste — virtuosas ou viciosas — e que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida, e outras retornam a esta[3]" (*Josefo*, ob.cit. página 830).

De acordo com as Escrituras, quando os seres humanos morrem, todos vão para o *sheol*, palavra hebraica que significa "cova" ou "sepultura", traduzida incorretamente para o português como "inferno" (releia os textos acima citados de Tehilim/Salmos 6: 6 ou Sl 6:5, nas versões cristãs, e Kohelet/Eclesiastes 9: 5, 6, 10). Não há distinção, os justos e os ímpios vão para o sheol ("sepultura"). Interessante observar que a palavra sheol, nas Escrituras em hebraico, nunca aparece com o artigo definido, denotando que sheol é um nome próprio, o nome de um lugar.

Consoante o Tanach, temos que:

1) as almas vão para o sheol (Tehilim 86:13; Kohelet/Eclesiastes 9:10; Tehilim/Salmos 6:6; Sl 6:5 nas versões cristãs);

2) a palavra sheol é contrastada com "céu" (Tehilim/Salmos 139:8; Amos/Amós 9:2 e Yov/Jó 11:8). O Talmud também firma o contraste entre o sheol e o Céu (Berachot, 28a);

3) o sheol pode ser evitado (Mishlei/Provérbios 15:24 e 23:14);

4) os ímpios retornarão para o sheol (Tehilim/Salmos 9:18, ou Sl 9:7 nas versões cristãs);

5) o Gan Eden ("paraíso") foi lançado dentro do sheol (Yechezk'el/Ezequiel 31:16-18).

Diante de tais elementos, os p'rushim (fariseus) ensinavam que todos morrem e vão para o sheol. Porém, havia dois lugares distintos no sheol, um para os justos e outro para os ímpios.

Ficariam os justos no "seio de Avraham" (Abraão), local também conhecido como Gan Eden (traduzido para o português como Paraíso).

Em contrapartida, os ímpios ficariam em um local chamado Guey Hinom (geralmente traduzido por "inferno"), conhecido como "lago de fogo". Guey Hinom (literalmente "Vale do Hinom") foi um lugar

em Yerushalayim (Jerusalém) em que os pagãos ofereciam seus filhos em sacrifício a Ba'al e a Molech (Divrei Hayamim Beit/2º Crônicas 28:3 e 33: 6 e Yirmeyahu/Jeremias 7:31-32; 19:2,6 e 32:35). No primeiro século, o Guey Hinom era o depósito de lixo da cidade, onde este era queimado constantemente. Daí, utilizava-se metaforicamente a imagem do Guey Hinom como sendo o local do castigo dos ímpios, que queimariam no "lago de fogo" tal como o lixo era incinerado no Guey Hinom.

Flávio Josefo, que era fariseu, cria na imortalidade da alma e na divisão de dois compartimentos do sheol, um para os justos e outro aos ímpios. Sobre o tema escreveu o rabino James Trimm:

> "Josefo dá um tratamento muito mais longo para o Sheol (ou 'Hades')
>
> (...).
>
> Neste material, Josefo descreve o Sheol como tendo dois compartimentos. Um para os justos, que ele chama de 'o seio de Abraão'; o outro é para os injustos. Os dois estão separados por 'um abismo profundo e grande', que ele diz que 'está fixado entre eles'. Ele o descreve como um lugar 'onde as almas dos homens estão confinadas até que em uma estação [época] própria, que Deus tem determinado, Ele promoverá a ressurreição de todos os homens'." (*Nazarene Theology*, Institute for Nazarene Jewish Studies, 2007, página 391).

Quanto a este tópico acerca da mortalidade ou imortalidade da alma, percebe-se que os ensinos de Yeshua são totalmente compatíveis com a doutrina dos fariseus. Yeshua seguiu o estilo farisaico ao crer na imortalidade da alma, na consciência após a morte e na divisão do sheol ("sepultura"/lugar dos mortos) em dois compartimentos distintos, divididos por um grande abismo:

> "Ora, havia um **homem rico**, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente.
>
> Havia também **um certo mendigo, chamado El'azar [Lázaro],** que jazia cheio de chagas à porta daquele;
>
> E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lamber-lhe as chagas.
>
> E aconteceu que o mendigo morreu, **e foi levado pelos anjos para <u>o seio de Avraham</u> [Abraão]**; e morreu também o rico, e foi sepultado.

> E no **sheol**, ergueu os olhos, estando em tormentos, **e viu ao longe Avraham [Abraão], e El'azar [Lázaro] no seu seio.**
>
> E, clamando, disse: Pai Avraham [Abraão], tem misericórdia de mim, e manda a El'azar [Lázaro], que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama.
>
> **Disse, porém, Avraham [Abraão]: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e El'azar [Lázaro] somente males; e agora este é consolado e tu atormentado**.
>
> E, além disso, **está posto um grande abismo entre nós e vós**, **de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tampouco os de lá passar para cá.**
>
> E disse ele: Rogo-te, pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai
>
> Pois tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este **lugar de tormento**." (Lucas 16:19-28).

Yeshua, afinado com a concepção farisaica, declarou que os justos vão para o Gan Eden (geralmente traduzido por "paraíso"):

> "E disse-lhe Yeshua: 'Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Gan Eden'." (Lucas 23:43).

Compare a lição de Yeshua com a Mishná:

> "Os homens descarados irão para o Guey Hinom, e os recatados para o Gan Eden." (Avot 5:20).

Tal como os fariseus, Yeshua fala sobre o Guey Hinom:

> "Portanto, se o teu olho direito te escandalizar, arranca-o e atira-o para longe de ti; pois te é melhor que se perca um dos teus membros do que seja todo o teu corpo lançado no **Guey Hinom.**

E, se a tua mão direita te escandalizar, corta-a e atira-a para longe de ti, porque te é melhor que um dos teus membros se perca do que seja todo o teu corpo lançado no **Guey Hinom**.” (Matityahu/Mateus 5:29-30).

“Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do **Guey Hinom**?” (Matityahu/Mateus 23:33).

“Mas eu vos mostrarei a quem deveis temer; temei aquele que, depois de matar, tem poder para lançar no **Guey Hinom**; sim, vos digo, a esse temei.” (Lucas 12:15).

Yeshua também associa o Guey Hinom ao fogo, que é um ensino tipicamente farisaico:

“E, se a tua mão te escandalizar, corta-a; melhor é para ti entrares na vida aleijado do que, tendo duas mãos, ires para o **Guey Hinom**, **para o fogo que nunca se apaga, onde o verme não morre, e o fogo nunca se apaga.**

E, se o teu pé te escandalizar, corta-o; melhor é para ti entrares coxo na vida do que, tendo dois pés, seres lançado no **Guey Hinom, no fogo que nunca se apaga**, **onde o verme não morre, e o fogo nunca se apaga.**

E, se o teu olho te escandalizar, lança-o fora; melhor é para ti entrares no Reino de Elohim com um só olho do que, tendo dois olhos, seres lançado **no fogo do Guey Hinom**, **onde o verme não morre, e o fogo nunca se apaga**.” (Yochanan Marcus/Marcos 9:43-48). *Observação:* Yeshua está se reportando a Yeshayahu/Isaías 66:24).

A expressão “lago de fogo”, manejada pelos p’rushim (fariseus), é usada por Yochanan (João):

“Então, a Morte e o sheol foram lançados no **lago de fogo**. Esta é a segunda morte – o **lago de fogo**.

E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no **lago de fogo**.” (Guilyana/Apocalipse 20:14-15).

Se de um lado os ts'dukim (saduceus) não acreditavam em ressurreição, os p'rushim (fariseus) defendiam justamente o contrário (*Josefo*, ob.cit., página 1134).

O Judaísmo rabínico, sucessor do movimento farisaico, considera que a doutrina da ressurreição é essencial ao judaísmo:

> "Estes não têm parte no 'olam habá' [o mundo vindouro]: aqueles que dizem que a ressurreição dos mortos não pode ser inferida da Torá..." (*Mishná Sanhedrin* 10:1).

Mais uma vez Yeshua se posiciona ao lado da doutrina dos p'rushim, ensinando acerca da ressurreição:

> "Eu sou a ressurreição e a vida, quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá." (Yochanan/João 11:25).
>
> "E que os mortos hão de ressuscitar também o mostrou Moshé [Moisés] junto da sarça, quando chama YHWH de Elohim de Avraham [Abraão], Elohim de Yits'chak [Isaque], e Elohim de Ya'akov [Jacó].
>
> Ora, Elohim não é Elohim de mortos, mas de vivos; porque para Ele todos estão vivos." (Lucas 20:37-38).
>
> "E, acerca da ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Elohim vos declarou, dizendo:" (Matityahu/Mateus 22:31).

A própria ressurreição de Yeshua comprova a doutrina de que um dia todos os mortos ressuscitarão. Confiram-se os seguintes textos: Mc 12:25,26; Lc 20:35; At 2:31, 4:2, 17:32; I Co 15:12-53; Hb 11:35; Rm 1:4 e Ap 20:26, dentre outros.

Outro aspecto de divergência entre os ts'dukim (saduceus) e os p'rushim (fariseus) reside no fato de somente estes últimos acharem que os homens seriam castigados ou recompensados após a morte:

> "Eles [os fariseus] julgam que as almas são imortais, julgadas em um outro mundo e **recompensadas ou castigadas segundo foram neste — virtuosas ou viciosas** — e que umas são eternamente retidas prisioneiras nessa outra vida, e outras retornam a esta[4]" (*Josefo*, ob.cit. página 830).

Tal conceito é bastante claro na Mishná:

> “Todo aquele que possui as três qualidades que se vão enumerar é um discípulo de Avraham [Abraão], nosso pai; o que possuir os vícios opostos é um discípulo de Bilam [Balaão], o ímpio. O bom olhar, a humildade e a abnegação são características dos discípulos de Avraham [Abraão]. O mau olhar; o orgulho e a ambição são as características dos discípulos de Bilam [Balaão].
>
> Qual é a diferença entre o destino reservado aos discípulos de Avraham [Abraão] e o que está guardado para os discípulos de Bilam [Balaão]?
>
> Os primeiros gozam das felicidades deste mundo, e terão parte na felicidade do mundo vindouro [vida futura], conforme se lê: ‘reservarei uma boa herança aos que me amam e encherei os seus tesouros’. Mas os discípulos de Bilam [Balaão] terão como punição o Guey Hinom e serão precipitados no abismo, conforme se lê: ‘e tu, Elohim, os precipitarás no abismo da destruição; homens sanguinários e pérfidos não atingiram a metade dos teus dias. Eu, ao contrário, ponho a minha confiança em Ti’.” (Avot 5:19).

Mais uma vez Yeshua possui entendimento alinhavado com o dos p’rushim, ao destacar o sistema de retribuição aos justos e aos ímpios. O Mashiach dissertou que no Grande Julgamento o Filho do Homem se assentará no trono glorioso e separará as ovelhas (os justos) dos bodes (os ímpios). Os primeiros receberão uma herança, enquanto os segundos irão para o castigo eterno (Matityahu/Mateus 25:31-46). Citam-se ainda outros textos:

> “Folgai nesse dia, exultai; porque eis que é grande o vosso galardão no céu, pois assim faziam os seus pais aos profetas.” (Lucas 6:23).
>
> “E, eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.” (Guilyana/Apocalipse 22:12).
>
> “E serás bem-aventurado; porque eles não têm com que to recompensar; mas recompensado te será na ressurreição dos justos.” (Lucas 14:14).
>
> (Leia-se, ainda, I Co 3:8 e 14; 2 Jo 1:8 e Cl 3:24).

Sha’ul (Paulo) declarou que os ts’dukim (saduceus) não criam em ressurreição, em anjos e em espíritos, ao passo que os p’rushim (fariseus) os reconheciam (Ma’assei Sh’lichim/Atos 23:8).

O fariseu Flávio Josefo escreveu sobre a existência de demônios:

> “Vi um judeu, chamado Eleazar, livrar diversos possessos, na presença do imperador Vespasiano, de seus filhos e de vários oficiais e soldados. Ele prendia ao nariz do possesso um anel no qual estava fincada uma raiz, a mesma de que Salomão se servia para aquele fim. Logo que o demônio a cheirava, arremessava o doente por terra e o abandonava. Ele dizia então as mesmas palavras que Salomão havia deixado por escrito e, fazendo menção desse príncipe, proibia ao demônio voltar.” (Ob.Cit., página 351).

O Talmud retrata o ministério de expulsão de demônios exercido pelo rabino Chanina Ben Dosa, que viveu no primeiro século. No episódio, o rabino encontra a rainha dos demônios:

> “Que nenhum homem saia sozinho à noite [...] pois Igrat, filha de Mahalat, e dezoito milhares de anjos destruidores estão à espreita, e cada um deles tem força para atacar... Certa feita, ela encontrou R. Chanina Ben Dosa e lhe disse:
>
> Não houvesse uma recomendação do Céu, [dizendo] ‘Afaste-se de R. Chanina Ben Dosa...’, eu o teria ferido.
>
> Ele lhe disse:
>
> ‘Como é tão grande a estima que me têm no Céu, ordeno-te que jamais voltes a passar por um lugar habitado’.” (Pesachim 112b).

Quanto à questão acerca da existência ou não de demônios, Yeshua não só cria em demônios, tal qual os p’rushim, como também os expulsava:

> “E a sua fama correu por toda a Ashur [Assíria]; e traziam-lhe todos os que padeciam acometidos de várias enfermidades e tormentos, **os endemoninhados**, os lunáticos e os paralíticos, e ele os curava.” (Matityahu/Mateus 4:24).

> “E curou muitos que se achavam enfermos de diversas enfermidades **e expulsou muitos demônios**, porém não deixava falar os demônios, porque o conheciam.” (Yochanan Marcus/Marcos 1:34).
>
> “E convocando os seus doze talmidim [discípulos], **deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios** e para curarem enfermidades.” (Lucas 9:1).
>
> “E estes sinais seguirão aos que crerem: **em meu nome, expulsarão demônios**...” (Yochanan Marcus/Marcos 16:17).

Sobre o ministério exorcista de Yeshua, destacam-se, dentre tantos, os seguintes textos: Mt 8:16, 28-34; 12:43-45; 9:32-33; 17:14-21; Mc 1:21-27; 3: 11-12; 6:12; 7:29-30; 9:14-29, Lc 4:41 etc.

Diante de todo o exposto, conclui-se que os ensinos de Yeshua estavam em conformidade com o dos p’rushim (fariseus), em relação a todas as características apresentadas por Flávio Josefo, acima analisadas. No tocante às tradições, Yeshua somente seguiu aquelas em harmonia com as Escrituras, refutando as antibíblicas.

**Continua...**

---

[1] Já que em hebraico não existem vogais, apenas consoantes, o nome conhecido como “Yehoshua” pode ser lido como “Yahushua”.

[2] Vide nota anterior.

[3] Este retorno se refere à ressurreição, e não à reencarnação.

[4] Este retorno refere-se à ressurreição, e não à reencarnação.

PARTE VI - YESHUA E OS P’RUSHIM:

Os evangelhos demonstram dezenas de situações em que Yeshua está criticando severamente os p’rushim (fariseus). E esta é a razão pela qual o Cristianismo associa a figura do parush (fariseu) à

maldade, falsidade e hipocrisia. Porém, Flávio Josefo elogia os p'rushim, qualificando-os como homens justos, piedosos, amáveis. Ou seja, parece haver uma contradição entre a imagem negativa dos p'rushim retratada nos evangelhos e o conceito positivo autenticado por Josefo.

Somente em Matityahu/Mateus 23, Yeshua chama os p'rushim de hipócritas por 6 (seis) vezes, tachando-os ainda de "guias cegos", "sepulcros caiados", "descendentes dos assassinos", "serpentes" e "raça de víboras". Se os p'rushim são tudo isso, por que Flávio Josefo escreveu os textos abaixo?

> "Essa princesa tinha grande espírito de piedade **e os fariseus tinham também a fama de ser muito piedosos** e muito mais instruídos que os outros, em coisas de religião." (Ob. Cit., página 1018).
>
> "**Eles [os fariseus]** granjearam, por essa crença, tão grande autoridade entre o povo que este segue os seus sentimentos em tudo o que se refere ao culto de Deus e às orações solenes que lhe são feitas. Assim, **cidades inteiras dão testemunhos valiosos de sua virtude, de sua maneira de viver e de seus discursos**". (Ob.Cit. página 830).
>
> "**Enquanto os fariseus são sociáveis e vivem em amizade uns com os outros**..." (Ob.Cit., página 1134).

Não há contradição entre a crítica de Yeshua aos p'rushim e os elogios tecidos por Flávio Josefo. Explica-se.

Lembremo-nos de alguns fatos já estudados:

1) o grupo dos p'rushim (fariseus) se dividia em dois grandes blocos: a Beit Hilel, que interpretava o "amor ao próximo" como alicerce da Torá, e a Beit Shamai, marcada pela severidade e dureza na interpretação legal;

2) os membros da Beit Shamai eram tão ríspidos, alguns extremamente cruéis, que houve o mencionado episódio em que os hileítas foram assassinados covardemente pelos shamaítas;

3) na época de Yeshua, havia pouquíssimos discípulos de Hilel e muitos alunos de Shamai. De acordo com os dados apresentados, os hileítas giravam em torno de 80 pessoas, e os shamaítas contavam com aproximadamente 6.000 membros.

Todas estas informações implicam as seguintes conclusões:

1) Yeshua não estava combatendo os amorosos p'rushim (em regra da Beit Hilel), mas sim aqueles que tinham o coração embrutecido (em regra da Beit Shamai);

2) já que os shamaítas estavam em número muito maior do que os hileítas, estes últimos passavam despercebidos quantitativamente. Assim, os evangelhos se concentraram em narrar o embate de Yeshua com os alunos de Shamai, porquanto estes representavam a facção do Judaísmo predominante. Este fato levou com que o Cristianismo pensasse, incorretamente, que Yeshua era inimigo de todos os p'rushim. Não! O Mashiach travou disputas com grande parte dos p'rushim, entretanto, havia um remanescente fiel;

3) registram os evangelhos, como se estudará adiante, que muitos p'rushim eram amigos e discípulos de Yeshua. Logo, é injusto o Cristianismo ao generalizar que "todos os fariseus foram hipócritas";

4) Yeshua não atacou os fariseus, e sim os "fariseus hipócritas". Nunca disse o Mashiach: "abandone o farisaísmo e seja meu discípulo". A tradição judaica fala que havia o "fariseu do amor" e o "fariseu hipócrita", donde se conclui que Yeshua lutou apenas contra o último.

Se Yeshua possuía um sistema doutrinário próximo da Beit Hilel, é óbvio e evidente que se envolveria em conflito com a Beit Shamai, uma vez que ambas as escolas farisaicas se opunham. Atente-se para o escólio de David Stern:

> "Enquanto é verdade que o próprio Yeshua acusou 'ai de vós, mestres da Torá e p'rushim, hipócritas, porque fechais aos homens o reino dos céus' (veja o capítulo 23 e 23:1N), os cristãos frequentemente esquecem que essas palavras duras foram dirigidas num contexto familiar – um judeu criticando alguns de seus colegas judeus. Uma espiada em qualquer jornal comunitário judaico moderno vai mostrar que os judeus ainda são críticos com relação uns aos outros e desejam manter esse espírito de criticismo – reprovar e repreender são comportamentos normais e aceitáveis em muitos assentamentos judeus. No entanto Yeshua não condena seus companheiros judeus pelo fato de serem fariseus, mas sim por serem hipócritas – o primeiro não implica no segundo. Mais ainda, a crítica de Yeshua não era dirigida a todos os p'rushim, mas apenas aqueles que eram hipócritas." (*Comentário Judaico do Novo Testamento*, editora Atos, 2008, página, 44).

Dissertou Geza Vermes:

> “Não obstante, o conflito entre Jesus da Galileia e os fariseus de sua época ter-se-ia assemelhado, em circunstâncias normais, à mera luta intestina de facções pertencentes **ao mesmo corpo religioso**, como a que se travou entre caraítas e rabanitas na Idade Média, ou entre os ramos ortodoxo e progressista do judaísmo na época moderna.” (*Jesus e o Mundo do Judaísmo*, Loyola, 1996, página 20).

Escreveu-se que os shamaítas mataram membros da Beit Hilel, mediante um plano ardiloso. Do mesmo modo, os p’rushim (provavelmente shamaítas) planejaram matar Yeshua:

> “Então, os p’rushim saíram e começaram a conspirar sobre como poderiam eliminar Yeshua. Sabendo disso, ele se retirou daquele lugar.” (Matityahu/Mateus 12:14-15).

Quando Yeshua chamou os p’rushim de “descendentes (filhos) dos assassinos”, *talvez* estivesse se referindo, ainda que de modo subliminar, à citada tragédia em que os hileítas foram executados pelos shamaítas. Eis a passagem:

> “Ai de vocês, mestres da Torá e p’rushim, hipócritas! Edificam os túmulos dos profetas, adornam os monumentos dos tsadikim (justos), e dizem: ‘Se tivéssemos vivido no tempo dos nossos pais, jamais teríamos participado da morte dos profetas’. Dessa forma, testemunham contra si mesmos que são descendentes dos assassinos dos profetas. Continuem, então, terminem o que seus pais começaram!” (Matityahu/Mateus 23:29-32).

Ao analisar o texto bíblico referido, assim o compreendeu o rabino ortodoxo Harvey Falk:

> “O Rabino Falk era um rabino ortodoxo judeu que, em seu livro ‘Jesus, o fariseu: um novo olhar sobre o judaísmo de Jesus’, é reconhecido como o segundo estudioso rabínico a tentar demonstrar que Jesus de Nazaré sempre manteve os pontos de vista dos rabinos da escola de Hilel, e que toda a sua crítica era dirigida à Escola de Shamai e a seus seguidores. (...)
>
> O rabino Harvey Falk afirma que Jesus, o Nazareno, fez uma grave acusação contra os fariseus por volta do ano 30 EC [era comum], quando Ele estava no

> Templo durante a sua última Páscoa, referindo-se diretamente ao conflito entre as escolas rabínicas de Hilel e Shamai, **e que resultou na morte de muitos dos discípulos de Hilel, o Ancião**." (*Rabbi Harvey Falk mets Jesus the Nazarene*, Robert D. Mock).

Por todo o exposto, entende-se que, ordinariamente, Yeshua contendeu com os shamaítas e não com os hileítas, e foi duro com o "fariseu hipócrita" e não com o "fariseu do amor". Com efeito, na época de Yeshua já havia uma luta entre grupos rivais do farisaísmo, e muitos deles foram reputados como hipócritas por outros fariseus, conforme atesta o Talmud. Ou seja, não foi Yeshua quem inventou o rótulo "hipócrita". Vejamos o relato do Talmud:

> "O Rei Janeu disse à sua esposa: 'Não tema os fariseus e os não-fariseus, mas os **hipócritas** que imitam os fariseus; porque as suas obras são as obras de Zimri, mas eles esperam a recompensa de Pinchas (Fineias)". (Sotá 22b).

Zimri foi o israelita que, durante a travessia do deserto, se relacionou sexualmente com uma midianita e passou a adorar outros deuses. Pinchas (Fineias) foi o kohen (sacerdote) que se indignou com tal situação e matou Zimri. O ETERNO se agradou do ato de Pinchas e estabeleceu uma aliança com ele e com seus descendentes (Bemidbar/Números 25:1-15). Na frase acima reproduzida do Talmud, o rei afirma que os hipócritas que imitam os fariseus praticam as obras de Zimri (prostituição moral e espiritual), mas desejam receber o prêmio de Pinchas/Fineias (a aliança com o ETERNO).

Prossegue o Talmud criticando muitos fariseus:

> "R. Yehoshua disse: ...**e a praga dos fariseus traz a destruição sobre o mundo**." (Sotá 20a).

Descreve o Talmud que havia sete tipos de p'rushim (fariseus) e que apenas duas espécies eram virtuosas - o "fariseu do amor" e o "fariseu do temor":

> "Existe o fariseu shichmi, que se comporta como um Siquém, que se submeteu à circuncisão por motivos indignos [Bereshit/Gênesis 34]); o fariseu nikpi, que em seu modo de caminhar exibe uma docilidade exagerada; o fariseu kizai, que faz fluir seu sangue contra as paredes – significando isto que em sua ansiedade de

> evitar olhar a uma mulher, bate seu rosto contra uma parede; [...] **o fariseu do amor; o fariseu do temor**." (Sotá 22b).

Diante de tais relatos talmúdicos, infere-se que Yeshua dirigiu suas críticas às cinco espécies ímpias de p'rushim, mantendo respeito ao fariseu do amor e ao fariseu do temor.

Se não bastasse, Yeshua chegou até mesmo a elogiar o ensino dos p'rushim, repudiando tão somente suas ações, que eram incompatíveis com a Torá:

> "Então Yeshua disse à multidão e aos discípulos: **'Os mestres da Torá e os p'rushim se assentam na cadeira de Moshé [Moisés**]. Portanto, **tenham o cuidado de fazer tudo o que eles lhes dizem**. Mas não façam o que eles fazem, pois eles falam e não fazem!'" (Matityahu/Mateus 23:1-2).

Eis o comentário de Andrew Gabriel Roth acerca do significado da expressão "cadeira" de Moshé (Moisés), acima citada:

> "A palavra aramaica **korseya** (o cognato hebraico é *kisseh* – veja Gênesis 41:40) especificamente significa 'trono', exatamente como aparece na porção aramaica de Daniel 7:9. Yeshua está claramente descrevendo a cadeira de julgamento que implica a autoridade de YHWH. Por isso, enquanto Yeshua vigorosamente repreende os escribas e os fariseus por rebelião, hipocrisia e as tradições humanas que invalidam a Torá, **ele também os reconhece como herdeiros legítimos da Torá baseada na halachá** (aplicação da Palavra de YHWH sobre nossas vidas)." (*Aramaic English New Testament*, Netzari Press, 2011, página 66).

Muitos cristãos somente se lembram das cenas em que Yeshua aparece combatendo os p'rushim, esquecendo-se de que existiam p'rushim discípulos de Yeshua. Tanto é verdade que certos p'rushim alertaram Yeshua do plano de Herodes para assassiná-lo:

> "Naquele momento, **alguns p'rushim** apareceram e disseram a Yeshua: 'Saia e vá embora daqui, pois Herodes quer matá-lo'." (Lucas 13:31).

Ma’assei Sh’lichim (Atos) também comprova que existiam p’rushim discípulos de Yeshua:

> “Alguns, porém, dos que chegaram a crer [em Yeshua] eram do partido dos p’rushim...” (At 15:5).

Por mais que certos p’rushim tivessem alguns pensamentos equivocados, o livro de Atos nunca mostra os sh’lichim (emissários ou “apóstolos”) pedindo para que alguém renunciasse à sua fé farisaica.

Na narrativa de Ma’assei Sh’lichim/Atos 5:17-39, os emissários (“apóstolos”) são presos e levados ao Sanhedrin (Sinédrio). Então, entra em cena outro parush importante, Gamli’el (Gamaliel), neto de Hilel, e professor de Sha’ul (Paulo), consoante Atos 22:3. O respeitado fariseu Gamli’el forneceu um conselho para proteger os discípulos de Yeshua!!!

Segundo Clemente de Alexandria (150 a 215 D.C), Gamli’el abraçou a fé em Yeshua como Mashiach, mantendo-se como membro do Sanhedrin (Sinédrio) com a finalidade de ajudar secretamente seus companheiros (*Recognitions of Clement,* I, LXV, LXVI). Não obstante, a literatura judaica nada fala a este respeito. Esta omissão talvez possa ter a seguinte justificativa: se Gamli’el tornou-se um nazareno “secreto”, os opositores de Yeshua não tiveram conhecimento e, por tal razão, não registraram sua crença no Mashiach.

Se o menino Yeshua foi abençoado por Shim’on (Simeão), provavelmente o pai de Gam’liel (vide Lucas 2:25-35), então, este último poderia ter sido influenciado por seu próprio progenitor. Se Gamli’el seguiu a trilha de seu avô Hilel, cujo amor exalava entre as pessoas, realmente pode ter se tornado discípulo de Yeshua. A Mishná ratifica a narrativa de Atos no sentido de que o rabino era “muito respeitado por todo o povo”:

> “Quando o raban Gamli’el, o Ancião, morreu, a glória da Torá chegou ao fim; e a pureza e a santidade chegaram ao fim.” (Sotá 9:15).

Outro importante parush (fariseu) foi Nakdimon (Nicodemos), consoante Yochanan/João 3:1. Depois de uma longa conversa com Yeshua, em um dos capítulos mais belos dos evangelhos (leia Yochanan/João 3), Nakdimon tornou-se discípulo de Yeshua, chegando até mesmo a defender o Mashiach quando acusado pelos kohanim (sacerdotes) e outros p’rushim:

> “Nakdimon (Nicodemos), o homem que se encontrara anteriormente com Yeshua, e que era um deles, disse-lhes: ‘Nossa Torá não condena um homem até que ele fale e que se descubra o que ele faz’.” (Yochanan/João 7:50-51).

Mesmo após a execução de Yeshua no madeiro, quando muitos o abandonaram, o fariseu Nakdimon permaneceu fiel ao Mashiach, ajudando Yosef de Ramatayim (José de Arimatéia) a envolver o corpo de Yeshua com faixas de linho e especiarias, sepultando-o em um jardim (Yochanan/João 19:38-42).

Sha’ul (Paulo), anos e anos depois de ter se tornado discípulo de Yeshua, continuava se declarando fariseu:

> “**Sha’ul (Paulo) gritou: ‘Irmãos, <u>eu sou parush (fariseu)</u>, filho de p’rushim (fariseus)**; estou sendo julgado por causa da esperança na ressurreição dos mortos’.” (Ma’assei Sh’lichim/Atos 23:6).

Note bem: Sha’ul não disse “eu sou um ex-fariseu”, mas sim que continuava sendo fariseu.

Ao se ler Ma’assei Sh’lichim/Atos 23:1-10, aprende-se que os p’rushim (fariseus) defenderam Sha’ul (Paulo). E isto é de fácil compreensão: se Sha’ul era parush (fariseu), seus colegas de fé o protegeram:

> “Portanto, houve uma grande agitação, **e alguns dos mestres da Torá que estavam ao lado dos p’rushim** puseram-se em pé e uniram-se ao coro: ‘**Não encontramos nada de errado neste homem [Sha’ul/Paulo]**; e se um espírito ou anjo falou-lhe, o que há de errado?’.” (At 23:9).

Ante os argumentos bosquejados, torna-se indubitável que muitos fariseus ingressaram no corpo de discípulos de Yeshua, sem a necessidade de renúncia à fé farisaica, até por que as lições do Mashiach eram pautadas nas linhas-mestras do Judaísmo da Beit Hilel. Logo, diversamente do que prega o Cristianismo, Yeshua não foi inimigo dos p’rushim, mas tão somente lutou contra os desvios farisaicos, mormente da Beit Shamai. Tudo isto implica que o Judaísmo Nazareno possui raízes no farisaísmo, que merece ser estudado a sério, com vistas à melhor compreensão dos ensinamentos de Yeshua e dos netsarim à luz do contexto original.

PARTE XII - O TALMUD ENSINA QUE O MASHIACH É YHWH

O Talmud aplica algumas passagens bíblicas ao Mashiach, sendo que tais textos das Escrituras referem-se a YHWH. Por conseguinte, o pensamento judaico nos conduz à seguinte compreensão: a) se o Tanach declama que o ETERNO é “x”; b) se o Talmud enuncia que o Mashiach é “x”; c) resultado: o Mashiach é o ETERNO.

Analisemos os relatos talmúdicos.

No Tratado de Sucá, exprime a guemará:

> “Existe a opinião que sustenta que **o Messias descendente de Yosef [José] que terá falecido**. Esta opinião está em conformidade com o versículo [Zechariah/Zacarias 12:10]: ‘E olharão para Mim por causa daqueles que foram transpassados e gemerão como se fosse pela morte de seu filho único’.” (m.Sucá 52a).

Ora, de acordo com o manuscrito acima citado, o Messias terá falecido em cumprimento à profecia de Zecharyah/Zacarias 12:10. Porém, esta profecia diz respeito ao ETERNO:

> “e eles olharão para **Mim**, a quem transpassaram.
>
> Prantearão por ele
>
> como se lamenta pelo filho único.” (Zecharyah/Zacarias 12:10).

O narrador de Zc 12:10 é YHWH! Então, o texto indica que o próprio ETERNO seria transpassado:

> “e eles olharão para mim [YHWH], a quem transpassaram”.

Eis o desenlace: a) segundo Zc 12:10, o ETERNO seria transpassado; b) o Talmud explica que o Mashiach seria transpassado; c) assim, o Mashiach é o ETERNO. Esta mesma conclusão foi alcançada por Yochanan (João) ao aplicar a profecia de Zc 12:10 à vida de Yeshua (Jo 19:37).

Em outro episódio, o Talmud Bavli, m. Sanhedrin, dispõe:

> “**O filho de David [o Mashiach**] não pode aparecer antes que os dois domínios das Casas de Yisra’el tenham chegado ao fim, isto é, o exílio na Babilônia e o patriarcado na Palestina, porque está escrito: “e Ele vos será como um **Santuário**, como uma **pedra de tropeço** e rocha de escândalo às duas Casas de Yisra’el [Yeshayahu/Isaías 8:14].” (Talmud Bavli, m. Sanhedrin 38a).

O Talmud citou a profecia de Yeshayahu (Isaías) 8:14, e neste texto quem é reputado como “Santuário” ou “pedra de tropeço” é o próprio ETERNO (Is 8:11-15). Então, aprende-se que: a) YHWH é chamado de “Santuário” e “pedra de tropeço” (Is 8:11-15); b) o Talmud afirma que o Filho de David, o Mashiach, é denominado de “Santuário” ou “pedra de tropeço”; c) portanto, o Mashiach é YHWH.

Kefá (Pedro) e Sha’ul (Paulo) seguiram o mesmo raciocínio do Talmud, e aplicaram a profecia de Yeshayahu (Isaías) 8:14 a Yeshua:

> “Portanto, para vocês, os que mantêm a confiança, esta **pedra é preciosa** [Yeshua]. Mas, para aqueles que não confiam,
>
> ‘**A mesma pedra que os construtores rejeitaram**
>
> tornou-se a **pedra angular’** [Is 28:16];
>
> e, também,
>
> ‘**pedra que faz as pessoas tropeçarem**,
>
> e rocha sobre a qual caem’ [Is 8:14-15].” (Kefá Beit/2ª Pedro 2:7-8).
>
> “Por quê? Porque eles não buscaram a justiça fundamentada na fé, mas na prática de obras legalistas. Eles se chocaram com a **pedra de tropeço** [Yeshua].” (Ruhomayah/Romanos 9:32).

Logo, Kefá (Pedro) e Sha’ul (Paulo) entenderam que a profecia sobre a “pedra de tropeço”, que em Yeshayahu refere-se ao ETERNO, era aplicável a Yeshua, já que este é a emanação de YHWH.

Perscruta-se outro elemento do Talmud. Consta de Sanhedrin 99a:

> “R. Hiyya b. Abba disse em nome de R. Yonatan: Todos os profetas profetizaram somente em relação à era messiânica, mas quanto ao mundo vindouro ‘**o olho**

> **não viu**, ó Senhor, além de ti, o que tem preparado para aquele que em ti espera' [Is 64:3; versões cristãs: Is 64:4]".

Não só o Talmud citou Yeshayahu 64:3, também Sha'ul (Paulo) se valeu da mesma passagem, aplicando-a diretamente a Yeshua:

> "Ao contrário, comunicamos a sabedoria secreta da parte de Elohim, que foi ocultada até agora; contudo, antes de a história ter início, **Elohim decretou que nos traria glória**. Nenhum dos líderes deste mundo a entendeu, pois, se eles o tivessem feito, **não teriam executado o Senhor da glória** [Yeshua]. Todavia, como diz o Tanach:
>
> '**Nenhum olho viu**, nenhum ouvido ouviu,
>
> e o coração de ninguém imaginou
>
> todas as coisas que Elohim preparou
>
> para aqueles que o amam' [Is 64:3; versões cristãs: Is 64:4]." (Curintayah Álef/1ª Coríntios 2:7-9).

Para Sha'ul (Paulo), Yeshua foi executado porque os homens não entenderam que ele é o "Senhor da glória", um título exclusivo de YHWH. A grande diferença de Sha'ul (Paulo) em relação aos rabinos do Talmud é que o primeiro reconheceu Yeshua como Mashiach e YHWH; os outros, não.

Quem está falando no manuscrito abaixo do profeta Zecharyah (Zacarias) é YHWH, inferindo-se daí que quem viria montado em um jumento seria o próprio ETERNO:

> "**Então Eu [YHWH]** defenderei minha casa contra exércitos,
>
> para que nenhum a atravesse ou volte.
>
> Nenhum opressor as pisará outra vez, pois agora **Eu [YHWH]** observo com os meus olhos.
>
> Alegre-se com todo o seu coração, filha de Tsion!
>
> Grite, filha de Yerushalayim!

> Veja: **seu rei** [YHWH] vem até vocês.
>
> Ele é justo e vitorioso.
>
> Contudo, é humilde – **ele está montado em um jumento**...
>
> (...)
>
> **Ele reinará** de mar a mar,
>
> e do rio aos confins da terra.
>
> **Também eu [YHWH] salvarei seus presos** da cisterna sem água,
>
> por causa do **sangue de sua aliança**.
>
> (...)
>
> **<u>YHWH aparecerá sobre eles</u>**..." (Zecharyah/Zacarias 9:8-9, 10, 11 e 14).

Atente-se para a citação: a) YHWH é quem defenderá a sua casa (o seu povo); b) YHWH é o rei de Yisra'el (vide ainda Is 43:15); c) o rei é justo, mas vem montado em um jumento; d) YHWH é quem salva; e) a salvação decorre de uma aliança de sangue; f) "YHWH aparecerá sobre eles", ou seja, será visto por seu povo.

Segundo a B'rit Chadashá, Yeshua cumpriu a mencionada profecia, vindo montado humildemente em um jumento (Mt 21:5 e Jo 12:15). Igualmente, reconhece o Talmud que o Mashiach se apresenta em cima de um jumento (Sanhedrin 99a).

É significativo que o rabino Hilel pensava que "não há Messias para Yisra'el", pois ele já teria vindo no tempo do rei Hizkiyahu/Ezequias (Sanhedrin 99a). E o que isto significa? Por que não existe Mashiach?

Pensava Hilel que não existe Mashiach humano, conforme o ensino de Rashi:

> "Porém, o Todo-Poderoso é quem irá redimir Israel e reinar sobre eles." (*apud in* "Soncino English Babylonian Talmud", m. Sanhedrin 99a, nota de rodapé nº 8).

Ou seja, para Hilel, o Mashiach é o próprio YHWH. À luz da B’rit Chadashá, apesar de o Mashiach ter vindo como homem, Yeshua é designado como sendo a manifestação visível de YHWH, a encarnação de YHWH.

**Raízes farisaicas**

**do**

**Judaísmo Nazareno**

Os evangelhos apontam inúmeras discussões travadas entre Yeshua e os perushim (fariseus). Não obstante, as lições de Yeshua são muito semelhantes às do rabino Hilel, que era fariseu, tendo vivido entre os anos 60 a.C a 9 d.C. Inúmeros historiadores das mais renomadas Universidades do mundo alegam que Yeshua era fariseu ou, pelo menos, compartilhava das doutrinas farisaicas. Será verdade?

Estude este surpreendente tema e tire suas próprias conclusões.

**Raízes essênias**

**do**

**Judaísmo Nazareno**

Os Manuscritos do Mar Morto representam, sem dúvida, a maior descoberta arqueológica de todos os tempos.

Enriqueceu-se em muito a Arqueologia Bíblica por meio dos textos encontrados em Qumran, no Mar Morto. Revelaram os Manuscritos inúmeros segredos do grupo dos "essênios", e diversos historiadores de renome internacional passaram a comparar os ensinos de Yeshua com as doutrinas da referida comunidade. Alguns chegaram a dizer que "Yeshua foi essênio", enquanto outros negaram esta tese.

Independentemente de se tentar "rotular" Yeshua, é fato incontroverso que muitos essênios o reconheceram como Mashiach (Messias) e, por conseguinte, é impossível entender corretamente a B'rit Chadashá (Aliança Renovada/"Novo Testamento") sem analisá-la à luz das descobertas arqueológicas, que esclarecem inúmeros mistérios até então encobertos.

Prepare-se para abrir seu nível de entendimento bíblico por meio de revelações surpreendentes.

HILEL

Hilel era reverenciado como verdadeiro líder espiritual e religioso. O rei Herodes não teve outra escolha senão aceitar a autoridade religiosa do Sanhedrin, reconhecer o prestígio de Hilel e respeitar o controle que este exercia sobre a vida religiosa.

---

O sábio que era puro amor, humanismo e bondade, infinita paciência e profunda humildade.

Na Terra de Israel, no último meio século que antecedeu a Era Comum, houve uma grande disseminação da Lei Oral, que tornou os eruditos da Mishná os verdadeiros líderes do povo, embora a autoridade política e o alto sacerdócio se encontrassem em outras mãos.

Estes sábios são os Tanaim. Taná, em aramaico, significa aquele que estuda, repetindo e transmitindo os ensinamentos de seus mestres.

O período dos Tanaim foi de criatividade, inovação e grande florescimento da cultura judaica, ao mesmo tempo em que foi de profunda turbulência e crise, culminando com a destruição do Templo no ano 70 da Era Comum, o que tornou necessária a reestruturação de toda a vida religiosa.

A primeira geração de Tanaim, que exerceu suas atividades no início do reinado de Herodes, é representada por Hillel e Shamai, fundadores de duas escolas que levaram seus nomes (Bet Hillel e Bet Shamai). Apesar de todas as controvérsias que se acenderam entre estas, ambas inscreviam-se na estrutura tradicionalmente aceita no judaísmo. As disputas haláchicas entre elas prosseguiram por muitas gerações até que finalmente prevaleceram os pontos de vista da Casa de Hillel. O Talmud Babilônico nos traz, numa única frase, a conclusão: "Ambas são as palavras do D’us vivo, e a decisão está de acordo com a casa de Hillel."

As duas escolas refletem a personalidade de seus fundadores. Hillel era uma pessoa amável, simples, próxima às camadas mais modestas, e suas máximas breves refletem sua generosidade, piedade e amor à humanidade. Shamai era extremamente íntegro, mas rígido e irascível. No Talmud se diz: "Que o homem seja sempre humilde e paciente como Hillel e não exaltado como Shamai."

Hillel foi o menos sentencioso e o mais tolerante dos sábios rabínicos. Falava a língua do povo, ao qual ensinava ética. Suas palavras refletem seu humanismo e bondade:

"Não faça aos outros o que não quer que façam a você. Aí está toda a Torá. O resto é mero comentário." Ou..."Sejam como os discípulos de Aarão, amando e buscando a paz, amando a humanidade e aproximando-a da Torá".

E, talvez, sua máxima mais famosa seja: "Se não eu por mim, quem por mim? Se eu for só por mim, quem sou eu? Se não for agora, quando?"

Hillel nasceu numa próspera família da Babilônia e com cerca de trinta anos foi estudar com os sábios Shemaia e Abtalion em Jerusalém. Lá, ele vivia em condições de grande penúria, trabalhando como simples lenhador. O amor ao estudo fazia com que adiasse seu retorno à cidade natal, onde seus correligionários viviam em paz, longe das turbulências que agitavam a Terra de Israel.

Conta-se sobre Rabi Hillel que, quando estudava em Jerusalém, era tão pobre que só ganhava uma moeda de cobre por dia de trabalho. Metade desse dinheiro ele dava ao bedel, para poder freqüentar a Casa de Estudo, e a outra metade usava para o seu sustento e o de sua família.

Certo dia, não ganhou nada. Nesse dia, nem ele nem sua família comeram; mas, ansioso para ouvir as palavras de Shemaia e Abtalion, e como o bedel não o deixou entrar sem pagar, Hillel subiu no telhado e, deitado sobre a clarabóia, se esforçou para ouvir as discussões. Concentrado como estava, não lembrou que era sexta-feira, em pleno inverno, nem que nevava. Passou, assim, a noite deitado sobre o telhado. No dia seguinte, a academia pareceu bem mais escura do que de costume: a clarabóia estava coberta de neve, mas olhando bem dava para perceber o contorno de um homem debaixo da neve. Logo reconheceram Hillel, a quem lavaram, massagearam com óleo, deixando-o esquentar-se perto do fogo. Ninguém hesitou em transgredir o Shabat para salvá-lo.

Após a morte de Shemaia e Abtalion, provavelmente Hillel voltou para a Babilônia, mas visitava freqüentemente Jerusalém em peregrinação antes das Grandes Festas ou a cada vez que precisava esclarecer alguma dúvida sobre as leis.

Hillel foi o primeiro dos autores da Mishná a afirmar que o judaísmo tinha como objetivo implementar o cumprimento dos deveres de cada indivíduo em relação a seu próximo e que todos os mandamentos são meios para alcançar esta finalidade. Também foi o primeiro a estabelecer o princípio do amor fraterno como condição principal para todos os mandamentos da Torá.

Conta a Hagadá que um gentio procurou Hillel, pedindo que lhe ensinasse toda a Torá enquanto ele se equilibrava sobre uma perna só. Este, em vez de expulsá-lo por sua insolência, como fizera Shamai, disse-lhe calmamente:

"Não faça aos outros o que não quer que façam a você. Eis toda a Torá. Todo o resto é comentário. Vai e estuda!"

Hillel era tão bondoso com os outros que tolerava todos os caprichos, sem ficar com raiva. Certa vez, ofereceu a um homem pobre um cavalo e um escravo que corresse na sua frente, como era costume. Como não conseguiu o escravo, ele mesmo ficou correndo na frente do homem, por um percurso de três milhas.

A paciência de Hillel era tão inabalável, que há várias histórias sobre tentativas frustradas de o fazer enfurecer-se.

Uma vez um homem apostou 400 moedas de prata que faria Hillel perder a paciência. Foi procurar o mestre na sexta-feira, quando este tomava banho, preparando-se para o Shabat: "Quem é Hillel e onde ele está?" Hillel se enrolou em uma toalha e foi ver quem o chamava. "Eu tenho uma pergunta, disse: "Por que os babilônios têm a cabeça redonda?" "Boa pergunta", respondeu Hillel. "É porque suas parteiras não são suficientemente competentes".

Pouco depois o mesmo homem voltou e, novamente, chamou Hillel com arrogância, perguntando por que o povo de Tadmor tem a vista fraca.
"É porque Tadmor é situada em uma região desértica e a areia entra nos olhos de seus habitantes".

Pouco depois, o homem voltou a chamar Hillel para fazer-lhe mais uma pergunta: "Por que os africanos têm os pés tão largos?" "Porque eles andam descalços em terreno pantanoso."

Aí o homem disse: "Eu tenho mais uma pergunta, mas estou com medo de que você fique bravo". "Faça quantas perguntas quiser e eu responderei da melhor forma que meus conhecimentos permitirem". "Você é Hillel, o Nassi dos judeus?" "Sou". "Então espero que os judeus não tenham ninguém mais como você! Por sua causa perdi uma grande soma de dinheiro, apostando que conseguiria enfurecê-lo."

E Hillel respondeu: "Mesmo que você perca o dobro deste valor, não conseguirá fazer-me perder a paciência!"

Maimônides: Os Treze Princípios da Fé Judaica

Os Treze Princípios de Fé Judaica de Maimônides são uma das declarações mais claras e concisas da crença judaica. São, de fato, sua pedra fundamental. Maimônides foi o maior codificador e filósofo na História Judaica. Também conhecido como Rambam (Rabenu Moshe ben Maimon), Maimônides estudou a totalidade da literatura judaica sagrada e codificou os princípios do judaísmo. O Povo Judeu aceitou esses princípios como a crença clara e inequívoca do judaísmo.

*Edição 88 - Junho de 2015*

---

Nosso propósito aqui é apresentar e discutir brevemente cada um dos Treze Princípios de Fé de Maimônides. Esses treze enunciados são a essência da crença judaica. Ao estudá-los, aprendemos sobre o que torna único o judaísmo: aquilo no que nós, judeus, cremos; por que cremos no que cremos; e porque não é possível para o Povo Judeu adotar as crenças e práticas de outras religiões.

**Os Treze Princípios de Fé Judaica**

**Primeiro Princípio:**
"Creio com plena fé que D'us é o Criador de todas as criaturas e as dirige. Só Ele fez, faz e fará tudo".

O Primeiro Princípio de Maimônides é a crença na existência de D'us. Este é o princípio fundamental do judaísmo, o pilar de todos os demais. O judaísmo se inicia e termina em D'us. Como escreve Maimônides: "A base fundamental e pilar da sabedoria é a compreensão de que há um Ser inicial que fez todo o restante existir". Tudo o mais nos Céus e na terra apenas existe como resultado da realidade de Sua existência (*Yad, Yesodey HaTorah* 1:1).

Segundo o judaísmo, D'us é a origem, essência e vida de tudo. D'us não é apenas um conceito religioso, mas a Realidade Absoluta. O judaísmo ensina que somente D'us é real, e a existência de tudo é tênue e condicionada à Vontade d'Ele. Muitas pessoas têm certeza de sua própria existência, mas questionam a existência Divina.

O judaísmo nos ensina que a existência Divina é certa e absoluta, ao passo que a de todo o restante é questionável. Ademais, o judaísmo afirma que D'us é completamente independente de toda a Sua criação, ao passo que tudo o que existe é completa e incessantemente dependente d'Ele. Isto significa que D'us não apenas criou tudo o que existe, mas Ele também o mantém, constantemente. Nos livros sagrados judaicos encontramos com frequência que um dos nomes de D'us é *HaMakom* – "O Lugar". A razão para essa denominação, segundo o *Midrash*, é que "D'us é o lugar do mundo, mas o mundo não é o lugar de D'us". Isso significa que o mundo existe dentro de D'us, e não que há um D'us nos reinos espirituais e um universo físico que existe fora d'Ele.

A Cabalá ensina que o maior milagre de todos, possibilitado por um D'us onipotente, é que um mundo finito existe dentro de um Ser Infinito sem se tornar inexistente pela infinitude. O mandamento de acreditar em D'us é o primeiro dos Dez Mandamentos: "Eu sou o Eterno, teu D'us...".

**Segundo Princípio:**
"Creio com plena fé que o Criador é Único. Não há unicidade igual à d'Ele. Só ele é nosso D'us; Ele sempre existiu, existe e existirá".

A proclamação fundamental da fé judaica, que os judeus devem recitar diariamente, duas vezes ao dia, é o *Shemá Israel*, "Escuta, Israel! O Eterno é nosso D'us, o Eterno é um só!" (Deuteronômio, 6:4). Ao recitar o *Shemá*, afirmamos nossa fé em D'us e proclamamos Sua unicidade.

A unicidade Divina é um princípio central do judaísmo. A existência e a unidade de D'us andam lado a lado. O judeu que não crê na unidade absoluta de D'us, na verdade não crê em D'us, ou melhor, crê em um deus que não existe.

A unicidade de D'us é um tema complexo, muito além do escopo deste trabalho; mas é essencial observar o seguinte. Crer na unidade Divina significa não atribuir poder a nada ou ninguém a não ser a D'us. Ele é o único Mestre do Universo. Não podemos sequer atribuir poder independente a anjos, muito menos a objetos inanimados, tais como os corpos celestiais, ou a seres humanos.

Muitas religiões creem em D'us, mas também em outras forças independentes no universo, ou possuem um conceito diferente da unidade Divina. Cada nação tem seu próprio caminho para chegar a D'us e sua própria maneira de se relacionar com Ele. Contudo, como D'us Se revelou a todo o Povo Judeu no Monte Sinai e lhes deu a Sua Torá, Ele exige do Povo Judeu que acredite em Sua unicidade absoluta e incomparável.

O judaísmo ensina que a unidade de D'us não é como a de uma espécie, que engloba muitos indivíduos. Para um judeu atribuir a D'us qualquer tipo de divisão – mesmo entre as *Sefirot* – é pura idolatria. E este é um dos poucos pecados que um judeu não pode cometer nem ao custo de sua própria vida.

A unicidade de D'us significa que Ele é uno, singular e indivisível. Significa que Ele é a única Realidade e fonte de poder no mundo. Nada se compara a Ele, nem o anjo mais elevado nem o mais santo entre os humanos. Um judeu que questiona a unidade Divina viola o segundo dos Dez Mandamentos: "Não terás outros deuses diante de Mim" (Êxodo, 20:3).

**Terceiro Princípio:**
"Creio com plena fé que o Criador não possui um corpo. Conceitos físicos não se aplicam a Ele. Não há nada que se assemelhe a Ele".

O Terceiro Princípio é que D'us não é físico, não tem corpo. Como D'us é infinito, os conceitos de fisicalidade não se aplicam a Ele, em hipótese alguma, pois tudo o que é físico é, por definição, finito. O universo, por exemplo, em sua imensidão, é finito. O conceito de infinitude, portanto, apenas se aplica a D'us.

É importante observar que a Torá fala, com frequência, de D'us como se Ele tivesse atributos físicos (como "os olhos de D'us") e como se Ele tivesse reações humanas (D'us "se recorda", ou "se zanga"). Quando se refere a D'us, a Torá emprega metáforas para que até mesmo uma criança possa relacionar-se com seus ensinamentos. Se, em vez de dizer, "D'us se zangou", a Torá dissesse que "o Atributo de *Guevurá* Divina foi despertado", muitos de nós não entenderíamos o que a Torá estava a nos transmitir.

Podemos perguntar, "Se D'us é Onipotente, o que o impede de assumir forma física ou humana?" Na verdade, o princípio de que a fisicalidade não se aplica a D'us parece desafiar o conceito de que D'us é onipotente. Diante de tais paradoxos, devemos ter em mente que, pelo fato de D'us estar acima de

quaisquer limitações, não podemos empregar a lógica humana para O entender. Isso não significa que a crença em D'us é ilógica. Significa que como um ser finito não pode entender o Infinito, tudo o que podemos conhecer acerca de D'us é o que Ele nos fez conhecer através de Sua Torá. Quanto a questionar se D'us pode assumir forma física ou humana, isso não é nada diferente do que perguntar se D'us pode cometer suicídio ou criar uma divindade mais forte do que Ele ou mesmo uma pedra que Ele mesmo não consiga levantar. Esses paradoxos não se aplicam a um Ser Onipotente e, de fato, são insolúveis e intermináveis. Considerem o seguinte: como D'us é Onipotente, Ele pode, sim, criar uma pedra que Ele Próprio não consiga levantar, mas, como Ele é Onipotente, após ter criado essa tal pedra, ele consegue levantá-la.

A mente humana, finita e falível, conhece apenas uma parte infinitesimal acerca do universo finito em que habitamos. Muito menos é o que sabemos sobre D'us.

O pouco que sabemos é o que D'us nos revelou através de Sua Torá. Na Torá, Ele nos diz que Ele não muda. Isso é fácil de entender: como D'us é atemporal, e a mudança é uma função do tempo, o conceito de mudança não se aplica a D'us. Portanto, Ele, por definição, não faz nada que possa causar uma mudança em Si mesmo. Sua infinitude, Sua onipotência, Sua unicidade, Sua eternidade e Sua não-fisicalidade, entre todos os Seus demais atributos, são atemporais e, portanto, eternos e imutáveis.

**Quarto Princípio:**
"Creio com plena fé que o Criador é o primeiro e o último".

O Quarto Princípio envolve a eternidade absoluta de D'us. Nada mais compartilha Sua qualidade Eterna. A Torá discute esse ponto repetidamente.

No Terceiro Princípio acima, vimos que D'us é um Ser atemporal: os conceitos de tempo não se aplicam a Ele. Ele é o primeiro e o último, no sentido de que como Ele está além do tempo, os conceitos de antes, durante e depois não se aplicam a Ele. Ele não teve começo e não tem fim.

Muitas pessoas perguntam: "D'us criou tudo, mas quem O criou?". A resposta, obviamente, é: ninguém. A criação implica em um início, que é uma função de tempo. E D'us é atemporal, eterno: Ele sempre existiu e sempre existirá. Portanto, D'us não teve origem nem criador. O universo, no entanto, teve um início, e sua origem é D'us.

A Teoria da Relatividade nos ensina que o espaço e o tempo são atributos da matéria. Isso significa que quando D'us criou um universo físico, Ele também criou o espaço e o tempo. Como D'us precede a Sua criação, os conceitos de matéria, espaço e tempo não se aplicam a Ele, de forma alguma. Muitos perguntam: "Quanto tempo D'us esperou antes de criar o universo?". A resposta, novamente, é que antes da criação do universo, o conceito de tempo não existia. Não se pode falar de tempo antes da Criação. D'us criou tudo o que existe, inclusive o conceito de tempo, e continua a manter toda a Criação, incessantemente.

**Quinto Princípio:**
"Creio com plena fé ser adequado orar somente ao Criador. Não se deve rezar para ninguém ou nada mais".

O Quinto Princípio nos ensina que é absolutamente proibido orar a qualquer outro que não seja D'us. Para o judeu, é pura idolatria orar até mesmo aos mais elevados anjos Divinos. Como D'us é a Realidade Absoluta – pois Ele é uno, ilimitado e Eterno – não há lugar para qualquer outro poder independente no universo. Como D'us é Infinito, está em toda parte e prontamente acessível a qualquer um. Por ser a única Realidade no universo, não apenas seria profano, mas também ilógico orar a qualquer outro que não Ele.

O judaísmo proíbe totalmente que haja um intermediário entre um judeu e D'us. Podemos pedir que alguém nos abençoe e mesmo que ore por nós, mas não oramos a nenhum intermediário – nem a um anjo, nem a outro ser humano, independentemente de quão santificado possa ser. Podemos pedir a outros que orem por nós, mas isso também não nos isenta de nossa obrigação diária de orar a D'us.

**Sexto Princípio:**
"Creio com plena fé que todas as palavras dos profetas são autênticas".
O Sexto Princípio refere-se à profecia.

A profecia é um elemento necessário da religião, porque para que D'us Infinito e o homem finito tenham um relacionamento significativo, há que haver alguma forma de comunicação entre os mesmos. O homem não pode viver de acordo com a Vontade Divina a menos que D'us a revele a ele. A função do profeta é transmitir as mensagens Divinas, seja ao indivíduo seja às nações.

É importante observar que uma pessoa que realiza milagres ou prevê com precisão o futuro não é, necessariamente, um profeta. Os feiticeiros do Faraó também conseguiam realizar milagres – fazer a

água virar sangue, entre outros – e, com certeza, não eram profetas de D'us. Um verdadeiro profeta judeu não é simplesmente alguém que consegue realizar milagres – mas um servo de D'us, totalmente devotado à Torá e a seus mandamentos.

A função de um profeta judeu é fortalecer a fé do povo no Todo Poderoso e em Sua Torá. Se alguém alegando ser profeta se opõe à Torá de qualquer maneira que seja, ele é um falso profeta, não importa quantos milagres consiga realizar.

**Sétimo Princípio:**
"Creio com plena fé que a profecia de Moshé Rabenu é verdadeira. Ele foi o mais importante de todos os profetas, antes e depois dele".

Diferentemente das demais religiões, o judaísmo não atribui poder divino algum a seus fundadores, profetas e líderes. A Torá ensina que Moshé, o maior de todos os profetas, era um simples ser humano, nascido de pais humanos como qualquer um de nós. Ele era o mais humilde dos homens e chegou ao mais elevado nível espiritual que um ser humano pode atingir. Ele soube compreender a Divindade em um grau que superou qualquer ser que existiu.

Diferentemente dos demais profetas, antes e depois dele, Moshé falou com D'us "face a face", como amigos que conversam entre si. Ele foi, portanto, o canal usado por D'us para transmitir Sua Torá ao Povo Judeu. Moshé apenas repetiu o que D'us lhe disse, e, portanto, qualquer profeta que contradissesse suas palavras, estaria contradizendo as palavras do Altíssimo.

É fundamental observar, como ensina Maimônides, que o Povo Judeu não acredita em Moshé por causa dos milagres que realizou. Milagres não comprovam nada: feiticeiros e idólatras também conseguem realizar atos sobrenaturais. Acreditamos em Moshé não por causa das 10 Pragas e da Divisão do Mar, mas pelo ocorrido no Monte Sinai. A Revelação Divina no Sinai é a única prova real de que a profecia de Moshé foi verdadeira. A Torá ensina que D'us disse a Moshé: "Eis que Eu venho a ti, na espessura da nuvem, para que o povo ouça enquanto Eu falo contigo, e também em ti crerão para sempre" (Êxodo, 19:9). Milhões de judeus testemunharam essa Revelação Divina, que finalmente consolidou a alegação de Moshé de que ele era emissário de D'us.

Como ele foi o maior de todos os profetas – nem mesmo o *Mashiach* será um profeta de seu calibre – não aceitamos que qualquer pessoa que alegue ser profeta tente refutar sua profecia. Não o aceitaríamos, independentemente de quão grandes fossem seus milagres. Como cremos em Moshé devido à Revelação Divina no Sinai, e não devido aos milagres que realizou, os milagres realizados por outra pessoa não têm precedência sobre a Torá, em hipótese alguma.

**Oitavo Princípio:**
"Creio com plena fé que toda a Torá que se encontra em nosso poder foi dada a Moshé Rabenu".

O Oitavo Princípio significa que a Torá que nos foi entregue por Moshé foi originada por D'us. A Torá é a "Palavra de D'us", não de Moshé. D'us transmitiu a Torá a Moshé, letra por letra, e ele meramente as escreveu como um secretário que ouve um ditado. Ele foi o "secretário" de D'us.

Segundo o judaísmo, a Torá é a Sabedoria Divina. Como seu Autor é perfeito e eterno, assim é a Torá. Se um ser humano tivesse escrito a Torá, até alguém tão sagrado quanto Moshé, estaria sujeita a correções e mudanças. Como foi escrita por D'us, é imutável. É por isto que, segundo a Lei Judaica, um pergaminho de Torá não pode conter erro algum: se apenas uma única letra estiver faltando ou incorreta, todo o *Sefer Torá* fica invalidado.

Cada letra, palavra ou versículo da Torá são igualmente sagrados. O judeu que diz que D'us deu a Torá toda à exceção de uma única palavra, que foi composta por Moshé e não por D'us, é um cético da pior espécie.

Cada mandamento dado a Moshé no Monte Sinai foi entregue juntamente com uma explicação. Pois está escrito: (Sobe a Mim, ao monte...); e dar-te-ei as tábuas de pedra, a Torá e instruções" (Êxodo, 24:12). "Torá" refere-se à Torá Escrita, enquanto "instruções" são sua interpretação. A Torá Escrita não pode ser entendida sem sua interpretação. Essa interpretação é o que chamamos de Torá Oral.

**Nono Princípio:**
"Creio com plena fé que esta Torá não será alterada, e que nunca haverá outra dada pelo Criador".

O Nono Princípio é o que verdadeiramente diferencia o judaísmo de todas as demais religiões. Esse princípio ensina que a Torá é permanente e imutável. Por esta razão os judeus não se podem converter a nenhuma outra religião – porque o judaísmo não aceita que se mude a Torá – Escrita e Oral – de forma alguma. D'us nos diz em Sua Torá: ... "Não acrescentareis nem subtraireis nada disso" (Deuteronômio, 13:1).

A Torá tem 613 mandamentos. Nenhum ser humano, nem mesmo um grande profeta pode agregar, subtrair ou mudar qualquer um deles. Todas as leis rabínicas instituídas por nossos Sábios têm que

ser uma ramificação de um desses 613 mandamentos – não um novo mandamento em si mesmo. A Torá e seus mandamentos são a Constituição do Povo Judeu. Nossos sábios e juízes podem interpretar a Lei e reforçá-la. Contudo, não podem adulterá-la. Por exemplo, ninguém – nem um rabino nem mesmo um profeta – pode decretar que as leis de *cashrut* não mais se aplicam ou então mudar o dia em que guardamos o Shabat. É permissível decretar leis rabínicas para fortalecer as leis bíblicas, mas está além do poder de qualquer ser humano modificar lei alguma da Torá.

D'us deu a Torá apenas ao Povo Judeu. Outras religiões adaptaram-na ou a modificaram. Isso pode ser aceitável para eles, mas certamente não para o Povo Judeu. Alguém que alega ser profeta e tente mudar um pingo da Torá para o Povo Judeu, é um falso profeta. O mesmo se aplica se essa pessoa tentasse ensinar que os mandamentos dados ao Povo de Israel são temporários, e não perpétuos.

A Torá – Sabedoria e Vontade de D'us – é inalterável e intocável. Tentar encontrar falhas nela – mudá-la de alguma forma – é buscar falhas em seu Autor. Assim como D'us é Eterno e Imutável, também o é a Torá. As circunstâncias que determinam as leis da Torá podem mudar – por exemplo, na ausência do Templo Sagrado, somos incapazes de cumprir muitos dos mandamentos da Torá. Da mesma forma, durante a Era Messiânica – uma era de paz e prosperidade universal – muitas das leis da Torá, tais como as relativas ao roubo e homicídio, deixarão de ser válidas. Mas isso não significa que a Torá mudará, e sim, que algumas de suas leis não mais serão aplicáveis.

Há uma declaração no Livro de Isaías sobre a entrega de uma nova Torá, no futuro. Isso significa que na Era Messiânica, nossa compreensão da Torá será tão mais profunda do que é hoje – já que a Sabedoria Divina cobrirá a Terra – que aparentará ser uma nova Torá. No entanto, será a mesma Torá, porque, apesar de ter mudado o mundo, D'us e Sua Sabedoria não mudarão.

**Décimo Princípio:**
"Creio com plena fé que o Criador conhece todos os atos e pensamentos do ser humano. Como está escrito (Salmos, 33:15), "Ele analisa os corações de todos e perscruta todas as suas obras".

O Décimo Princípio diz que D'us é Onisciente: Ele sabe tudo o que ocorre no universo e tudo o que os homens fazem. Esse princípio nega a opinião daqueles que alegam que... "O Eterno abandonou o Seu mundo..." (Ezequiel 9:9).

Esse princípio é fundamental não apenas para o judaísmo, mas para qualquer religião, pois um D'us que não é onisciente não é D'us. Não conhecer todos os atos e pensamentos humanos implica em falibilidade e limitações, e D'us é infalível e ilimitado. Para poder julgar o homem com justiça, D'us precisa conhecer seus pensamentos, palavras e atos.

**Décimo-primeiro Princípio:**
"Creio com plena fé que o Criador recompensa aqueles que cumprem Seus preceitos e pune quem os transgride".

O Décimo-primeiro Princípio nos ensina que D'us não é apenas o Criador do Universo e seu Legislador, mas também seu Juiz. O judaísmo rejeita, com veemência, o conceito do Deísmo – de que D'us criou o mundo e depois o abandonou. Sabemos perfeitamente que a justiça humana falha – vemos pessoas justas sofrerem e pessoas más prosperarem – mas o judaísmo nos ensina que, no fim das contas, nesta vida ou na outra, D'us aplica a justiça. É importante notar que como D'us é infinito e eterno, atemporal, também o são Suas recompensas e punições.

A maior recompensa Divina possível é o Mundo Vindouro, ao passo que o maior castigo possível é ser banido do mesmo. Portanto, D'us pode recompensar alguém com júbilo infinito ou sofrimento. Aqueles que perpetram a maldade neste mundo devem saber que, um dia, D'us os responsabilizará por seus atos e os punirá, de acordo. É importante que não interpretemos o conceito de recompensa e castigo do judaísmo de maneira infantil. Recompensa é a consequência direta de se ligar à Origem de Toda a Vida, ao passo que a punição é o sofrimento que se segue ao distanciamento da pessoa de D'us. Cada vez que um ser humano realiza um ato de bondade, de nobreza ou de santidade, ele fortalece sua conexão com D'us. Por outro lado, cada vez que ele comete uma ação reprovável ou viola a Vontade Divina, ele enfraquece essa conexão. O propósito dos mandamentos da Torá é fortalecer nosso vínculo com D'us.

**Décimo-segundo Princípio:**
"Creio com plena fé na vinda de Mashiach. Mesmo que demore, esperarei por sua vinda a cada dia".

A crença na vinda do *Mashiach* é um dos princípios fundamentais do judaísmo. Infelizmente, esse conceito criou muitas divisões e disputas entre indivíduos, nações e religiões. Cada pessoa e cada grupo religioso têm direito a ter suas próprias opiniões, inclusive sobre a identidade do Messias, sobre quando ele virá e sobre o que ocorrerá na Era Messiânica.

No entanto, é importante observar o seguinte: o judaísmo apresentou ao mundo o conceito do *Mashiach*. Portanto, se buscamos conhecer objetivamente o assunto, temos que procurar em sua fonte original.

Segundo o judaísmo, para que um homem seja o Messias, é necessário que preencha as seguintes condições: seus pais precisam ter sido judeus e ele precisa ser descendente da Casa de David. Portanto, o Messias e todos os seus antepassados paternos têm que pertencer à tribo de Yehudá. Um Cohen ou Levi, por exemplo, não pode ser o Messias.

O *Mashiach* será um grande líder e um profeta, um *Tzadik* e um Sábio que irá seguir meticulosamente a Torá Escrita e a Torá Oral. Ele irá liderar todos os judeus de volta ao caminho do judaísmo e fortalecerá o cumprimento de suas leis.

Além de possuir tais qualidades, há certas coisas que o Messias precisa fazer para comprovar ser quem é. Precisa construir o Templo Sagrado de Jerusalém e reunir todos os judeus que vivem na Diáspora e levá-los à Terra de Israel. Ele, então trará uma era de paz para todo o mundo. Liderará este mundo à sua perfeição e levará todos os seres humanos – judeus ou não – a servirem a D'us em unidade.

Na Era Messiânica, não haverá idolatria, roubo nem injustiça. Não haverá guerras nem fome. A inveja e a competição deixarão de existir, pois todas as coisas boas abundarão e todos os tipos de delícias serão comuns como o pó da terra. A principal ocupação da humanidade será conhecer D'us. Nas palavras do profeta Isaías: "... porque a Terra estará repleta do conhecimento do Eterno, como as águas cobrem o mar" (Isaías, 11:9).

**Décimo-terceiro Princípio:**
"Creio com plena fé na Ressurreição dos Mortos que ocorrerá quando for do agrado do Criador".

O Décimo-terceiro Princípio envolve a ressurreição dos mortos. A importância desse conceito é nos ensinar que na Era Messiânica D'us aperfeiçoará o mundo, mesmo retroativamente. Além de ninguém morrer, mesmo os já falecidos voltarão à vida.

A ressurreição dos mortos é um dos fundamentos do judaísmo. O Décimo-terceiro Princípio nos ensina que apesar do histórico de guerras e sofrimento do mundo, tudo terminará com um final feliz. D'us recompensará os justos do mundo, judeus ou não, com uma recompensa eterna.

**Conclusão**

Neste trabalho, explicamos muito brevemente os Treze Princípios de Fé de Maimônides. Eles constituem os pilares do judaísmo.

Antes de concluir, temos de fazer a seguinte observação. O judaísmo pertence exclusivamente ao Povo Judeu. Os Treze Princípios de Fé de Maimônides, portanto, apenas têm relevância para os judeus. Outras religiões têm seus próprios profetas, livros sagrados e ideias sobre D'us.

O judaísmo ensina que não é necessário ser judeu para conseguir ligar-se a D'us, receber a recompensa Divina e ter um lugar no Mundo Vindouro. Basta ser uma pessoa justa e viver uma vida de integridade, justiça e bondade. D'us tem muitos filhos, e Ele tem diferentes expectativas de Seus filhos. O cristianismo é o caminho certo para os cristãos, o Islã é o caminho certo para os muçulmanos e o judaísmo é o único caminho para os judeus. É fundamental para todos os judeus entenderem e praticarem o judaísmo. Os Treze Princípios de Fé de Maimônides resumem a sua essência: aquilo em que nós, judeus, cremos, e por que o Povo Judeu deve permanecer fiel, para sempre, à Torá e a seus mandamentos.

BIBLIOGRAFIA
Rabi Kaplan, Aryeh, *Maimonides Principles: The Fundamentals of Jewish Faith,* Mesorah Publications Ltd
Rabi Shneur Zalman M'Liadi, *Shaar HaYichud VeHaemunah*
Rabi Dr. Schochet, Jacob Immanuel, *Judaism: Discourse - Questions and answers with Immanuel Schochet - www.youtube.com Rabi Dr. Schochet*

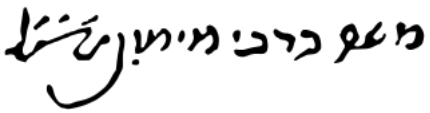
---

**Maimônides**



| | |
|---|---|
| **Nascimento** | 30 de março de 1135<br>Córdova |
| **Morte** | 13 de dezembro de 1204 (69 anos)<br>Cairo |
| **Sepultamento** | Tiberíades |
| **Cidadania** | Al-Andalus |
| **Etnia** | Judeu, Sefardita |
| ***Alma mater*** | Universidade Al Quaraouiyine |
| **Ocupação** | filósofo, médico escritor, rabino, astrônomo |
| **Influências** | Lista<br>Avicena, Al-Farabi, Avempace, Aristóteles, Averróis |
| ***Magnum opus*** | Mishné Torá, Guia dos Perplexos |
| **Religião** | Judaísmo |

**Assinatura**



[edite no Wikidata]

**Maimônides** (português brasileiro) ou **Maimónides** (português europeu) Moxé Filho de Maimon Filho de Ovayd;[1] também conhecido pelo acrônimo **Rambam**,[2] foi um Talmid (Estudante) d-Talmud, questões mixnaicas, questões alakicas, questões probabilísticas (M. Al.), questões misticas pseudo-científicas (M. Ag.).[3] Maimonides foi a figura central intelectual pós judaísmo medieval e hoje é à 2ª autoridade no que diz respeito à Lei dada a Moisés no Sinai. Nascido em Córdoba, no Império Almorávida—(atual Espanha; antes sob o domínio do califado sob comando do califa Abderramão III (912-61); Alandalus, o Sefardita-Rambam recebeu sua influência na era de ouro do mundo intelectual árabe.)—na véspera da Páscoa de 1135 (outros; aprox. 1136-1138, dão como data de seu nascimento), exerceu as funções de rabino, médico e filósofo marroquino no Egito onde morreu em 12 de dezembro de 1204 e seu corpo foi movido à Galileia, sendo sepultado em Tiberíades.[4] Como principal Líder no rabinato moderno (da história judaica) sua profícua obra é Yesod Cabalá (pedra fundamental na tradição judaica). Sua Mixné Torá (Recapitulação da Lei) de quatorze volumes ainda carrega significativa autoridade (canônica), como uma Grande obra de decodificação de lei mixnaica-talmúdica.

Ele é conhecido por alguns; como *A Grande Águia* (*ha-nesher ha-gadol*) em reconhecimento por seu excepcional expoente fidedigno no que diz respeito à Torá oral e leis judaicas em geral. Além de ser reverenciado pelos historiadores judeus, Maimônides é também uma figura muito proeminentemente na história das ciências islâmicas e arábica (Veja: Yudim al-Yaman), sendo mencionado extensivamente em estudos acadêmicos. Influenciado por Al-Farabi, Avicena e seus contemporâneos Averróis, dentre outros proeminentes filósofos e cientistas árabes e muçulmanos. Maimônides tornou-se um proeminente filósofo e polímata tanto na tradição judaica quanto na islâmica.[5][6][7][8][9][10][11][12]

**Índice**


- Sua Vida
  - Ética médica
- Sua morte
- Controvérsia
- Obra
  - Obras Filosóficas
  - Filosofia e Religião
  - Os Atributos Divinos
  - Motekallamin
  - Provas da Existência de Deus
  - Princípios aristotélicos
  - A Negação
  - A Reconciliação
  - Obs. acerca da profecia
  - Origem do Mal
  - A providência e A onisciência de Deus
  - O objetivo dos Mandamentos
  - Vistas Éticas
  - Objeções ao *Moreh*
  - Lista Literária (Obras:)
    - Filosofia e Teologia
    - Halakah
    - Científicos
    - Correspondência
- Obra Alakista (escritores ou compilador da Alaca)
  - Objetivo dos Preceitos
    - Comentário e Código
    - Comentário sobre a Mishná
    - Efeito prático, aplicabilidade
    - Atitude em relação aos antecessores
    - Sefer ha-Mizwot
    - Mishneh Torah
- Suas fontes
- Omissões
- Oposição do RABaD
- Resposta de Maimônides
- Influência do Yad
- Bibliografia
- Referências
- Notas


## Sua Vida[Editar]

> A história do "segundo Moisés", como Maimônides veio a ser chamada, é revestida de fábula. De acordo com alguns de seus biógrafos, ele evidenciou na infância uma acentuada falta de inclinação ao estudo. Isso, no entanto, é altamente improvável, pois as obras produzidas por ele em sua juventude mostram que seu autor não havia passado sua juventude na ociosidade. (Jewish Encyclopedia - Texto na Integra.(1906))

Rambam;[13] recebeu sua instrução rabínica nas mãos de seu pai, Maimon, ele mesmo um erudito de alto mérito, foi colocado em tenra idade sob a orientação dos mais distintos eruditos árabes, estes o iniciaram em todos os ramos da Sabedoria daquele tempo. Moisés tinha apenas treze anos quando

Córdoba caiu nas mãos dos fanáticos Almóada, Maimon e todos os seus correligionários foram obrigados a escolher entre o Islão e o Exílio.[14] Maimon e sua família escolheram o último curso, e por doze anos levaram uma vida nômade, vagando de um lado para o outro na Espanha e possivelmente ao pé da cordilheira Atlas do outro lado do Mediterrâneo.

Revelo de Maimonides na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos.

Em 1160 os Maimonides estabeleceram-se em Fez, onde, eram desconhecidos das autoridades, esperavam assim se passar por muçulmanos. Essa vida dupla, no entanto, tornou-se cada vez mais perigosa. A reputação de Maimônides (Rambam da família Maimonides) estava em constante crescimento, e as autoridades começaram a indagar sobre a disposição religiosa desse jovem altamente qualificado. Ele foi até mesmo acusado de cometer o crime de ter recaído do Islão, mas, por intercessão de um amigo muçulmano, o poeta e teólogo Abu al-'Arab al-Mu'ishah, se não fosse assim teria compartilhado do mesmo destino de seu amigo Judá ibn Shoshan, que pouco antes havia sido executado por uma acusação semelhante. Essas circunstâncias fizeram com que os membros da família Maimônides deixasse Fez.

Em 1165 eles embarcaram e foram para Acre depois Jerusalém e por fim de Fostat (Cairo), onde se estabeleceram; durante os primeiros anos de sua residência no Egito Maimônides experimentou muitos infortúnios. Com a morte de Maimon, o irmão de Moisés, Davi, herdou a cabeça da família os sustentado-os trocando pedras preciosas—quando David pereceu no mar, com ele não só a sua própria fortuna, mas, também grandes somas que lhe haviam sido confiadas por outros comerciantes. Todos esses eventos afetaram a saúde de Maimônides e ele passou por um longo tempo enfermo—Compelido agora a trabalhar Maimonides considerando ser um pecado ganhar a vida com assuntos religiosos, adotou a profissão de médico. Depois de vários anos na prática médica, a sua autoridade no assunto e que foi firmemente estabelecida o que o levou a ser nomeado médico particular do vizir al-Ḳaḍi al-Faḍil al-Baisami de Saladino, que o recomendou à família real e estes lhe concederam muitas distinções. Segundo o historiador árabe Al-Ḳiṭṭi, Maimônides recusou uma posição semelhante oferecida a ele *pelo rei dos francos em Ascalon* (Richard I. da Inglaterra).

Seja quem for seus professores, é evidente que ele estava bem preparado para sua futura missão. Aos vinte e três anos, ele iniciou sua carreira literária com um tratado sobre o calendário judaico. Não se sabe onde este trabalho foi composto, seja na Espanha ou na África. *O autor apenas afirma que ele escreveu a pedido de um amigo, a quem, no entanto, deixa sem nome.* O assunto foi geralmente considerado muito obscuro, e envolvido num profundo conhecimento da matemática. Maimonides deve, portanto, mesmo neste período inicial, ter sido considerado como um profundo estudioso por aqueles que o conheciam. O tratado é de caráter elementar—Foi provavelmente nesta época que escreveu, em árabe, uma explicação dos termos lógicos, *Millot higgayon* que *Moisés Ibn Tibbon* traduziu posteriormente para o hebraico.[15][16]

Em outra carta, endereçada a Samuel ibn Tibbon, ele descreve seus árduos deveres profissionais, que o ocupam o dia todo e, muitas vezes, uma grande parte da noite. Não obstante, o gênio poderoso e a incansável indústria; indústria incansável permitiu a *Maimônides*, em meio a inúmeras ocupações, produzir obras monumentais, responder a centenas de perguntas sobre vários assuntos que lhe foram dirigidas de várias partes do mundo e ainda administrar os assuntos da comunidade do Cairo, logo após sua chegada, ele assumiu um papel de liderança, aparentemente se tornando seu chefe oficial reconhecido em 1177.[17][18]

Em 1177, Maimônides era um reconhecido líder, entre suas ocupações, somavam-se a de juiz e a de administrador. Rambam tornou-se médico e conselheiro do vizir al-Fadil, a quem Saladino deixou o cargo quando conquistou o Egito, Tendo sua reputação ganho reconhecimento internacional em Comunidades judaicas de várias partes do mundo que lhes escreviam em busca de opinião acerca da lei judaica. Maimônides escreveu *dez trabalhos de medicina em árabe e vários trabalhos de teor religioso, onde reflete sua visão filosófica sobre o judaísmo.* Codificador dos treze princípios fundamentais do judaísmo. Morreu em 1204; no Cairo e foi enterrado em Tiberíades, em Israel.[19]

**Ética médicaEditar**

O método adotado por Maimonides na prática profissional era de começar com um tratamento simples, procurando curas por meio de dietas prescritas antes de administrar drogas. Falando de sua carreira médica em uma carta dirigida a seu aluno Joseph ibn 'Ainin, Maimônides diz:

*Você sabe o quão difícil é essa profissão para alguém que é consciencioso e exato, que declara apenas aquilo que ele pode apoiar por; argumentação ou autoridade.*

**Sua morte**[Editar]

Os últimos anos da vida de Maimônides foram marcados pelo aumento de doenças físicas; ele morreu em seu septuagésimo ano, fato esse lamentado por muitas congregações em várias partes do mundo. Reconhecimento póstumo:

- Em Fostat, judeus e maometanos observaram o luto público por três dias.
- Em Jerusalém, um jejum geral foi designado; uma porção da Tokaḥá (= reprovação.) foi lida, e a história da captura da Arca da Aliança pelos filisteus. Seu corpo foi levado para Tiberíades e sua tumba tornou-se um local de peregrinação.
- Com a morte de Maimônides, o monte *More* tornou-se a ocasião para uma longa e amarga luta entre judeus conservadores e liberais na França e na Espanha. Tão amarga, de fato, era a disputa que; ferozes insultos eram rapidamente seguidos por anátemas e contra-anátemas, emitidos de ambos os lados.
- Finalmente, por volta de 1234, a disputa foi encaminhada às *autoridades cristãs*, que ordenaram que as obras de Maimônides fossem queimadas. No entanto, apesar da árdua oposição dos ortodoxos, talvez por causa dessa oposição, o *More* tornou-se o *guia* dos judeus esclarecidos por muitas gerações, e seu estudo produziu filósofos como Spinoza, Solomon Maimon e Moses Mendelssohn. Tampouco sua fama estava confinada ao estreito pálido do judaísmo; já no século XIII, partes dela foram traduzidas para o latim, e muitos escolásticos cristãos, como Albertus Magnus, Duns Scotus, Alexandre de Hales, etc., extraíam-se desse inesgotável poço de aprendizado.[20]

**Controvérsia**[Editar]

Incluiu cada lado proclamado herem o outro, a profanação do túmulo de Rambam, a queima de suas obras (no Ocidente). As principais questões:

1. A autoridade do G`onim
2. A criação de um código que não cita fontes
3. A adoção da *filosofia grega* (Racionalismo versus Literalismo)
4. O milagroso realmente aconteceu? (A entrega da Torá por parte de YHWH'eloim à Moisés no monte Sinai)
5. E a mais duradoura das questões filosóficas; **A ressurreição**:[21][n: 1]

*As palavras de Sheshet b. Isaac de Zaragoza (do lado Maimoneano): Eu peço a este tolo que sustenta que as almas retornarão aos cadáveres mortos e que elas estão destinadas a retornar ao solo de Israel. Em que corpo a alma retornará? Se é para o corpo do qual ele partiu, [então isto] já terá retornado a seus elementos milhares de anos antes; [agora é] terra, poeira e vermes. Onde foi enterrado, uma casa foi construída, um vinhedo foi plantado, ou algumas outras plantas criaram raízes e você não consegue encontrar a terra, o pó ou os vermes nos quais o corpo se transformou. Se, no entanto, esta alma quiser retornar a outro corpo, o qual Deus criará, então será outro homem que será criado em seu próprio tempo e não estará morto; como, então, você pode dizer que ele está sendo ressuscitado e que Deus o recompensa, pois ele ainda não conseguiu nada? Mas—seria errado concluir que o próprio Rambam negou o conceito de ressurreição, seria melhor perguntar o que ele provavelmente acreditava ser a sua forma.*

**Obra**[Editar]

**Obras Filosóficas**[Editar]

Entre os anos 1158 e 1190 Maimonides produziu, além de vários escritos menores (veja a lista de obras abaixo):

1. Um *comentário sobre a Mixná* intitulado *Kitab al-Siraj*,(*Pirush Hamishnayot*)[22]
2. Um livro sobre os preceitos, *Kitab al-Fara'iḍ* (*Sefer ha-Mitzvot*)[23]
3. O código Mixné Torá (chamado pelos admiradores de Maimônides *Yad ha-Ḥazaḳah*)[24]

O trabalho filosófico *Dalalat al-Ḥa'irin* (*Moreh Nebukim*). As três primeiras obras são a principal preocupação do artigo complementar seguinte, enquanto aqui é delineado o sistema filosófico exposto

nas introduções à *Mishnah* de *Pirḳe Abot* e de *Ḥeleḳ*, no primeiro livro do *Yad ha-Ḥazaḳah*, intitulado *Sefer ha-Madda* (Livro de pensamento e leis sobre reis e suas guerras) e especialmente no *Dalalat al-Ḥa'irin*, que se tornou de extraordinária importância, não só para o desenvolvimento racional do judaísmo, mas para a história da filosofia na Idade Média. O objeto do trabalho mencionado por último é explicado por Maimônides nos seguintes termos:[25][26]

*Eu compus este trabalho nem para as pessoas comuns, nem para os iniciantes, nem para aqueles que se ocupam apenas com a Lei como ela é transmitida sem se preocupar com os seus princípios. O design deste trabalho é um pouco para promover a verdadeira compreensão do verdadeiro espírito da Lei, para guiar aquelas pessoas religiosas que, aderindo à Torá, estudaram filosofia e estão constrangidas pelas contradições entre os ensinamentos da filosofia e o sentido literal da Torá.*

**Filosofia e Religião[Editar]**

De acordo com Maimônides, não há contradição entre as verdades que Deus revelou e as verdades que a mente humana, um poder derivado de Deus, descobriu. De fato, com poucas exceções, todos os princípios da metafísica (e estes são, para ele, os de Aristóteles, conforme proposto pelos peripatéticos árabes Al-Farabi e Ibn Sina) são incorporados na Bíblia e no Talmud.

Rambam estava firmemente convencido de que, além da revelação escrita, os grandes profetas receberam revelações orais de um caráter filosófico, que foram transmitidos pela tradição à posteridade, mas que foram perdidos em conseqüência dos longos períodos de sofrimento e perseguição que os judeus experimentaram. O suposto conflito entre religião e filosofia originou-se em uma má interpretação dos antropomorfismos e das leituras superficiais das Escrituras, que para ele são as interpretações internas ou alegóricas o que a prata é ao ouro.

Os antecessores de Maimônides, Saadia, Bahya e Judá ha-Levi, no tratamento do antropomorfismo, contentaram-se com a afirmação de que qualquer termo sob consideração deve ser considerado uma metáfora.

Maimonides, no entanto, estabeleceu a incorporeidade de Deus como dogma, e colocou qualquer pessoa que negasse essa doutrina em um nível de idólatra; Ele dedicou grande parte da primeira parte do *Moreh Nebukim* à interpretação dos antropomorfismos bíblicos, procurando definir o significado de cada um e identificá-lo com alguma expressão metafísica transcendental. Alguns deles são explicados por ele como homônimos perfeitos, denotando duas ou mais coisas absolutamente distintas; outros, como homônimos imperfeitos, empregados em alguns casos figurativamente e em outros, de forma homônima.

**Os Atributos Divinos[Editar]**

Dos antropomorfismos; Maimonides passa à questão muito discutida dos atributos divinos. Como no caso dos antropomorfismos, foi, segundo ele, a interpretação errônea de certas passagens bíblicas que levaram alguns a admitir atributos divinos. Contra essa admissão, Moisés argumenta:

1. Que um atributo expressa alguma qualidade ou propriedade que não é inerente ao objeto descrito, neste caso, sendo um *acidente*;
2. Que denota uma propriedade consistente com a essência do objeto. descrito; no último caso, o fato da coexistência de tal atributo, se aplicado a Deus, denota uma pluralidade na essência divina.

Maimonides divide todos os atributos positivos em cinco classes:

1. ª_Aqueles que incluem todas as propriedades essenciais de um objeto. Esta classe de atributos não pode ser aplicada a Deus, porque, como todos os filósofos concordam, Deus não pode ser definido, na medida em que a definição só pode ser estabelecida dando gênero e diferenciação.
2. ª_Aqueles que incluem apenas uma parte das propriedades essenciais. Nem esses atributos podem ser aplicados a Deus, que, sendo incorpóreo, não tem partes.
3. ª_Aqueles que indicam uma qualidade. Estes também são inaplicáveis a Deus, que, não tendo alma, não está sujeito à análise psíquica.
4. ª_Aqueles que indicam a relação de um objeto para outro. A princípio, parece que esta classe de atributos pode ser empregada em referência a Deus, porque, não tendo nenhuma conexão com Sua essência, eles não implicam qualquer multiplicidade ou variedade nEle; mas, num exame mais detalhado, sua inadmissibilidade se torna evidente. *Uma relação pode ser*

*imaginada apenas entre duas coisas da mesma espécie, mas não entre duas coisas de espécies diferentes, embora possam pertencer à mesma classe*. Por exemplo, entre sabedoria e doçura, mansidão e amargura, não pode haver relação, embora em sua significação geral estejam sob a cabeça da qualidade. *Como, então, poderia haver alguma relação entre Deus e Suas criaturas, considerando a grande diferença entre elas*? a criatura tendo apenas uma existência possível, enquanto Sua existência é absoluta.

5. ª_Aqueles que se referem às ações do objeto descrito. Atributos desse tipo, na medida em que são distintos da essência da coisa e não implicam que elementos diferentes devam estar contidos na substância do agente, são mais apropriados à descrição do Criador. *De fato, com exceção do Tetragrama, todos os nomes divinos são explicados por Maimonides como descritivos de suas ações*. Quanto à sua essência, a única maneira de descrevê-lo é negativamente. *Por exemplo, Ele não é inexistente, nem eterno, nem impotente, etc.* Essas asserções não envolvem quaisquer noções incorretas ou assumem qualquer deficiência, enquanto se atributos essenciais positivos são admitidos, pode-se supor que outras coisas coexistiram com Ele. da eternidade.

Maimonides completa seu estudo dos atributos demonstrando que o princípio filosófico de que Deus é o intellectus (אלעקל), o ens intelligensens (אלעקל אלפאעל) e o ens intelligibile (אלמעקול) não implicam uma pluralidade em Sua essência, porque em matéria de intelecto, os *agens* (Que atuam na formação das noções), a ação e o objeto da ação são idênticos. De fato, seguindo a teoria de Alexandre de Afrodisias, Maimônides considera que o intelecto é uma mera disposição, recebendo noções por impulso externo, e que conseqüentemente as idéias são ao mesmo tempo sujeito, ação e objeto.

**MotekallaminEditar**

Os últimos capítulos da primeira parte do *Moreh* são dedicados a uma crítica das teorias do Motekallamin (ver Filosofia Árabe).[27] Essas teorias estão incorporadas em doze proposições, das quais derivam sete argumentos em apoio à doutrina da *creatio ex nihilo* (= criado do nada). Isto uma vez estabelecido, eles afirmaram, como uma consequência lógica, que existe um Criador; então eles demonstraram que este Criador deve ser um, e de Sua unidade deduziu Sua incorporeidade.

Maimonides expõe a fraqueza dessas proposições, que ele considera fundadas sem base em fatos positivos, mas, na mera ficção. Ao contrário do princípio aristotélico de que todo o universo é um corpo organizado *um*, cada parte do qual tem uma relação ativa e individual com o todo, o Motekallamin nega a existência de qualquer lei, organização ou unidade no universo. Para eles, as várias partes do universo são independentes umas das outras; todos eles consistem em elementos iguais; eles não são compostos de substância e propriedades, mas de átomos e acidentes (veja Atomismo);[28] a lei da causalidade é ignorada; as ações do homem não são o resultado da vontade e do design, mas são meros acidentes.

Maimonides critica especialmente a décima proposição do Motekallamin, segundo a qual tudo que é concebível pela imaginação é admissível: por exemplo, que o globo terrestre deve se tornar a esfera abrangente, ou que essa esfera se torne o globo terres-trial.

**Provas da Existência de DeusEditar**

A segunda parte do *Moreh* abre com a enumeração das vinte e seis proposições através das quais são provadas a existência, a unidade e a incorporeidade da Causa Primária. Para a existência da Causa Primária, há quatro provas:

1. ª_Nenhuma moção pode ocorrer sem que um agente a produza, e a série de causas que levam a um certo movimento é finita;
2. ª_Uma vez que algumas coisas recebem uma transmissão para o movimento, enquanto outras coisas são postas em movimento sem transmiti-lo, deve existir um ser que transmita movimento sem ser ele próprio colocado em movimento;
3. ª_Como os seres existentes são parcialmente permanentes e parcialmente transitórios, deve haver um ser cuja existência seja permanente;
4. ª_Nada pode passar de um estado de potencialidade para o de realidade sem a intervenção de um agente; esse agente requer, para sua própria transição da potencialidade para a atualidade, a ajuda de outro agente e o segundo, de outro; e assim por diante, até que se chegue a um agente que é constante e não admite nenhuma potencialidade.

A unidade de Deus é provada pelos seguintes argumentos:

1. º_Dois deuses não podem ser assumidos, pois teriam necessariamente um elemento em comum em virtude do qual seriam deuses e outro elemento pelo qual seriam distinguidos um do outro; além disso, nenhum deles poderia ter uma existência independente, mas ambos teriam que ser criados.
2. º_Todo o mundo existente é *um* corpo orgânico, cujas partes são interdependentes. O mundo sublunar é dependente das forças provenientes das esferas, de modo que todo o universo é um macrocosmo e, portanto, o efeito deve ser devido a uma causa. A incorporeidade de Deus pode ser provada pelos argumentos precedentes e pelo princípio de que todo objeto corpóreo consiste em matéria e forma, e que todo composto requer que um agente efetue sua combinação.

**Princípios aristotélicosEditar**

Como não há discordância entre os princípios de Aristóteles e os ensinos das Escrituras quanto a Deus, ou a Causa Primária, também não há nenhum entre seus sistemas de filosofia natural. Como *Primum Motum* (= primeiro movimento.) deste mundo, existem, segundo Aristóteles, as esferas celestes, cada uma das quais possui uma alma, o princípio do movimento, e é dotada de um intelecto.

Eles se movem em vários sentidos através de seres imateriais imóveis, ou Inteligências, que são a causa de sua existência e seu movimento da melhor maneira possível, a saber, um movimento rotatório uniforme.

A primeira Inteligência, que é o agente do movimento para a esfera superior ou toda abrangente, é uma emanação direta da Causa Primária; os outros emanavam um do outro. Havia ao todo nove esferas, a esfera abrangente, a das estrelas fixas e as dos sete planetas; nove Inteligências correspondem às nove esferas; uma décima inteligência, ligada à esfera mais baixa, a mais próxima do centro, a esfera da lua, é o intelecto ativo. Esta última causa a transição do intelecto do homem de um estado de potencialidade para o de realidade.

A terra, que é esférica, permanece impassível no centro do mundo, e quaisquer mudanças que ocorram nela são devidas às revoluções das esferas que, como seres animados e intelectuais, atuam em plena consciência.

Deus não age por meio de contato direto. Quando, por exemplo, Ele destrói qualquer coisa com fogo, o fogo é acionado através dos movimentos das esferas e das esferas pelas Inteligências.

Todas essas teorias são, de acordo com Maimônides, apoiadas tanto pelas Sagradas Escrituras quanto pela literatura judaica pós-bíblica. Que as esferas são animadas e os seres intelectuais são claramente expressos pelo salmista. *Os céus declaram a glória de Deus* (Xix. 2 [A. V. 1]) não pode ser tomado como uma mera figura de linguagem.

Os anjos mencionados na Bíblia são idênticos às Inteligências. Há, no entanto, um ponto em que Maimonides difere de seu mestre.

Segundo Aristóteles, essas esferas, assim como as Inteligências, coexistiam com a Causa Primária, enquanto Maimônides afirma que as esferas e as Inteligências foram criadas pela vontade de Deus.

Maimônides afirma que foi instigado a rejeitar a doutrina da eternidade da matéria não porque certas passagens nas Escrituras confirmam a *creatio ex nihilo*, pois tais passagens poderiam ser facilmente explicadas de uma maneira que as deixasse em harmonia com a doutrina anterior, mas porque há melhores argumentos para a *creatio ex nihilo* do que para a eternidade do universo.

**A NegaçãoEditar**

Além disso, o próprio Aristóteles estava bem ciente de que não havia provado sua tese. Os adeptos da doutrina da eternidade do universo baseiam-se nos seguintes sete argumentos, parcialmente fundados nas propriedades da natureza e parcialmente naqueles da Causa Primária:

1. º_O movimento é eterno, pois se tivesse um começo, deveria haver Foi movimento quando surgiu, porque a transição da não-existência para a existência—isto é, da potencialidade para a realidade— sempre implica em movimento.

2. º_A primeira substância subjacente aos quatro elementos deve ser eterna. *Tornar-se* implica assumir a forma; mas primeira substância significa uma substância sem forma; portanto, nunca *se tornou*.
3. º_Como as esferas são indestrutíveis porque não contêm elementos opostos, o que é evidenciado pelo seu movimento circular, elas devem ser sem um começo.
4. º_Suponha que o universo teve um começo; então, sua criação era possível, ou necessária, ou sua existência anterior era impossível; mas se fosse necessário, nunca poderia ter sido inexistente; se impossível, nunca poderia ter surgido; e se possível, então deve ter havido um assunto com atributos envolvendo a possibilidade.
5. º_A suposição de que Deus produziu uma coisa em um determinado tempo fixo implicaria que Ele mudou da condição de um potencial criador para o de um criador real.
6. º_A suposição de que o mundo foi criado significaria que a vontade de Deus havia sofrido uma mudança, ou que Ele deveria ser imperfeito, pois ou Deus não criaria o mundo anteriormente, ou, se Ele o fizesse, Ele não teria o poder.
7. º_Sendo o universo o resultado da sabedoria de Deus, ele deve, como o último, ser eterno.

Contra esses argumentos, Maimônides argumenta que, embora as propriedades da natureza estejam, no presente, quando o universo está em existência real e plenamente desenvolvido, não se segue que as coisas as possuíam no momento em que foram produzidas; é ainda mais do que provável que essas próprias propriedades tenham surgido da absoluta inexistência.

Ainda menos conclusivos são os argumentos baseados nas propriedades da Causa Primária, pois é impossível obter uma noção correta das esferas celestes e suas Inteligências; A imprecisão dos pontos de vista de Aristóteles sobre o assunto foi provada por Ptolomeu, embora o sistema desse astrônomo também esteja longe de ser impecável.

**A ReconciliaçãoEditar**

No entanto, Maimônides está plenamente ciente de que não deu provas positivas para a *creatio ex nihilo*, e adverte seu pupilo Joseph ibn 'Ainin,[29] a quem o *Moreh* foi dedicado, para tomar cuidado com a doutrina oposta; pois se, como ensinou Aristóteles, tudo no universo é o resultado de leis fixas, se a natureza não muda, e se não há nada sobrenatural, seria absurdo acreditar em milagres, em profecia e em revelação. Mas como Maimonides reconhece a autoridade de Aristóteles em todos os assuntos concernentes ao mundo sublunar, ele prossegue mostrando que o relato bíblico da criação do mundo inferior está em perfeito acordo com as visões aristotélicas.

Explicando sua linguagem como alegórica e os termos empregados como homônimos, ele resume o primeiro capítulo de Gênesis assim:

*Deus criou o universo produzindo no primeiro dia o reshit, ou Inteligências, do qual as esferas derivaram sua existência e movimento e assim tornou-se a fonte da existência de todo o universo.*

*Este universo consistia primeiro no caos e nos quatro elementos; mas, através da influência das esferas e mais diretamente através da ação da luz e das trevas, sua forma foi desenvolvida.*

*Nos cinco dias subseqüentes vieram a existir os minerais, plantas, animais e os seres intelectuais.*

*O sétimo dia, no qual o universo foi governado pela primeira vez pelas leis naturais que ainda continuam em operação, foi abençoado por Deus, que o projetou para proclamar a creatio ex nihilo.*

O relato do pecado de Adão é interpretado por Maimonides como uma exposição alegórica da relação entre sensação, intelecto e faculdade moral; os três filhos de Adão são uma alusão aos três elementos do homem - o vegetal, o animal e o intelectual.

**Obs. acerca da profeciaEditar**

Com a doutrina da profecia *creatio ex nihilo* tornando-se possível; mas, quais são os requisitos da profecia? Maimônides cita três opiniões diferentes sobre o assunto:

1. ª_A opinião daqueles que acreditam que qualquer homem, seja sábio ou estúpido, jovem ou velho, desde que ele seja até certo ponto moralmente bom, pode ser inspirado por Deus com o espírito de profecia. e encarregado de uma missão;

2. ª_A opinião dos filósofos que, considerando a profecia a mais alta expressão do desenvolvimento mental, afirmam que ela pode ser alcançada apenas pelo estudo;
3. ª_Sua própria opinião, que ele considera ser a visão da Escritura. Ele concorda com os filósofos em considerar a faculdade profética como natural para o homem e de acordo com as leis da natureza; sustentando que qualquer homem cujas faculdades físicas, mentais e morais estejam em perfeitas condições pode se tornar um profeta; mas ele também afirma que, com todas essas qualificações, o homem pode ainda, por interferência divina e miraculosa, ser impedido de profetizar.

Os últimos capítulos da segunda parte do trabalho são dedicados à explicação das profecias e visões bíblicas, mostrando a parte que é tomada pela imaginação, que é, de acordo com Maimônides, um elemento essencial na profecia.

**Origem do Mal**Editar

Depois de ter dado, nos sete primeiros capítulos da terceira e última parte do *Moreh*, a exposição da visão de Ezequiel, que ele explica como uma descrição alegórica do mundo sublunar,[30] das esferas e das Inteligências, os esforços de Maimônides para mostrar que o mal não tem existência positiva, mas é uma privação de uma certa capacidade e não procede de Deus; quando, portanto, os males são mencionados na Escritura como enviados por Deus, as expressões bíblicas devem ser explicadas alegoricamente.

De fato, diz Maimônides, todos os males existentes, com exceção de alguns que têm suas origens nas leis de produção e destruição e que são antes uma expressão da misericórdia de Deus, pois por eles as espécies são perpetuadas, são criadas pelos próprios homens.

**A providência e A onisciência de Deus**Editar

A questão do mal está intimamente ligada à da Divina Providência. Como é sabido, Aristóteles afirmou que a humanidade como um todo, mas não o indivíduo, é guiada e protegida pela Divina Providência.

A razão que levou Aristóteles a adotar essa visão é que a Providência implica onisciência, enquanto, segundo ele, o conhecimento de Deus é limitado a universais, pois se Ele tivesse conhecimento de particulares, estaria sujeito a constantes mudanças. Maimônides rejeita essa teoria e esforça-se para mostrar que a crença na onisciência de Deus não está em oposição à crença em Sua unidade e imutabilidade. *Deus*, diz ele:

*...percebe eventos futuros antes que eles aconteçam, e sua percepção nunca falha. Portanto, nenhuma nova ideia pode se apresentar a ele. Ele sabe que um certo indivíduo nascerá em um determinado momento, existirá por um certo período, e então deixará de existir. A vinda à existência deste indivíduo é para Deus nenhum fato novo; nada aconteceu do que Ele não sabia, pois Ele conhecia esse indivíduo, tal como ele é agora, antes de seu nascimento.*

Quanto às objeções avançadas pelos peripatéticos à crença na onisciência de Deus—a saber, que é inconcebível que a essência de Deus permaneça indivisível considerando a multiplicidade de conhecimento da qual é composta; que Sua inteligência deve abraçar o infinito; que os eventos devem manter seu caráter de contingência, apesar do fato de serem previstos pelo Ser Supremo—essas objeções, de acordo com Maimônides, são baseadas em um erro. Enganados pelo uso do termo *conhecimento*, os homens acreditam que tudo o que é necessário para o seu conhecimento é requisito para o conhecimento de Deus também. O fato é que nenhuma comparação é possível entre o conhecimento humano e o conhecimento de Deus, sendo este último absolutamente incompreensível para a inteligência humana. (Compare: Ein Sof. Tzimtzum.) Mas a onisciência implica predestinação; como, então, a vontade do homem pode afirmar-se livremente? O próprio fato do conhecimento de Deus não obriga o homem a agir de acordo com ele? Para refutar essa objeção, Maimônides esforça-se para mostrar que:

*O fato de que Deus conhece as coisas enquanto estão em um estado de possibilidade—quando sua existência pertence ao futuro—não muda a natureza do possível de forma alguma; isso permanece inalterado; e o conhecimento da realização de uma das várias possibilidades não afeta essa realização.*

**O objetivo dos Mandamentos**Editar

A discussão da questão da Divina Providência é seguida por outra pergunta: *Qual é o propósito dos preceitos divinos?*

Segundo Maimonides, a ética e a religião estão indissoluvelmente ligadas, e todos os preceitos visam direta ou indiretamente a moralidade. Como no *Yad ha-Ḥazaḳah*, ele divide as leis do Pentateuco em quatorze grupos e discute o objeto principal de cada grupo e o objeto especial de cada lei. Assim, por exemplo, o objeto das leis concernentes aos sacrifícios está nas orações e devoções que o acompanham; quanto aos próprios sacrifícios, eram apenas uma concessão aos hábitos idólatras do povo.

Como na metafísica, Maimônides segue de perto o sistema ético de Aristóteles, que expõe em sua introdução e comentário a *Abot*, em várias passagens do *Sefer ha-Miẓwot*, e em seu *Yad ha-Ḥazaḳah*, especialmente no *Hilkot De'ot* e o *Hilkot Teshubah*. De acordo com Maimônides, o objetivo final da criação deste mundo é o homem; a do homem é a felicidade.

Essa felicidade não pode consistir na atividade que ele tem em comum com outros animais, mas no exercício de seu intelecto, que leva à cognição da verdade. A mais alta cognição é a de Deus e Sua unidade; consequentemente, o *summum bonum* é o conhecimento de Deus através da filosofia. A primeira necessidade na busca do *summum bonum* é subjugar a sensualidade e tornar o corpo subserviente à razão. Para que o homem seja considerado o objetivo e o fim da criação deste mundo, ele deve ser perfeito moral e intelectualmente.

Virtude e vício têm sua fonte nas cinco faculdades da alma: o nutritivo, o sensível, o imaginativo, o apetitivo e o deliberativo. A alma deve intelectar o que importa é formar:[31] é suscetível tanto ao bem quanto ao mal, de acordo com a escolha feita pela faculdade deliberativa.[32]

### Vistas ÉticasEditar

A excelência humana é ou da faculdade apetitiva (virtudes morais) ou da faculdade deliberativa (virtudes intelectuais). Os vícios da faculdade apetitiva são o oposto das virtudes apetitivas; por exemplo, a covardia e a imprudência são os extremos opostos da coragem, e ambos são vícios. A virtude é uma proficiência em querer o que é aprovado pela razão,[33] desenvolvido a partir do estado de uma potencialidade natural por ação. O desenvolvimento da virtude requer exercício e inteligência. A virtude ética é aquela direção permanente da vontade que mantém o meio de conduta, conforme determinado pela razão do inteligente. A coragem é a média entre a covardia e a temeridade; temperança, a média entre o desejo desordenado e a indiferença estúpida. No campo da ética pessoal, Maimonides estabeleceu regras deduzidas dos ensinamentos da Bíblia e dos rabinos. Essas regras lidam com as obrigações do homem para consigo mesmo e para com seus semelhantes. Ao primeiro pertence a obrigação de manter-se em saúde pela vida regular, procurando orientação médica na doença, limpeza, ganhando a vida, etc. As condições essenciais para a saúde da alma são o contentamento e a moderação na alegria e tristeza. A piedade é uma qualidade generosa da alma; Para desenvolver esse sentimento, a Lei proibiu a crueldade contra os animais. O amor mútuo e a sociabilidade são necessários para os homens. O sentimento de justiça prescrito pela Lei consiste em respeitar a propriedade e a honra dos outros, mesmo que sejam escravos de alguém.

### Objeções ao *Moreh*Editar

O *Moreh* foi completado por Maimônides aos cinquenta e dois anos. Foi o clímax de sua carreira literária no campo do judaísmo. Depois de ter em seus trabalhos anteriores sistematizado todas as leis e cerimônias bíblicas e rabínicas e elaborado os treze Artigos de Fé em que todo israelita é obrigado a acreditar, ele mostra, no *Moreh*, que o judaísmo é a própria expressão da inteligência humana e que não há nada na Escritura ou literatura rabínica, se devidamente explicado, que contradiga a verdadeira filosofia.

Como era de se esperar, os adversários do código de Maimônides declararam guerra contra o *Moreh*. Seus pontos de vista sobre anjos, profecias e milagres, e especialmente sua afirmação de que ele não teria tido dificuldade em reconciliar o relato bíblico da Criação com a doutrina da eternidade do universo, teve as provas aristotélicas para que ela fosse conclusiva, provocou a indignação dos ortodoxos.

A teoria da unidade das almas de Maimônides (comp. Alexandre de Afrodísias)[34] foi declarada por eles como uma negação direta da imortalidade da alma. Maimonides desprezou esses ataques e continuou sua vida laboriosa, enriquecendo a literatura médica com algumas obras valiosas e iluminando seus admiradores e discípulos em uma infinidade de perguntas.

Entre eles, um inquérito sobre a astrologia, dirigido a ele em Marselha. Em sua resposta, Maimônides diz que, em sua opinião, o homem deve acreditar apenas no que pode ser sustentado tanto pela prova racional, pela evidência dos sentidos, quanto pela autoridade confiável. Ele afirma que estudou astrologia e que não merece ser descrito como uma ciência.

A suposição de que o destino de um homem pode depender das constelações é ridicularizado por ele; ele argumenta que tal teoria roubaria a vida de propósito e tornaria o homem um escravo do destino. Com a conclusão do *Moreh*, Maimônides estava no auge de sua glória. Ele teve a satisfação de ver seu trabalho traduzido para o hebraico e recebido com grande admiração pelos judeus esclarecidos; até os maometanos a estudaram e admiraram o gênio de seu autor.

O renomado médico e teólogo árabe 'Abd al-Laṭif de Bagdad confessou que seu desejo de visitar o Cairo foi motivado pelo desejo de conhecer três homens, entre os quais Musa ibn Maimun. A grandeza deste último como médico não foi menos reconhecida, e o poeta e cadi árabe Al-Sa'id ibn Surat al-Mulk cantou em verso extático, que, traduzido para o inglês, diz o seguinte:

*A arte de Galeno cura apenas o corpo, mas o corpo e a alma de Abu Imram [Maimônides]. Com sua sabedoria, ele poderia curar a doença da ignorância. Se a lua se submetesse à sua arte, Ele a livraria de seus pontos no momento da lua cheia, curaria seus defeitos periódicos, E no momento de sua conjunção a salvaria de minguar.*

**Lista Literária (Obras:)** **Editar**

*A seguir, uma lista classificada das obras de Maimônides:*

**Filosofia e Teologia** **Editar**

- Dalalat al-Ḥa'irin. Traduzido para o hebreu por Samuel ibn Tibbon, em 1204, sob o título *Moreh Nebukim*.[35] A tradução hebraica foi publicada pela primeira vez em algum lugar na Itália antes de 1480; desde então, tem sido freqüentemente publicado com comentários.
- Al-Ḥarizi, foi publicada por Schlossberg (vol. I., Londres, 1851; vols. Ii e iii., Viena, 1874 e 1879). Há duas traduções latinas do *Moreh*, de Augusto Justiniano (Paris, 1520) e de Buxtorf, Júnior (Basileia, 1629); a anterior é baseada na versão hebraica de Al-Ḥarizi e é uma mera cópia de uma tradução latina mais antiga; o posterior é baseado no de Ibn Tibbon.
- O original em árabe, com uma tradução francesa intitulada *Guide des Egarés* (= Guia dos Perdidos), foi publicado por Salomon Munk (3 vols., Paris, 1856-66). A obra foi traduzida duas vezes para o italiano, por Jedidiah ben Moses de Recanati (1580) e por D. J. Maroni (1870).
- A primeira parte foi traduzida para o alemão por Fürstenthal (Krotoschin, 1839); o segundo, de M. E. Stein (Viena, 1864); e o terceiro, por Scheyer (Frankfort-on-the-Main, 1838).
- Parte iii. foi traduzido para o inglês, sob o título *Os Motivos das Leis de Moisés*, de Townley (Londres, 1827). Uma tradução completa em inglês, em três volumes, foi publicada por M. Friedländer (Londres, 1889): *Maḳalah fi-Ṣina'at al-Manṭik*, sobre a terminologia da lógica, em catorze capítulos; escrito com a idade de dezesseis anos.
- Foi traduzido para o hebraico por Moisés ibn Tibbon, sob o título *Millot ha-Higgayon*, e foi publicado pela primeira vez, com dois comentários anônimos, em Veneza, em 1552; Desde então, passou por quatorze edições.
- Uma tradução latina foi publicada por Sebastian Münster (Basel, 1527);
- As traduções alemãs foram feitas por M. S. Neumann (Veneza, 1822) e Heilberg (Breslau, 1828).
- Entre os numerosos comentários escritos sobre este trabalho, o mais notável é o de Moisés Mendelssohn: *Maḳalah fi al-Tauḥid*, um ensaio sobre a unidade de Deus. Traduzido para o hebreu por Isaac ben Nathan, no século XIV, sob o título *Ma'amar ha-Yiḥud*.
- *Maḳalah fi-al-Sa'adah*, um ensaio, em dois capítulos, sobre a felicidade (Paris, Bibliothèque Nationale, No. 7193). Publicado pela primeira vez em hebraico, sob o título *Peraḳim be-Haẓlaḥah*, em 1567. Um ensaio sobre conversões forçadas. Traduzido anonimamente para o hebraico sob o título *Iggeret ha-Shemad* ou *Ma'amar Ḳiddush ha-Shem*. Estabelece

1. Até que ponto um judeu pode ceder e até que ponto ele deve resistir quando está sob compulsão para abraçar outra religião, e manter;
2. Que o maometismo não é uma religião pagã. Maimonides escreveu este ensaio em resposta a um certo rabino que afirmou que os convertidos compulsórios ao Islã, embora possam secretamente observar todos os preceitos judaicos, não podem ser considerados como israelitas.

- *Iggeret ha-Shemad* foi publicado por A. Geiger em sua monografia sobre Maimônides (Breslau, 1850).
- Carta ao rabino Jacob al-Fayyumi, sobre a condição crítica dos judeus no Iêmen (1172). Foi traduzido para o hebraico por Samuel ibn Tibbon, Abraão ibn Ḥisdai e Nathan ha-Ma'arabi.
- A tradução de Ibn Tibbon foi publicada sob o título de *Iggeret Teman* (Viena, 1857); a de Nathan ha-Ma'arabi, sob o título *Petaḥ Tiḳwah* (1629); a de Abraão ibn Ḥisdai ainda existe no manuscrito.
- Um ensaio sobre a ressurreição. Traduzido para o hebraico por Samuel ibn Tibbon e publicado sob o título *Ma'amar Teḥiyyot ha-Metim* (1629). Uma tradução latina, ainda existente no manuscrito, foi feita por Mithridates.

**Halakah**[Editar]

Comentários sobre o Mishnah, intitulado *Kitab al-Siraj*. Eles foram traduzidos para o hebraico por vários eruditos:

- Em Berakot, Peah, Demai, Shebu'ot, por Judá al-Ḥarizi; o restante de Seder Zera'im e Seder Mo'ed, por Joseph ben Isaac ibn al-Fu'al; Seder Nashim, de Jacob ben Moisés de Huesca; Seder Neziḳin—com exceção de Abot, que foi traduzido por Samuel ibn Tibbon—por Salomão ben Jacob de Zaragoza; Seder Ḳodashim, por Nethaneel ben Joseph de Zaragoza; Seder Ṭohorot, por um estudioso anônimo; várias outras partes, por Israel israelense. As traduções hebraicas foram publicadas pela primeira vez em Nápoles (1492).
- Do original foram publicados: a introdução geral e os prefácios seder v. E vi., E ao tratado Menaḥot, com uma tradução latina de Pococke (Oxford, 1654);
- A introdução de Abot (*Shemonah Peraḳim*), com uma tradução alemã de M. Wolf (Leipsic, 1863);
- O *Seder Ṭohorot*, com uma tradução hebraica de Joseph Derenbourg (Berlim, 1886-92);
- Vários tratados, alguns com hebraico e alguns com traduções alemãs, publicados como dissertações universitárias nos últimos vinte anos.
- As traduções hebraicas foram traduzidas para o latim por Surenhusius;
- Em espanhol por Reuben ben Naḥman Abi Saglo.
- *Kitab al-Fara'iḍ*. Duas vezes traduzida em hebraico, primeiro por Moisés ibn Tibbon e depois por Salomão ben Joseph ibn Ayyub. A tradução de Ibn Tibbon foi impressa primeiro na Itália e depois em Lisboa em 1497, e frequentemente desde então.
- Parte do original, com uma tradução alemã, foi publicada por M. Peritz (Breslau, 1882);
- Uma edição completa, com uma tradução francesa intitulada *Le Livre des Préceptes*, de Moses Bloch (Paris, 1888).
- Commentary on Ḥullin e quase todas as três seções—Mo'ed, Nashim e Neziḳin. Destes comentários, que Maimonides cita na introdução da Mishnah, apenas o que se conhece em Rosh ha-Shanah; foi editado por J. Brill no periódico *Ha-Lebanon* (viii. 199 e segs.)
- *Mishneh Torá*, ou *Yad ha-Ḥazaḳah*. A primeira edição apareceu na Itália por volta de 1480; o segundo em Soncino, 1490; o terceiro em Constantinopla, 1509; a quarta, quinta, sexta e sétima edições em Veneza, 1524, 1550, 1550-51 e 1574-75; a oitava em Amsterdã, 1702-3; a edição mais recente e completa é a de Leipsic, 1862.
- Partes de uma tradução árabe do *Mishneh Torah* e um comentário árabe sobre o *Sefer ha-Madda* ainda existem no manuscrito.
- Extratos da *Mishneh Torah* foram traduzidos para o inglês por H. Bernard e E. Soloweyczik (Londres, 1863). Halakot, extraído do Talmude de Jerusalém; citado por Maimonides em seu comentário sobre Tamid (v., infra).

**Científicos**[Editar]

Um ensaio sobre o calendário judaico, baseado em princípios astronômicos. Está dividido em duas partes:

1. Molad (conjunção da lua)
2. Teḳufah (estações do ano).

- Foi traduzido para o hebraico por um escritor anônimo e foi inserido no *Dibre Ḥakamim* de Eliezer de Túnis (Metz, 1849), e também em *Ḳobeẓ Teshubot Rambam* (Leipsic, 1859).
- *Fi al-Jama'ah*, na relação sexual, em três partes, dedicada a Malik al-Mustafir, Sultão de Hamat e sobrinho de Saladino. Foi traduzido para o hebraico duas vezes: sob o título *Ma'amar 'al Ribbui ha-Tashmish*, de Zerahiah ben Isaac, e sob o título *Ma'amar ha-Mashgel* (anônimo). T

- Tanto originais quanto traduções, bem como uma versão em latim, existem em vários manuscritos: *Al-Sumum wal-Mutaḥarriz Min al-Adwiyyah al-Ḳitalah* (também chamado de *Al-Maḳalah al-Faḍiliyyah*), sobre vários venenos e seus antídotos, em dois volumes. Traduzido para o hebraico, sob o título *Ha-Ma'amar ha-Nikbad*, ou *Ha-Ma'amar ser-Teri'aḳ*, de Moisés ibn Tibbon; existentes em vários manuscritos. Uma tradução latina deste trabalho foi feita por Armengaud Blasius de Montpellier. Uma tradução francesa da versão hebraica foi feita por M. Rabbinowicz sob o título *Traité des Poisons* (Paris, 1865), e uma tradução alemã de M. Steinschneider intitulada *Gifte und Ihre Heilungen* (Berlim, 1873).
- *Fi al-Bawaṣir* sobre hemorróidas, em sete capítulos. Traduzido para o hebraico sob o título *Ha-Ma'amar bi-Refu'at ha-Ṭeḥorim*, e para o espanhol com o título *Sobre los Milagros*. O original e as traduções são encontrados no manuscrito *Fuṣul Musa*, uma imitação dos aforismos de Hipócrates. Traduzido para o hebraico por Zerahiah ben Isaac e por Nathan ha-Me'ati (*Pirḳe Mosheh*, Lemberg, 1804; Wilna, 1888). Uma tradução latina foi publicada em 1489.
- *Maḳalah fi al-Rabw*, sobre asma. Traduzido para o hebraico por Samuel ben Benveniste e Joseph Shatibi. Comentário sobre os aforismos de Hipócrates. Extraído do comentário de Galeno; traduzido para o hebraico por Moisés ibn Tibbon e anonimamente.
- Ensaios sobre higiene, ou consultas com Malik al-Faḍl, filho de Saladino. Traduzido para o hebraico por Moisés ibn Tibbon, e publicado primeiro em *Kerem Ḥemed* (iii. 9-31), e mais tarde por Jacob Safir ha-Levi (Jerusalém, 1885).
- Uma tradução latina foi publicada em Veneza (1514, 1518, 1521) e Leyden (1531). Outra tradução latina foi feita do hebraico por João de Cápua; uma tradução alemã foi publicada por D. Winternitz (Veneza, 1843), *Maḳalah fi Biyan al-A'raḍ*, sobre o caso do Príncipe de Rikka. Traduzido para o hebraico anonimamente sob o título *Teshubot 'al She'elot Peraṭiyyot*. Uma tradução latina foi publicada em 1519 sob o título *De Causis Accidentium Apparentium*.

**Correspondência**Editar

A correspondência de Maimônides e algumas consultas surgiram inicialmente sem lugar nem data e, mais tarde, sob o título *Teshubot She'elot we-Iggarot*, em Constantinopla (1520). Sua responsa foi traduzida do árabe para o hebraico por Mordecai Tammah, e publicada em Amsterdã, 1765, sob o título *Pe'er ha-Dor*, e em Leipsic, 1859, sob o título *Ḳobeẓ Teshubot Rambam*.

**Obra Alakista (escritores ou compilador da Alaca)**Editar

**Objetivo dos Preceitos**Editar

O objetivo fundamental de todas as obras Alakicas de Maimônides era levar o sistema e a ordem à tremenda massa da lei tradicional e promover seu conhecimento, apresentando-a de forma comparativamente clara e breve. Esta tarefa auto-imposta foi a conseqüência necessária de seus pontos de vista sobre a missão e o propósito dos judeus e sua relação com a lei revelada; pois aos olhos dele a Lei, que o judeu estava destinado a seguir, não se limitava ao código escrito, mas, de acordo com a visão tradicional (veja a Lei Oral)[36] adotada por Maimônides, abrangia explicações, regulamentos e provisões orais que foi dado a Moisés.

Esses preceitos e regulamentos tinham igual validade com a lei escrita, assim como todos os que os estudiosos deduziram da Bíblia pelas regras da lógica ou da hermenêutica. Havia, além disso, preceitos estabelecidos por profetas e sábios que não tinham conexão com a lei escrita, embora fossem aceitos por todo o povo e fossem obrigatórios (Comentário sobre a Mishná, Introdução).

Uma condição necessária para a observância da Lei era um conhecimento dela, e o judeu era obrigado a entrar em estudos científicos que ele pudesse entender corretamente as verdades contidas na Torá e atingir a perfeição espiritual; assim, ele foi incapaz de dedicar todo o seu tempo à investigação dos mandamentos da Lei.

Um código fixo, portanto, tornou-se necessário para que cada homem conhecesse a Lei e seus preceitos, e nela as regras e regulamentos devem ser contidos com brevidade gestante. A Mishnah de Judá ha-Nasihad foi um desses códigos, mas não teve comentários, e o Talmude, destinado a preencher esse desejo, ficou aquém de seu objetivo.

O tratamento da Mishnah no Talmud era muitas vezes ininteligível, como quando afirmava que uma dada mishnah continha isto ou aquilo quando tal não foi declarado na própria Mishnah, ou que uma mishnah estava incompleta, enquanto outra requeria correção.

O plano geral do Talmud também não era um comentário satisfatório, pois freqüentemente explicava uma discussão por meio de discussões que eram muito detalhadas e muito envolvidas, enquanto a linguagem empregada era ininteligível para a maioria.

Era muitas vezes impossível interpretar uma mishnah, exceto por declarações espalhadas por dois ou mais tratados, de modo que um conhecimento profundo de todo o Talmud, que poucos poderiam alcançar, era necessário para determinar a decisão exata da mishnah em questões práticas.

Era impossível, além disso, considerar até mesmo o código mishnaico como completo, uma vez que não continha as muitas regras e regulamentos que foram desenvolvidos e elaborados no período talmúdico posterior; e o povo judeu, consequentemente, carecia do corpo de lei que era tão requisitado (Carta a Ibn 'Ainin, na coleção de responsa e cartas de Maimonides, p. 30b, Leipsic, 1859).

**Comentário e CódigoEditar**

Maimônides se propôs a tarefa de satisfazer esse desejo. Isso ele procurou fazer comentando sobre a Mishnah e disponibilizando-a como um código, a partir do qual decisões de rolamento prático poderiam ser deduzidas sem a necessidade de trabalhar através de muitas disputas envolvidas (Introdução).

Ele planejou também um novo e mais abrangente corpo de leis que, baseado na Torá escrita, deveria conter tudo aquilo que um judeu fiel deve conhecer, de modo que ele não precisa gastar todo o seu tempo em controvérsias e disputas Talmúdicas (Carta a Ibn 'Ainin, lpp 31b).

Os dois métodos de comentário e codificação foram, na opinião de Maimônides, os únicos a serem seguidos por todos os autores, sendo o modelo do Talmud e do outro a Mishnah (Responsa, nº 140, Leipsic, 1859). Torna-se assim possível distinguir entre as contribuições cementatórias e codificatórias de Maimonides à lei religiosa.

**Comentário sobre a MishnáEditar**

Atividade Comentatória: Em uma pesquisa da atividade de Maimônides como comentarista, apenas seu comentário sobre a Mishná é considerado, pois embora seja verdade que Maimônides escreveu comentários sobre o Talmude, especialmente nas três ordens de Mo'ed, Nashim e Neziḳin, assim como no tratado Ḥullin (Introdução), todos eles foram perdidos, enquanto o comentário sobre Rosh ha-Shanah (ed. Brill, Paris, 1865) é de autenticidade duvidosa. Estes são de importância neste contexto apenas na medida em que deve ser assumido que muitas decisões nas obras de Maimônides que aparentemente contradizem o significado do Talmud foram provavelmente baseadas em interpretações divergentes que ele havia adotado em seus tratados Talmudic perdidos. Muito diferente é com o seu comentário sobre a Mishná, que foi preservada em sua totalidade, e na qual pode ser vista a combinação de um plano gigantesco e um método detalhado que Maimônides adotou. Em seu glossário mishnaico Maimonides era na maior parte um comentarista, procurando expor a Mishná àqueles que a estudavam e dando-lhes as regras gerais pelas quais eles poderiam entender seu verdadeiro significado. Esses princípios, que permitem uma interpretação correta de muitas passagens da Mishná, estão espalhados em seu comentário, e ele insta o leitor a impressioná-los em sua memória, de modo que não haja necessidade de repeti-los (Comentário sobre a Mishná, BB v. 2 e Nazir ix.).

A interpretação em si foi projetada para permitir que o leigo entenda a Mishnah, já que ele não poderia trabalhar através das disputas envolvidas com o Talmude, e em muitos casos era incapaz de entender a linguagem (comp. *Yad*, Prefácio). E mesmo estudiosos talmúdicos poderiam receber grande ajuda do comentário, uma vez que removiam as dificuldades de muitas passagens mishnaicas e as explicavam corretamente; porque numerosas passagens na Mishná não foram compreendidas nem mesmo pelos Gueonim e autoridades principais (Comentário sobre o Mishnah, 'Ab. Zarah v. 8 e Ket. i. 6). Toda a ordem mishnaic Ḳodashim era ininteligível tanto para estudiosos e leigos, uma vez que a grande maioria tinha pouco conhecimento das leis relativas ao sacrifício, de modo que seu comentário sobre essa porção da Mishnah foi planejado para ajudar tanto o professor quanto o aluno. para Ḳodashim). Além desse serviço puramente comentatorial, o glossário foi elaborado para dar sentenças em leis religiosas de importância prática, que o leigo seria totalmente incapaz de deduzir do Talmude, enquanto que mesmo para um especialista sua dedução seria difícil e precária. Depois da explicação de Maimônides do significado de cada passagem mishnaica, ele declara como a decisão halakica prática é determinada.

**Efeito prático, aplicabilidadeEditar**

Desejando que seu comentário servisse para instrução tanto em questões religiosas quanto morais, ele frequentemente omitia uma discussão detalhada da visão de um tanna onde ele não era aceito na prática (comp. Frankel, *Hodegetica*, p. 324). Ele não se limitou, conseqüentemente, a uma explicação do Mishnah e uma declaração das decisões halakic definitivas, mas aproveitou todas as oportunidades para expor abusos, superstições e erros, mesmo nos casos em que suas observações têm apenas uma pequena conexão com o conteúdo do Mishnah, ou, na verdade, nenhum (comp. sua polêmica contra aqueles que escreveram amuletos, no Comentário sobre o Mishnah, Soṭah vii. 8, e contra aqueles que usaram o aprendizado como um meio de ganho, ib. Ned 3 e Bek iv 6).

Na maioria dos casos Maimonides deu a interpretação talmúdica de uma mishnah com a omissão de todas as explicações e dissertações sutis, e nessa medida seu comentário serve como uma introdução ao Talmud, na medida em que, após o leitor ou o aluno ter adquirido, com A ajuda deste gloss, um conhecimento da Mishnah e está familiarizado com os resultados da exposição talmúdica contida nela, ele é capaz de se aventurar com sucesso no mar do próprio Talmud (Introdução). No entanto, ele não seguiu as interpretações talmúdicas em todos os lugares, pois em muitos lugares onde a exegese mishnaica do Talmud não lhe parecia correta, independentemente de sua autoridade, ele expunha suas próprias opiniões (comp. Schorr em *He-Ḥaluẓ,* 1860, v. 43-49). Isso ele fez mesmo nos casos em que outra visão da Halakah no que se refere a decisões práticas resultou de sua interpretação (Schorr, ib .; comp. Lipmann Heller, *Tosafot Yom-ob*, em Naz. Iv. 4 e Sheb. Iv. 10 ). Em passagens em que o Talmud deu duas explicações contraditórias mishnaica, uma das quais foi recebida como válida para uma decisão halakica enquanto o outro foi rejeitado, ele, aparentemente, não hesitou em aceitar o último (comp. Sua interpretação de B. Ḳ. x 8 e Guemará ib.).

**Atitude em relação aos antecessores**[Editar]

Maimônides também empregou as obras de seus predecessores, embora os citasse, mas raramente, pois considerava supérfluo mencionar o nome de sua autoridade em todos os casos. Assim, ele diz no prefácio dos oito capítulos que ele prefixou ao seu comentário sobre *Abot*: *Eu não inventei essa explicação, ou a mim mesmo enquadrei essas afirmações, mas eu as tirei das palavras dos sábios e as recolhi das obras. Embora eu não as chame, eu não reivindico, pelo meu silêncio, o aprendizado dos outros como meu, pois acabo de admitir que muito é tirado de outras fontes*. Ele era, no entanto, inteiramente independente em relação aos seus precursores, e freqüentemente refutava as explicações dos Gueonim, afirmando na carta a 'Aḳnin (p. 3lb) que muitos erros em seu comentário se deviam à sua adesão aos seus predecessores, incluindo o rabino Nissim.

Maimonides interpretou a linguagem da Mishnah de acordo com as regras da gramática hebraica e aramaica, e empregou o *Aruk* em suas explicações das palavras, embora muitas vezes caísse no erro de considerar as palavras emprestadas gregas na Mishnah como hebraico e explicar-los em conformidade (comp. Weiss, *Mishpa Leshon ha-Mishnah*, p. 11, Viena, 1867). Para uma melhor interpretação, ele freqüentemente citava os princípios de outras ciências, como matemática e física, enquanto alcançava o objetivo de trazer sistema e ordem à massa da tradição, detalhando, antes de cada discussão importante, os princípios gerais sobre os quais se baseava. Maimonides forneceu vários tratados e ordens com prefácios e prefixou em seu comentário inteiro uma introdução geral, na qual ele discutiu a origem, o plano e o arranjo da Mishnah e deu conta da transmissão da lei oral. Nesta introdução e em seu prefácio ao *Yad*, bem como em suas cartas e em numerosas notas dispersas em seu comentário, Maimônides deu informações coerentes e abrangentes sobre a origem da Mishná, a Tosefta, o midrashim alákico, e ambos Talmudes, em que ele evidenciou um conhecimento da história literária superior ao de todos os seus antecessores.

Como comentarista, Maimônides alcançou apenas metade de sua meta, embora tenha reduzido sua interpretação do código alákico para a menor bússola possível. Ele foi, portanto, obrigado a planejar um novo e mais abrangente sistema de leis. Não era necessário, contudo, em sua opinião, que isso seguisse o antigo código mixnaico; deve ser organizado de acordo com o seu assunto. Todos os regulamentos legais, conseqüentemente, deveriam ser divididos em grupos, mas antes que os preceitos pudessem ser classificados, era necessário enumerá-los e determinar quais regulamentos deviam ser considerados como mandamentos. Muitas passagens da Torá, que são um mandamento ou uma proibição na forma, não são uma na realidade. Algumas ordenanças, declarou Maimônides, são meras fundações para outras leis e não podem ser consideradas independentes.

**Sefer ha-Miẓwot**[Editar]

Na enumeração de todos os mandamentos da Torá, que, segundo a tradição, numerados 613, existia grande confusão antes do tempo de Maimônides, desde que nenhum princípio de classificação foi estabelecido e, conseqüentemente, os vários sistemas entraram em conflito em muitos aspectos. Como

uma espécie de introdução ao seu novo código, Maimônides prefixou uma obra contendo uma lista seca de todos os mandamentos da Torá. No *Sefer ha-Miẓwot*, ele sistematizou os mandamentos, deduzindo-os de catorze princípios evidentes, enumerando os 613 mandamentos nessa base. Esse trabalho foi geralmente aceito e formou a base da maioria das listas subseqüentes. Deve-se admitir, contudo, que o próprio Maimônides freqüentemente se desviava de sua própria regra e citava mandamentos individuais que, segundo seu sistema, não podiam ser considerados como preceitos, um ponto para o qual a atenção era chamada já na época de Naḥmanides (Weiss, l.c. pp. 197-199). (Veja os 613 mandamentos.)

Atividade Codificadora: Depois de estabelecer a lista de todas as injunções da Torá em seu *Sefer ha-Miẓwot*, Maimônides passou a escrever sua grande obra, a *Mishneh Torah*, na qual ele trabalhou por dez anos consecutivos. Neste livro ele planejou um sistema legal completo que deveria dar uma forma breve mas clara a decisão final no caso de cada lei, de modo que, pela omissão de longas discussões e demonstrações, cada regulamento, lei e costume da vida religiosa pode ser aprendido sem qualquer outro manual. Ele nomeou o trabalho, portanto, o *Mishneh Torá*, ou a *Repetição da Lei*, já que era necessário ler primeiro a Torá escrita e depois este trabalho a fim de adquirir todo o corpo da chamada *lei oral*. O livro contém todas as definições da Lei, juntamente com todas as explicações tradicionais, estatutos e regulamentos, bem como as tradições e explicações dos Gueonim e os costumes que foram dadas, introduzidas ou reconhecidas desde o tempo de Moisés até a conclusão do Talmud (Prefácio ao *Mishneh Torah*). Inclui também as idéias éticas, os ensinamentos morais e os princípios doutrinários que eram tradicionais ou que haviam sido estabelecidos pelos sábios ou adotados por consentimento geral.

**Mishneh TorahEditar**

No *Mishneh Torah* os mandamentos da Lei são divididos em catorze grupos coerentes. Isso forma a primeira classificação completa das leis mosaicas e rabínicas; Cada grupo constitui um livro e cada livro é subdividido em seções, capítulos e parágrafos.

Divide-se; em:

1. ° Tomo = *Livro da Ciência*. *Madda*, trata dos artigos da fé e de tais verdades essenciais como a unidade de Deus e Sua incorporeidade; também trata do estudo da Lei e da proibição da idolatria.
2. ° Tomo = *Livro do Amor*. *Ahabah,* contém os preceitos que devem ser observados em todos os momentos, se o amor devido a Deus deve ser lembrado continuamente.
3. ° Tomo = *Livro dos Tempos*. *Zemannim*, discute as leis que são limitadas a certos momentos, como o sábado e os festivais.
4. ° Tomo = *Livro das Mulheres*. *Nashim*, trata das leis do casamento.
5. ° Tomo = *Livro da Santificação*. *Ḳedushshah*, contém leis relativas a relações sexuais proibidas e alimentos proibidos, e como Israel foi distinguido por estes mandamentos das outras nações e foi assim santificado
6. ° Tomo = *Livro da Insensatez*. *Hafla'ah*, preocupa-se com a lei referente a votos e juramentos, e como aquele que faz um voto é separado por seu voto de outros.
7. ° Tomo = *Livro das Sementes*. *Zera'im*, trata das leis e preceitos ligados à agricultura.
8. ° Tomo = *Livro do Serviço*. *Abodah*, está relacionado aos regulamentos relativos ao Templo e sua adoração e às ofertas da comunidade.
9. ° Tomo = *Livro dos Sacrifícios*. *Ḳorbanot*, contém leis para ofertas, exceto as de toda a comunidade.
10. ° Tomo = *Livro da Purificação*. *Ṭohorah*, discute as regras de limpeza e impureza.
11. ° Tomo = *Livro dos Prejuízos*. *Neziḳin*, trata do direito penal.
12. ° Tomo = *Livro da Aquisição*. *Ḳinyan*, dedicado à compra e venda.
13. ° Tomo = *Livro dos Juízos*. *Mishpaṭim*, dedicado ao direito civil.
14. ° Tomo = *Livro dos Juízes*. *Shofeṭim,* às prescrições relativas aos magistrados, ao sinédrio, ao rei e aos juízes, bem como aos deveres que devem cumprir e às prerrogativas de que gozam.[n: 2]

**Suas fontesEditar**

A maior brevidade foi procurada por Maimônides em seu *Mishneh Torah*, como em seu comentário sobre a Mishnah, e ele continuou seu método de evitar citações, achando suficiente nomear no prefácio as obras que ele havia usado, e os sábios, elos na cadeia da tradição, que transmitiu a Lei de Moisés (Prefácio ao seu *Sefer ha-Miẓwot*). Além do Talmude Babilônico, ele recorreu ao Talmude de Jerusalém, ao midrashim halákico e à Sifra, Sifre e Mekilta. Nisso ele superou todos os seus

predecessores, nenhum dos quais fez um uso tão extenso do Talmude de Jerusalém e do midrashim halákico; ele ocasionalmente preferia essas obras ao Talmude Babilônico (comp. Malachi ha-Kohen em *Yad Mal'aki*, p. 184b; Weiss, l.c. p. 232). Essas obras talmúdicas e midrashicas formam a base da maior parte do material contido neste livro, sem menção especial das fontes (Responsa, nº 140).

Uma das principais autoridades de Maimônides foi a própria Torá escrita, e há muitos regulamentos e leis contidos em seu trabalho que não são mencionados em obras talmúdicas ou midrashicas, mas que foram deduzidos por ele através de interpretações independentes da Bíblia (comp. Abraão de Boton, *Leḥem Mishneh* em *Yesode ha-Torá*, ix. 1; *Yad Mal'aki*, Regra 4; Weiss, lcp 231, nota 234). As máximas e decisões dos Gueonim são freqüentemente apresentadas com a frase introdutória *Os Gueonim decidiram* ou *Há um regulamento dos Gueonim*, enquanto as opiniões de Isaac Alfasi e Joseph ibn Migas são prefaciadas pelas palavras *Meus professores têm decidido* (comp. *Yad*, She'elah, v. § 6; *Yad Mal'aki*, Regra 32). Maimonides também se refere às autoridades espanholas, francesas e palestinas, embora ele não os nomeie, nem seja conhecido a quem ele se refere. Ele também extraiu de fontes gentílicas, e uma grande parte de suas pesquisas no calendário, contidas em *Yad*, Ḳiddush ha-Ḥodesh, baseava-se em teorias e cálculos gregos. Uma vez que essas regras repousavam sobre argumentos sólidos, ele pensava que não fazia diferença se um autor era um profeta ou um gentio (ib. Xvii. 25). Em um espírito semelhante, ele adotou princípios da filosofia grega no primeiro livro do *Mishneh Torah*, embora nenhuma autoridade para esses ensinamentos fosse encontrada na literatura talmúdica ou midráshica.

**Omissões**[Editar]

Maimonides não abdicou de sua originalidade ou de seu julgamento independente, mesmo quando suas opiniões estavam em conflito com as de todas as suas autoridades, pois era impossível, em sua opinião, renunciar às próprias razões ou rejeitar verdades reconhecidas por causa de algumas declarações conflitantes no Talmud ou no Midrash. Assim, ele tomou uma decisão sobre sua própria autoridade e baseou-se em seu conhecimento médico sem poder estabelecê-lo por qualquer declaração das autoridades mais antigas (*Yad*, Sheḥitah, viii. 23; comp. Responsa, nº 37, dirigida à estudiosos de Lunel). Ele também omitiu muitas regulamentações contidas no Talmude e na Mishná porque elas não coincidiam com seus pontos de vista—ou seja, aqueles preceitos que dependiam de visões supersticiosas ou da crença em demônios—e em um espírito similar, ele ignorou muito do que era proibido no Talmude como prejudicial à saúde, já que seu conhecimento médico o levou a considerar essas coisas inofensivas.

Em sua escolha de linguagem, também, Maimônides se desviou do costume, sendo avesso ao aramaico talmúdico, com sua mistura de muitos elementos extraídos de outras línguas, já que era conhecido apenas por aqueles que estavam especialmente interessados nele e o haviam adquirido apenas para a busca de estudos talmúdicos (Prefácio ao *Mishneh Torah*). Ele, portanto, preferiu escrever no hebraico posterior da Mishná, que era seu precedente também por sua brevidade, por evitar discussões e por escassas citações das fontes de onde extraíra suas leis e decisões.

**Oposição do RABaD**[Editar]

Esta grande obra de Maimônides foi amargamente atacada assim que apareceu, e de todos os lados seu autor foi atacado por perguntas e refutações. Muitos atacaram o trabalho da mera inveja e por causa de sua incapacidade de compreender certas coisas nele, e acusaram o autor de desejar destruir todo o estudo do Talmude (Responsa, nº 140). Ele tinha, por outro lado, muitos oponentes sinceros, sendo um dos mais importantes Abraham ben David de Posquières.[37][38] Esses antagonistas eram especialmente amargos contra os novos métodos que ele empregara, e as peculiaridades que ele considerava como méritos em sua obra não conseguiram agradar seus oponentes simplesmente porque eram inovações. Assim, eles o censuraram porque ele escreveu em Hebreu, em vez de no habitual idioma talmúdico (comp. RABaD em *Yad*, Shebu'ot, vi. 9); porque ele partiu da ordem talmúdica e introduziu uma divisão e arranjo próprio (RABaD em *Yad*, Nedarim, iii. 5, e em *Yad*, Shofar, ii. 8); porque ele se atreveu a decidir de acordo com o Tosefta e o Talmude de Jerusalém contra o babilônico (RABaD em *Yad*, Maaser Sheni, i. 8).

**Resposta de Maimônides**[Editar]

Especialmente afiada foi a culpa acumulada em Maimônides porque ele esqueceu de citar suas fontes; isso foi considerado uma evidência de sua arrogância (RABaD, em suas notas sobre o prefácio de Maimônides), uma vez que tornou difícil, se não absolutamente impossível, que os estudiosos verificassem suas declarações, e os obrigou a seguir suas decisões absolutamente (ib.). Maimonides, claro, se defendeu. Ele não compôs esse trabalho para a glória; desejava apenas fornecer o código

necessário, mas ausente (Carta a 'Aḳnin, p. 30b), pois havia perigo de que os alunos, cansados do estudo difícil, pudessem se desviar em decisões de importância prática (Carta ao Rabino Jonathan de Lunel,[39] em que ele agradece o último por certas correções; Responsa, n º 49). Nunca fora sua intenção, além disso, abolir os estudos talmúdicos, nem jamais dissera que não havia necessidade da *Halakot* de Alfasi, pois ele próprio dissera aos alunos sobre o Guemará e, a pedido deles, O trabalho de Alfasi (Responsa, n. 140). Sua omissão de suas fontes era devida unicamente ao seu desejo de brevidade, embora lamentasse não ter escrito uma obra suplementar citando suas autoridades para aquelas halakot cujas fontes não eram evidentes do contexto. Ele deveria, no entanto, se as circunstâncias permitirem, expiar esse erro, por mais difícil que seja escrever tal suplemento (Responsa, nº 140). RABaD foi forçado a reconhecer, apesar de seus ataques e refutações, que o trabalho de Maimônides foi uma magnífica contribuição (nota em *Yad*, Kilayim, vi. 2), nem hesitou em elogiá-lo e aprovar suas opiniões em muitas passagens, citando e comentando sobre as fontes (comp. Weiss, lcp 259).

**Influência do YadEditar**

Assim, o trabalho de Maimônides, apesar dos ataques agudos, logo conquistou o reconhecimento geral como uma autoridade de primeira importância para decisões ritualísticas. Uma decisão pode não ser apresentada em oposição a uma visão de Maimônides, mesmo que esta última tenha aparentemente militado contra o sentido de uma passagem talmúdica, pois em tais casos a presunção era de que as palavras do Talmude eram incorretamente interpretadas (*Yad Mal'aki,* Regra 26, p. 186, citada em nome de várias autoridades).

É preciso, da mesma forma, seguir Maimônides mesmo quando este último se opõe a seus mestres, já que ele certamente conhecia seus pontos de vista, e se ele decidiu contra eles ele deve ter desaprovado sua interpretação (ib. Regra 27, citada em nome de Samuel de Módena).[40] Mesmo quando autoridades posteriores, como Asher ben Jeiel, decidiram contra Maimônides, tornou-se uma regra dos judeus orientais seguir o último, embora os judeus europeus, especialmente os ashkenazitas, preferissem as opiniões de Asheri em tais casos (ib. Regra 36, p. 190). Mas a esperança que Maimônides expressou em sua carta a 'Aḳnin, de que, no devido tempo, seu trabalho e somente seu seriam aceitos, foi apenas parcialmente cumprida. Sua *Mishneh Torah* era de fato muito popular, mas não houve cessação no estudo de outras obras, com as quais ele próprio teve de suportar comparações.

O objetivo que Maimônides procurara em sua *Mishneh Torah*, a facilitação do estudo do Talmud através da brevidade e do sistema, não foi alcançado. Suas palavras e expressões foram consideradas tão precisamente e fielmente selecionadas que elas mesmas foram tratadas com tanto cuidado quanto o próprio Talmude, e se tornaram material para interpretação e exegese (*Yad Mal'aki*, Regra 3). Desta maneira, cada palavra e cada sentença do *Mishneh Torah* foi feito objeto de repetidos comentários e hermenêutica casuística. Como até então era impossível deduzir qualquer decisão da Mishná sem o conhecimento das discussões e interpretações envolvidas no Talmud, então agora nenhuma decisão de plena validade na prática pode ser inferida da *Mishneh Torah* a menos que seja dada a devida consideração aos comentários sobre este trabalho, bem como suas discussões, investigações e comparações com outros códigos.

**BibliografiaEditar**


- Modern: Peter Beer, Leben und Wirken des Maimonides, Prague, 1834;
- Geiger, Jüd. Zeit. i. 97 et seq.;
- idem, Moses ben Maimon, Breslau, 1850;
- Jost, Annalen, 1839, pp. 308 et seq.; 1840, pp. 32 et seq.;
- idem. Allg. Gesch. iv. 116 et seq.;
- idem, Gesch. des Judenthums, ii. 430 et seq.;
- Munk, Notice sur Joseph ben Jahoudah, Paris, 1842;
- idem, in Arch. Isr. 1851, pp. 319 et seq.;
- Bukofzer, Maimonides im Kampf mit Seinen Neuesten Biographen, Berlin, 1844;
- F. Lebrecht, Ueber die Apostasie des Maimonides, in Magazin für Literatur des In-und Auslandes, 1844, No. 62;
- A. Baruch, Two Lectures on the Life and Writings of Maimonides, London, 1847;
- Wüstenfeld, Gesch. der Arabischen Aerzte, p. 110;
- Carmoly, Histoire des Médecins, p. 52;
- Steinschneider, Cat. Bodl. cols. 1861-1942;
- idem, Hebr. Uebers. passim;
- idem, Die Arabische Literatur der Juden, § 158;

- idem, Sammlung Gedichten über Maimonides, in Ḳobeẓ al-Yad, Berlin, 1885 and 1886;
- Weiss, Bet Talmud, i., No. 6;
- Scheyer, Das Psychologische System des Maimonides, Frankfort-on-the-Main, 1845;
- Joël, Die Religionsphilosophie des Moses ben Maimon, Breslau, 1876;
- Kaufmann, Die Attributenlehre, passim;
- idem, Zur Biographie Maimonides, in Monatsschrift, 1896, p. 460;
- M. Friedländer, Introduction to the Guide of the Perplexed;
- Hermann Kahan, Hat Maimonides dem Krypto-Mohammedanismus Gehuldigt? 1899;
- Berliner, Zur Ehrenrettung des Maimonides, in Israelitische Monotsschrift, 1901, No. 6;
- J. Friedländer, Der Arabische Sprachgebrauch des Maimonides, Frankfort-on-the-Main, 1902;
- Abrahams, Maimonides, Philadelphia, 1903;
- Grätz, Gesch. vi. 310.
- Geiger, Moses ben Maimon, in Nachgelassene Schriften, iii. 34-96;
- Malachi ha-Kohen, Yad Mal'aki, pp. 182a-187b, Przemysl, 1877;
- Weiss, Tolcdot ha-RaMBaM, in Bet Talmud, vol. i.;
- idem, Dor, iv. 290-303.


**As 7 regras DE HILLEL***

**Hinei Tzemach Shmô**
**Eis que se chamará Renovo - Zechariah 6:11-12**

**"Rabi. Joshua ben Levi diz : o nome do Mashiach é Tzemach..."**
**Talmud Brachot Cap. 2 Halachá**

**Traduzido por Shaul Ben Tsion**

" Se a sabedoria não deixa espaço para uma opinião divergente,
você sabe que não é mais sabedoria." - Chabad Rebe

## As 7 regras DE HILLEL*

As sete regras de Hillel existiam muito tempo antes do Rabino Hillel (60 BCE), mas ele foi o primeiro a escrevê-las. As regras são tão antigas que podemos notá-las no Tanach ("antigo testamento").

Os Rabinos Hillel e Shamay eram lideres competitivos no judaísmo durante os dias da juventude de Yeshua. Hillel foi conhecido por ensinar o "espírito" da Torá (Lei) e Shamay foi conhecido por ensinar a "letra da Torá (lei)". O ensino de Yeshua seguia em maior parte a da escola de Hillel do que da escola de Shamay (Mateus 19:9).

Por exemplo, uma "regra de ouro" famosa de Yeshua Portanto, tudo o que vós quereis que os homens vos façam, faça também vós a eles; porque esta é a Torá (lei) e os profetas. (Mateus 7:12)

Hillel falava: O que é ruim para você ,então não faça a seu próximo pois isto e toda a Torah (lei) ... (talmude. Tratado- b.Shabbat 31a)

Após a morte de Hillel o responsabilidade da "escola de Hillel" foi passada para seu filho Shimeon. Após a morte de Shimeon a responsabilidade da escola de Hillel passou a Gamli'el (Gamaliel).

Este Gamaliel falou em defesa dos Natzarim (Nazarenos, judeus crentes) atos 5:34 - 39. Era o professor de Shaul/Paulo (atos 22:3). Em 2 Timoteo. 2:15, Paulo fala de 'que maneja bem a palavra da verdade.' Que Paulo queria dizer com isto? Ele queria dizer que havia maneiras certas e erradas de interpretar as escrituras sagradas?

Paulo acreditava que a regras certas a serem seguidas ao interpretar (compreender) as escrituras

sagradas?

Paulo estava falando das sete regras de Hillel?

Paulo certamente aprendeu estas regras na "escola" de Hillel pelo próprio Gamaliel o neto de Hillel. Quando nós examinamos as cartas do Sh'liach Shaul (Apostolo Paulo), nós veremos que estão cheias com os ensinos de Hillel e suas sete regras (diversos exemplos aparecem abaixo). Parece então que as sete regras de Hillel são pelo menos parte de que Paulo estava querendo dizer quando falou de 'que maneja bem a palavra da verdade.'

**As sete regras de Hillel são:**

**1. Kal Vahomer (leve e pesado)**
A regra de Kal Vahomer diz que o que se aplica em um caso menos importante se aplicará certamente em um caso mais importante.

Um argumento kal vahomer é frequentemente, mas não sempre, sinalizado por uma frase como "quanto mais..."
Os escritos rabínicos reconhecem duas formas de kal vahomer:

· **meforash kal vahomer** - Neste forma o argumento kal vahomer aparece explicitamente.

· **satum kal vahomer** - Em qual o argumento kal vahomer é somente implicado.

Há diversos exemplos do kal Vahomer no Tanach ("antigo" testamento").
Por exemplo: Eis que o justo é castigado na terra; quanto mais o ímpio e o pecador! (Provérbios 11:31)

E: Se te fatigas correndo com homens que vão a pé, então como poderás competir com cavalos... (Jeremias 12:5)

Outros exemplos nas escrituras: Deuteronômio 31:27; 1 Samuel 23:3; Ezequiel 15:5; Esther 9:12

Há diversos exemplos de kal vahomer na Brit haDashá (novo testamento). Yeshua usa freqüentemente esta forma de argumento.
Por exemplo: Qual dentre vós será o homem que, tendo uma só ovelha, se num sábado ela cair numa cova, não há de lançar mão dela, e tirá-la? Ora, quanto mais vale um homem do que uma ovelha! Portanto, é lícito fazer bem nos sábados. (mateus.12:11-12)

E: Ora, se um homem recebe a circuncisão no sábado, para que a lei de Moisés não seja violada, como vos indignais contra mim, porque no sábado tornei um homem inteiramente são? (João 7:23)

Outros exemplos do uso de Yeshua de kal vahomer kal são:

Mateus 6:26, 30 = Lucas 12:24, 28; Mateus 7:11 = Lucas 11:13; Mateus 10:25 & John 15:18 - 20; Mateus 12:12 & João 7:23

Kal Vahomer é especialmente usado pelo apostolo Paulo. Os exemplos incluem: Romanos 5:8 - 9, 10, 15, 17; 11:12, 24; 1 Corintos 9:11 - 12; 12:22; 2 Corintos 3:7 - 9, 11; Filipenses 2:12; Filemon 1:16; Hebreus 2:2 - 3; 9:13-14; 10:28 - 29; 12:9, 25.

**2. G'zerah Shavah (Equivalência das expressões)**

Uma analogia é feita entre dois textos separados na base de uma frase, de uma palavra ou de uma raiz similar - isto é, onde as mesmas palavras são aplicadas a dois casos separados, segue as mesmas considerações que se aplicam a ambas.

Exemplo nas escrituras sagradas: Comparando 1 Samuel 1:10 a juízes 13:5 usando a frase "nenhuma navalha tocará no sua cabeça " nós podemos então concluir que Samuel, assim como Sansão, eram nazireus.

Exemplo no novo testamento: Em Hebreus 3:6 - 4: 13 Paulo comparam salmos 95:7 - 11 = Hebreus 3:7 - 11 ao Genesis 2:2 = Hebreus que 4:4 baseado nas palavras "trabalho" e do "dia/" "hoje" ('dia' no Hebraico é literalmente 'o dia'). Paulo usa esta exegeses para chegar a conclusão que haverá 6.000 anos deste mundo seguido por uns 1.000 anos Shabat.

**3. Binyan ab mikatub Echad (Construindo uma "família" de um único texto)**

Um princípio é encontrado em diversas passagens: Uma consideração encontrada em um deles aplica-se a todos.
Hebreus 9:11 - 22 aplica o "sangue" do Êxodo 24:8 =Hebreus 9:20 para Jeremias 31:31 - 34

**4. Binyab ab mishene Kethubim (Edifício acima de uma "família" de dois ou mais textos)**

Um princípio é estabelecido relacionando dois textos junto:

O princípio pode então ser aplicado a outras passagens. Exemplo:
Não cometereis injustiça no juízo, nem na vara, nem no peso, nem na medida. Balanças justas, pesos justos, efa justa, e justo him tereis. Eu sou o S-nhor vosso D-us, que vos tirei da terra do Egito. (Levitico 19:35 - 36)

Pelo uso da quarta regra de Hillel nós podemos reconhecer que a provisão de pesos e medidas iguais aplica-se também a como nós julgamos os outros e suas ações.

Em Hebreus 1:5 - 14, Paulo usa a regra para mostrar que o Messias é de uma ordem mais elevada do que anjos:

salmos 2:7 = Hebreus 1:5
2 Samuel 7:14 = Hebreus 1:5
Deuteronômio 32:43 /salmo 97:7/(Neemias. 9:6) = Hebreus 1:6
salmos 104:4 = Hebreus 1:7
salmos 45:6 - 7 = Hebreus 1:8 - 9
salmos 102:25 - 27 = Hebreus 1:10 - 12
salmos 110:1 = Hebreus 1:13

**Binyan ab mikatub Echad e Binyab ab mishene Kethubim**

são especialmente úteis em identificar princípios bíblicos e aplicá-los às situações reais da vida. Nesta maneira as escrituras sagradas são é recontextualizadas de modo que permanecesse relevante para todas as gerações.

**5. Kelal Uferat (O geral e o detalhe)**

Um princípio geral que pode ser restringido por um particularização dele em um outro verso - ou, inversamente, uma regra particular pode ser prolongada em um princípio geral. Um exemplo: Genesis 1:27 faz a indicação universal que o D-us criou o ser humano. Genesis 2:7, 21 particulariza este dando os detalhes da criação de Adam e de Chava (Eva). Outros exemplos seriam versos que detalham com como para fazer sacrifícios ou como para manter as festas

**6. Kayotze bo Mimekom akhar (Analogia feita de uma outra passagem)**
Duas passagens podem parecer se por ou estarem conflitantes até comparado com uma terceira, que tenha pontos da similaridade não necessariamente verbal mas em geral em pensamento.

**Exemplos no Tanach:**

· Levitico 1:1 'chamou pra fora da tenda da revelação, lhe disse' e Êxodo 25:22 'de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins' pareça discordar até que nós examinemos números. 7:89 onde nós aprendemos que Moshé entrou na tenda da revelação para ouvir Adonay falar entre os querubins.

· 1° crônicas 27:1- explica o conflito numérico entre 2° Samuel 24:9 e 1° Crônicas 21:5.

· Êxodo 19:20- 'Adonay desceu em cima da monte Sinai' parece discordar com o Deuteronômio 4:36, 'Do céu te fez ouvir a sua voz.' Êxodo 20:19 (20: 22 em algumas edições) reconcilia os dois que nos dizem que D-us trouxe os Céus ate o monte Sinai e falou. (m.Sifra 1:7)

Um exemplo de Romanos: Paulo mostra que as seguintes passagens das escrituras parecem se opor: O justo viverá pela fé (Romanos 1:17 = Habakuk 2:4) com 'Não há nenhuns justo,nenhum sequer...' (Romanos 3:10 = salmos 14:1 - 3= salmos 53:1 - 3; Eclesiastes 7:20). Paulo faz o mesmo aqui: '[D-us] retribuirá a cada de acordo com suas ações.' (Romanos 2:6 = salmos 62:12; Provérbios 24:12) com Abençoado são aqueles cujas as vidas sem Torá (de iniqüidades) são perdoadas, e cujas os erros são cobertos; Feliz o homem quem Adonay não imputa o pecado. (Romanos 4:7 - 8 = salmos 32:1 - 2) Paulo resolve o conflito aparente citado em Genesis 15:6 (em Romanos 4:3, 22): Abraham confiou em D-us, e foi-lhe imputado como ato de justiça. Assim Paulo resolve o conflito aparente mostrando que sob determinadas circunstâncias, a fidelidade/fé/confiança podem agir como um substituto para o justiça/ser justo.

**7. Davar hilmad Me'anino (Explanação obtida do contexto)**

O contexto total, não apenas a indicação isolada deve ser considerado para uma exegese exata. Um exemplo seria Romanos 14:1,

'Eu sei, e estou certo no Adon Yeshua, que nada é de si mesmo impuro a não ser para aquele que assim o considera; para esse é impuro... " Paulo não está revogando as leis kosher (dietéticas da por D-us), mas está indicando-as aos gentios crentes (cristãos) na congregação em Roma (dentro de contexto maior em Romanos) que :

1° as coisas são impuras não por si só, mas porque foi D-us que disse que elas são impuras.

2° devem sempre lembrar se do princípio maior, comer o que é Kasher (limpo , puro sob as leis dieteticas)

é secundário ao que tange a salvação e justificação para a vida eterna.

**שבת שלום**

"E Yeshua disse-lhes: Por isso, todo (Estudioso da Torá) escriba
que foi instruído sobre reino dos céus é semelhante a um homem,
proprietário, que tira do seu tesouro coisas novas e velhas."
(Mattheus 13:52)

Benny Zahav – E-mail enviado por Hernando do grupo Ysraelitas (Yahoo).

Giliardi Rodrigues às 15:31

**Um comentário:**

**Links para esta postagem**

Hilel é conhecido por ser o sábio que preservava o amor, o humanismo, a bondade, a paciência e a humildade. Ele foi o primeiro dos rabinos fariseus, nasceu na Babilônia durante o século I A.E.C., mudou-se para a Judéia com 14 anos. Passou alguns anos em Jerusalém e depois se mudou para a Galiléia.

Os ensinamentos dele se encontram relatados no Pirkei Avot (a ética dos pais), escrito na Babilônia e depois acrescidos de outros ensinamentos, sendo adicionados ao Talmud. Nessa época, houve uma grande disseminação do Talmud, que tornou os eruditos da Mishná os verdadeiros líderes religiosos do povo, os chamados Tanaim (de Taná, em aramaico, significa aquele que estuda, repetindo e transmitindo os ensinamentos de seus mestres).

Esse período dos Tanaim foi considerado de grande criatividade, inovação e grande florescimento

da cultura judaica, ao mesmo tempo em que foi de uma crise turbulenta, culminando com a destruição do templo no ano 70 E.C., o que tornou necessária a restauração de toda a vida religiosa. Hilel era chamado também de HaZaken (do hebraico, O Velho), o que indicava que ele tinha um lugar de honra alto na comunidade.

A primeira geração dos Tanaim, que exerceu suas atividades no início do reinado de Herodes, é representada por Hilel e Shamai, fundadores de duas escolas que levaram seus nomes (Bet Hilel e Bet Shamai). As duas escolas refletiam a personalidade de seus fundadores. Hllel era uma pessoa amável, simples, próxima às camadas mais modestas, e suas máximas breves refletem sua generosidade, piedade e amor à humanidade. Shamai era extremamente íntegro, mas rígido e irascível.

Hilel foi responsável pelo estabelecimento da Halachá, o conjunto de regras baseadas na interpretação da Tora, ou seja, como um judeu deveria viver de acordo com a Tora. Ele foi o líder de uma revolução espiritual no judaísmo. Ele acreditava na presença contínua de D'us no Universo e que a única maneira dos homens servirem a D'us era por meio de seus atos, sendo diretamente responsáveis por eles perante D'us. Falava também de união mística entre D'us e o homem. Apesar de todas as controvérsias que se acenderam entre estas, ambas inscreviam-se na estrutura tradicionalmente aceita no judaísmo. As disputas pela Halachá entre elas prosseguiram por muitas gerações até que finalmente prevaleceram os pontos de vista de Hilel.

Seus ensinamentos eram muitas vezes opostos aos ensinamentos de Shamai. Dizem que o Talmud registra 300 discordâncias entre eles, mas esse número inclui as discordâncias entre seus discípulos, uma vez que ambos criaram escolas rabínicas.

Como já citado, Hilel era um homem de paz, humilde e respondia a todas as perguntas que lhe eram feitas, mesmo as constrangedoras. Ao contrário de Shamai, Hilel tinha alunos não-judeus.

Ele estimulava, nos homens, a auto-estima com talvez seu pensamento mais famoso: "Se eu não for por mim mesmo, quem será por mim? E, se somente por mim, o que eu sou? E, se não for agora, quando?". E com outro: "Aquele que tenta engrandecer seu nome o destrói; aquele que não aumenta seu conhecimento o diminui e aquele que não estuda merece morrer".

Hilel teve em sua academia 80 discípulos, muitos dos quais importantes. O conselho dos membros da corte de Herodes não foi seguido. Ele faleceu no ano 10 E.C., ou seja, 14 anos depois da morte de Herodes, o Grande.

Shammai, assim como Hilel, era um judeu nascido no século 1 A.E.C., um líder religioso importante e grande na literatura rabínica, na Mishnah (primeira discussão feita a partir da Torá que vai para o Talmud). Ele era o "adversário" de Hilel, sendo sempre mencionado junto a ele.

Diferentemente de Hilel, Shammai era um homem rígido, justo e sem paciência. Uma das histórias que se conta é que um dia, um homem veio a busca de Shammai e pediu para ser convertido: "Converter-me na condição de que você me ensina toda a Torá, enquanto eu estou apoiado em um só pé", Shammai empurrou-o para fora com a régua em sua mão, então veio Hilel e lhe disse: "O que não desejas para ti não o faças aos outros. Esta é a Torá, o resto é comentário. Vai e aprende.".

Numa época de grande agitação política e social, Shammai foi uma grande influência, recusando-se a ser intimidado pela potência estrangeira. Ele cresceu à sombra da opressão de Herodes, e acreditava sempre que era necessário ter uma postura firme para lidar com os adversários da tradição judaica. Conta-se que, quando Herodes apareceu na sala do Sinédrio, rodeado pela guarda real, totalmente armados, o silencio reinava. Podia-se sentir o sentimento de intimidação naquela sala, quando, apenas Shammai, sem medo, levantou-se para falar contra ele. Passou então a fazer decretos para separar e proteger a comunidade judaica da interferência de Herodes e dos romanos. Ele alertou o perigo de Herodes a seus colegas, avisando-os de que ele iria dominá-los sem piedade. Na verdade, Shammai foi um dos poucos a sobreviver.

No entanto, apesar de toda a sua tenacidade em assuntos jurídicos e políticos, temos uma perspectiva bastante diferente de Shammai quando nos voltamos a Halachá. Lá, Shammai diz: "Cumprimente cada homem com um semblante alegre e um sorriso". Os preceitos morais da Halachá estão associados aos sábios que não só ensinavam, mas viviam daquela maneira. Aqui, Shammai era um homem com um sorriso radiante e pronto, que seus colegas e discípulos conheciam tão bem.

Então, como compreender Shammai? Porque ele mesmo não seguia seus ensinamentos? A resposta encontrada é que Shammai não é o homem dos "pedidos". Ele acreditava, assim como na história da conversão do homem apoiado em um pé só, que, para aprender a Torá não se podia ter pressa, e, se um candidato a conversão tem pressa, é porque não a merece.

No Talmud se diz: "Que o homem seja sempre humilde e paciente como Hillel e não exaltado como Shamai.". Isso soa como uma condenação, mas, na verdade, como um conselho: “Se você é como Shammai, e suas motivações são puramente por uma questão do Céu e do bem de Israel, então se pode ser tão severo com os outros como ele era.”. Entretanto, mesmo se não compreendermos Shammai por completo, podemos compreendê-lo um pouco, Shammai, O Entendido.

## HILLEL, UM SÁBIO PROFESSOR

**Fernando J G Marinho**

**Há cerca de três décadas, lecionei matemática para turmas correspondentes às atuais 5a e 6a séries do 1° grau em um curso noturno da Escola Técnica D. Bosco , em Resende-RJ . Como o exercício do magistério não era a minha atividade principal, resolvi aprimorar meus conhecimentos pedagógicos lendo A ARTE DE SER UM PERFEITO MAU PROFESSOR, do saudoso mestre Júlio César de Melo e Souza. A motivação para a leitura desse livro foi imediatamente fortalecida quando me deparei com a história narrada na orelha da obra. O Prof. Melo e Souza, cujo pseudônimo Malba Tahan tornou-se mundialmente conhecido graças à tradução de várias das suas criações para um sem número de idiomas, começa descrevendo quem era Hillel e a nos induzir à admirá-lo e seguí-lo como modelo. Com a palavra o mestre Melo e Souza:**

**" Já lá se vão muitos e muitos séculos... Havia na Judéia um rabino chamado Hillel. Era um homem de caráter reto, chefe de família exemplar, dotado de extraordinário e incalculável saber. Em conferências, na Sinagoga, esclarecia as passagens mais difíceis e obscuras dos Livros Santos. Reconheciam todos que o rabi Hillel dispensava a seus alunos ( que eram numerosos), o maior respeito e amizade. Tratava-os com extrema cordialidade e dedicação. Procurava auxiliar e motivar os mais fracos e animar e amparar os mais tímidos. Jamais dirigia a um de seus educandos uma palavra descaridosa e áspera. Era, para com todos, simples, justo e acolhedor. Quando chegava diante da classe, antes de iniciar a lição, o sobreexcelente Hillel cumprimentava os alunos, inclinando-se três vezes.**

**Certa vez, o estimado Naumin, cantor da Sinagoga, interpelou o sábio Hillel:**

**- Rabí! Estranho é o teu proceder. És o homem mais sábio de Israel. As tuas eloqüentes lições, no Templo, são ouvidas com o maior acatamento até pelos anciãos doutos e veneráveis. E, no entanto, tratas os teus jovens e inscientes alunos sem o mais leve traço de superioridade, com extrema brandura. E tu estás, ó Rabi, muito alto! Como poderias justificar essa tua maneira singelíssima de acolher os educandos?**

**Respondeu Hillel, com serenidade:**

**- Meu filho, trato os meus alunos com o maior respeito, procuro cativá-los e orientá-los pelo bom caminho, por um motivo muito simples: Eu sei, com segurança, o que sou ; sei também, o que posso valer. Mas o que eles, os meus pacientes alunos serão e o que poderão valer, eu não sei, nem poderei saber!**

**E inclinou-se, novamente, três vezes diante de seus alunos.**

**Como é singular o destino! Não há palavras perdidas pelos caminhos da vida. Entre os alunos de Hillel achava-se naquela ocasião, um adolescente chamado Jesus, filho do nazareno José, o Carpinteiro. "**

**O último contato que tive com meus ex-alunos da Escola Técnica D.Bosco ocorreu dois anos após haver me afastado das funções de professor daquele estabelecimento de ensino. Foi justamente na festa de diplomação dos meus jovens ginasianos que, emocionadíssimo agradeci , publicamente , o fato de terem me convidado para servir como paraninfo da turma e os ensinamentos que também haviam me transmitido.**

**Quanto ao sábio Hillel, acabei admirando-o mais ainda, quando tomei conhecimento da influência que as suas idéias haviam exercido sobre uma outra notável personalidade: Ludovico Lázaro Zamenhof (1859-1917). O livro " HOMARANISMO - a idéia interna " , de Délio Pereira de Souza, Editora Espírita Sociedade F.V.Lorenz ( Rio de Janeiro-RJ ), cuja apresentação, feita pelo professor e amigo Benedicto Silva, merece ser aqui reproduzida, nos dá uma boa noção do valor desses dois extraórdinários filantropos .**

**"Entre os esperantistas e não-esperantistas, é comum referir-se a Zamenhof apenas como o criador ou, como ele mesmo se dizia, o iniciador da língua internacional Esperanto.**

**E o foi, realmente.**

**Entretanto, para que possamos avaliar a imensa estatura do seu espírito, não podemos limitar-nos a vê-lo tão-somente como o genial lingüista que legou à humanidade o mais perfeito instrumento de comunicação internacional, nem tampouco como o eminente estilista que se revelou através de dezenas de traduções das mais representativas obras da literatura universal, desde os livros do Velho Testamento, até as clássicas páginas de Shakespeare, Dickens, Andersen, Schiller, Heine, Goeth, Molière e Gogol.**

**A grandeza de Zamenhof reside principalmente na evangélica ternura com que ele dedicou toda a sua vida à solução de um dos maiores e mais antigos problemas da humanidade- a incompreensão dos povos, incompreensão geradora dos mais profundos ódios e das guerras mais sangrentas.**

**Atormentado, desde a infância, pelas hostilidades decorrentes de toda sorte de preconceitos, dentre os quais avultaram os raciais, já na infância sentiu despertar em sua alma sensível e cristã o germe do sentimento a que deu o nome de "homaranismo", e que outra coisa não era senão um grande e sincero amor à humanidade, à coletividade dos homens.**

**Esse sentimento não só fez de Zamenhof o protótipo do cosmopolita, como também o induziu a dotar sua língua internacional - o Esperanto- de uma certa magia, de um certo sortilégio, que ele chamou de "interna ideo"( idéia interna), e que consiste num poder misterioso, capaz de estabelecer um sentimento fraternal entre as pessoas que o praticam, qualquer que seja a raça, a nação ou a religião a que pertençam.**

**Em Zamenhof o gênio lingüistico não suplantou o dom apostólico. Antes, serviu-lhe de caminho- o caminho mais indicado que se devia seguir para atingir o fim desejado.**

**Isto é o que todo leitor sente ao ler a obra original de Zamenhof, constituída, em sua maior parte, de cartas e pequenos tratados.**

**Délio Pereira de Souza foi além. Captou a mensagem e não a guardou avaramente para si. Comentou-a, esmiuçou-a com paciência beneditina e no-la deu assim, de mão beijada, num gesto de cristianíssima generosidade. "**

**Amigo leitor, entre 12 e 16 deste mês, juntamente com outro coidealista daqui de Petrópolis, Luiz Carlos Schanuel, estarei participando do 35° Congresso Brasileiro de Esperanto ( Campo Grande-MS). Nesse mesmo período do próximo ano, será a vez de Petrópolis servir de sede para o maior evento da Liga Brasileira de Esperanto. A publicação semanal desta coluna ; a realização de cursos básicos da língua internacional na Universidade Católica de Petrópolis, bem como o desenvolvimento do Projeto Sementeira Esperanto no Colégio Estadual Rui Barbosa são algumas das iniciativas que estamos procurando ampliar, com vistas a divulgação do esperanto na Região Serrana e ao maior sucesso do Congresso do ano 2000.**

---

**Gamaliel**

**Gamaliel, o Ancião** (גמליאל), ou rabino **Gamaliel I** (segunda metade do século I a.C. — cerca de 50 d.C.) foi o neto do grande educador judeu Hilel, o Ancião. Líder dentre as autoridades do Sinédrio de meados do século I, reconhecido mestre e Doutor da Lei (Torá). Morreu vinte anos antes da destruição do Segundo Templo em Jerusalém.[*carece de fontes*?]

Existiu também um conhecido gnóstico chamado Gamaliel, com o nome de Barnabé, segundo os Evangelhos Gnósticos - vide Nag Hammadi (manuscritos).

**Índice**


- Como rabã
- Gamaliel e os discípulos de Jesus de Nazaré
- Bibliografia
- Ligações Externas


## Como rabãEditar

No Talmude, Gamaliel tem o título de rabã (*rabban*), um título dado ao rabino superior (presidente) do Sinédrio, da qual ele é o primeiro dos sete nomeados líderes da escola de Hilel, que tiveram este título. Na Mixná, é considerado o autor de alguns decretos legais que afetam o bem-estar da comunidade, e que regulam certas questões relativas a direitos conjugais.

## Gamaliel e os discípulos de Jesus de NazaréEditar

Ver artigo principal: Conselho de Gamaliel

Segundo a Bíblia, Gamaliel era fariseu e doutor da Lei naquela época, tendo muitos discípulos, inclusive Saulo (conhecido também como Paulo). Segundo os Atos dos Apóstolos. Ele defendeu os apóstolos contra a fúria dos saduceus no Sinédrio em Atos 5, alertando os sacerdotes que se aquela obra (dos apóstolos) viesse de homens, cairia por si mesma, mas se viesse de Deus, seria indestrutível, sendo necessário que se tomassem as devidas cautelas para não se achar combatendo contra Deus.

**Rabino** significado:

1. líder religioso de comunidade judaica. 2 mestre, profundo conhecedor da doutrina rabínica.

## BibliografiaEditar


- Barclay, William (1955), *The Acts of the Apostles* (Philadelphia: Westminster Press).
- Bock, Darrell L. (2007), "Acts: Baker Exegetical Commentary on the New Testament" (Ada, Michigan: Baker Publishing Group)
- Bruce, F.F. (1977), *Paul: Apostle of the Heart Set Free* (Grand Rapids: Eerdmans).
- Oster, Richard (1979), *The Acts of the Apostles, Part II* (Austin, Texas: Sweet Publishing Company).


- Hilel (ca. 60 ca BC-AD. 10) foi um estudioso judeu e fundador de uma dinastia dos patriarcas que eram os chefes espirituais do judaísmo até o século 5.

  Fontes de informação sobre Hilel são escassos e devem ser peneirada de muitas lendas que as gerações posteriores têm girado sobre ele. Hillel, conhecido como Hilel Hazaken ou Hillel, o Velho, nasceu na Babilônia e foi dito que desceu da casa de Davi. Impelidos pela sede de aprender, ele migrou para a Palestina em idade madura (ca. 40 aC) e chegaram a Jerusalém apenas alguns anos antes de Herodes, o Grande, ascendeu ao trono da Judéia. Em Jerusalém, Hilel estudou na academia de dois acadêmicos de alto renome, Shmaiah Abtalion e, ao mesmo tempo ganhar a vida como um pobre trabalhador braçal. Metade dos salários Hillel foi o apoio de sua família, enquanto o restante foi utilizado para aulas na academia.

  Hilel dedicou-se aos seus estudos com grande zelo e competência e conseguiu atingir o posto

de príncipe, nasi ou presidente do Bet Din Hagadol, o Supremo Tribunal de estudiosos ordenado conhecido como o Grande Sinédrio. Este era o supremo órgão legal e judicial na Judéia.

Ensinamentos de Hilel

Hillel parece ter grande ênfase a prática de escolas babilônico para derivar doutrina e legislação diretamente do texto bíblico em vez de simplesmente confiar na tradição estabelecida, memorizados e transmitidos oralmente de uma geração para outra. Este método de dedução textual, chamado midrash, ou exposição, envolveram o uso de Sete Hillel regras da lógica. Estas regras permitiram a rabinos Hilel e as subsequentes gerações de aplicar a lei às novas condições sobre a teoria de que as novas leis foram implícita na lei mosaica.

Hillel era um homem de caráter santo e nobre e disposição. Uma anedota popular diz dos pagãos que pediu Hillel para lhe ensinar toda a Torá no tempo ele poderia ficar em um pé. Imperturbável, Hilel respondeu: "O que é odioso para ti, não o faça até o seu vizinho Esta é toda a Torá eo resto é comentário;. Ir estudar ainda mais!" Esta versão da regra de ouro é considerado por muitos como um preceito menos utópico e mais prático do que a afirmativa de amar o próximo como a si mesmo (Lv 19:18).

As frases atribuídas a Hillel na dissertação (Pais) revelam a sua humanidade e virtude. Hillel foi um grande amante da paz, que conclamou seus seguidores a "ser dos discípulos de Arão, [que era famoso como um pacificador na tradição rabínica];. Amorosa tuas criaturas e desenhá-los perto da Torá" "Não julgueis o teu próximo até que sejas em seu lugar", insistiu ele. "Se eu não sou para mim mesmo, que será para mim, mas se eu for só por mim, então o que sou eu?" Ele ensinou. Ele também pregou a doutrina social, "Não te separar da comunidade."

Para 2 1 / 2 anos, a Hillelites e Shammaites dizem ter debatido a questão de se valia a pena de existência, o Hillelites caracteristicamente tendo um ponto de vista positivo e Shammaites negativa. Sobre esta questão básica das duas escolas opostas acordado que, teoricamente, o Shammaites pode estar correta, mas na prática, uma vez que a existência é um fato, o homem deve viver de forma construtiva e eficaz. De afirmação da vida permite que o judaísmo sem outra atitude.

Da inciclopedia do Judaismo sobre Hilel

(C.70 aC-c. 10 dC). Um líder dos fariseus, durante o reinado do rei Herodes e maior sábio do período do Segundo Templo, conhecido como Hillel, o Velho (ou a "Babilônia"). Nascido em uma família que alegou descendência de Davi, Hillel primeiro estudou a Torá em sua nativa Babilônia, então em Jerusalém sob Shemayah e Avtalyon. Enquanto aperfeiçoando sua bolsa de estudos da Torá, em Jerusalém, ele foi forçado a manter a sua família ea si próprio em tudo o que ele poderia ganhar de trabalho manual, dos quais metade foi para o porteiro na casa de estudo. Uma vez em uma sexta-feira, no auge do inverno, Hillel faltava a penalidade e foi incapaz de ganhar a admissão; ele, portanto, rastejou até o telhado, a fim de ouvir a lição através de uma clarabóia. Ao amanhecer, Shemayah e Avtalyon avistou sua figura obstruindo a luz e ele tinha trazido para baixo, quase congelado até a morte sob um manto de neve. Embora fosse um sábado, eles tiveram um fogo aceso para reanimá-lo, declarando que ele era digno do sábado está sendo profanado por causa dele (Yoma 35b). Após a morte de seus mestres, Hillel, aparentemente, passou algum tempo tanto na Babilônia ou Alexandria, ou então com um grupo sectário no deserto.
Sua emergência como um professor autoritário da Halachá é descrito numa passagem talmúdica (Pes. 66), indicando a forma como ele encontrou uma solução para o problema de saber se a oferta pascal poderia ser feita se véspera da Páscoa coincidiu com o sábado. Hillel usou seu cânone de hermenêutica, sete regras de interpretação da Bíblia (mais tarde expandido para 13 por Ismael Ben Eliseu), que parecem ter sido até então desconhecida e que só foram aceitas depois que ele apelou para a autoridade de seus professores, e Shemayah Avtalyon. Embora no primeiro tratados com desdém por causa de sua origem babilônica, Hillel foi eventualmente nomeado Nasi (presidente ou patriarca), cargo que manteve hereditária entre seus descendentes durante vários séculos. Como seus antecessores, ele compartilhou autoridade com um vice-presidente do Sinédrio, o presidente do tribunal rabínico (av aposta

din) --- primeiro com uma certa Menahem, que renunciou, levando consigo muitos dos seus alunos, em seguida, com Samai que se tornou colega de Hillel e polemista ao longo da vida. Em face do reinado de Herodes de terror, Hillel parece ter adotado uma política quietista, mas ele não hesitou em criticar o estilo de vida opulento da família rica e poderosa em Jerusalém de seu tempo (Avot 2:7).

Como chefe do Sinédrio, Hillel presidiu a autoridade do povo judeu religioso supremo e legais. Uma vez que seu cânone hermenêutico (Midrash) tinha sido aceite, desde maior capacidade de adaptação, permitindo que tanto a interpretação extensiva e restritiva das Escrituras. A tradição oral, recebida de seus professores, desempenhou um papel importante. controvérsias rabínicos, que posteriormente multiplicado entre as escolas de Hillel e Shammai (ver Bet Hillel e Bet Shamai), eram ainda poucos. Na esfera jurídica, Hillel introduziu certas reformas (takkanot) motivada pela preocupação social --- nomeadamente o Prosbul, uma instituição de direito grego que praticamente aboliu a lei bíblica cancelar as dívidas no ano sabático de libertação (shemitá; 15:01 Deut. -18).

Acima de tudo, no entanto, Hillel foi um professor da Torá. Como uma fonte coloca (Suk. 20a), Esdras Hillel --- --- como antes dele vieram de Babilônia, a restauração da Torá, quando havia sido esquecida em Israel, tentando aproximá-la dos seus companheiros. Houve uma tendência de sua época (exemplificada pela Shammai) a discriminação na escolha dos alunos, com boa educação e riqueza como condições prévias. Hillel rejeitou este tipo de procedimento enfaticamente, e ele é descrito como o ensino da Torá aos trabalhadores sobre a sua maneira de trabalhar e receber questionadores em sua casa. Ele estabelecer padrões elevados para seus alunos. Torá deve ser estudado desinteressadamente para seu próprio benefício e não por motivos ulteriores (Avot 1:12-13). Apesar de uma vida de estudo da Torá pode envolver dificuldades, como Hillel conhecia pessoalmente, a recompensa celeste seria proporcional (cf. Avot 5:22). Aprender, e aprender sozinho, pode refinar personalidade do caráter do aluno e religiosas, dotá-lo com o temor de Deus, e criá-lo ao nível de um hassídico, um homem verdadeiramente piedoso (Ibid. 2:5).

Hillel métodos de ensino foram socrática e itinerante, o mais provável, de influência helenística: perguntas e respostas, declarações enigmáticas provocando uma resposta e afiar a mente do estudante. O professor deve ser paciente (ibid.) e do ensino deve ser prático, através do exemplo pessoal, o conceito de "estudiosos servir" (shimmush) tem sido uma parte da pedagogia rabínico desde então. Quanto ao conteúdo, foi Escritura --- tanto a Escrita ea Torá Oral --- cuja origem igual Sinaitic Hillel foi o primeiro a formular (Shab. 31a). A Torá Oral consistiu de tradições imemoriais (Halachá Le-Mosheh Mi-Sinai), Alfândega (Minhagim), e, cada vez mais desde Hillel, Midrash (veja acima). A sabedoria popular, o resultado da experiência humana acumulada, também foi ensinado por ele, e apoiada por citações das Escrituras.

Foi eminentemente como um hassídico, um homem de ação piedosa, Hillel que deixou sua marca em seu e todas as gerações futuras. Cada ação dele foi "por amor do céu", motivado pelo desejo apenas servir a Deus e fazer a Sua vontade. Hilel acreditava na justiça divina. Vendo um crânio flutuando na água, ele observou: "Porque você outros afogados, eles têm que se afogou, e, no final, aqueles que se afogaram você também vai ser afogado" (Avot 2:6).

Em Sucot, no desenho Festival da Água, no entanto, ele alegremente exclamar: "Se eu [ou seja, Deus] estou aqui, todos estão aqui, mas se eu não estou aqui, então quem é?" (Suk. 53).

A piedade que Hillel evidenciada estava amarrado com uma boa dose de paciência para com os outros. Perguntado por um pretenso adepto que lhe ensinasse toda a Torá enquanto estava em um pé, Samai teve raiva conduzido o homem para longe, mas Hillel finalmente respondeu com o adágio: "O que é odioso para ti, não o faça até o seu próximo; esta é a Torá, todo o resto é comentário. Agora vai aprender! " (Shab. 31a). Hillel considerou que esta "regra de ouro" não só a melhor introdução ao judaísmo para um neófito, mas também a sua soma total.

Dos alunos de Hillel, tradicionalmente de 80, 30 eram considerados dignos do "espírito santo" (profecia), o caçula de seus discípulos foi Raban Yochanan Ben Zakkai (Suk. 28a). Uma voz celestial é relatado para ter declarado que Hillel próprio teria merecido o "espírito santo" teve sua geração também foi digna. Quando ele morreu (com a idade de 120 de acordo com Sif.

Deut. 357:7), ele foi velado por sua humildade e piedade. Hillel desempenhou um papel decisivo na história do judaísmo. Suas regras hermenêuticas expandido e revolucionou a tradição judaica, o seu stress na primazia da conduta ética, a sua tolerância e humanidade, influenciou profundamente o caráter ea imagem do judaísmo, assim como o pensamento dos fundadores do cristianismo uma ou duas gerações depois dele. Nos tempos modernos, os movimentos de dissidência judaica têm procurado justificativa em seus ensinamentos. Hillel era o patrono do que tem sido chamado de "judaísmo clássico": o culto do poder e do Estado, ele se opôs ao ideal de uma comunidade de sábios judeus --- que amam a Deus e seus semelhantes.

-